



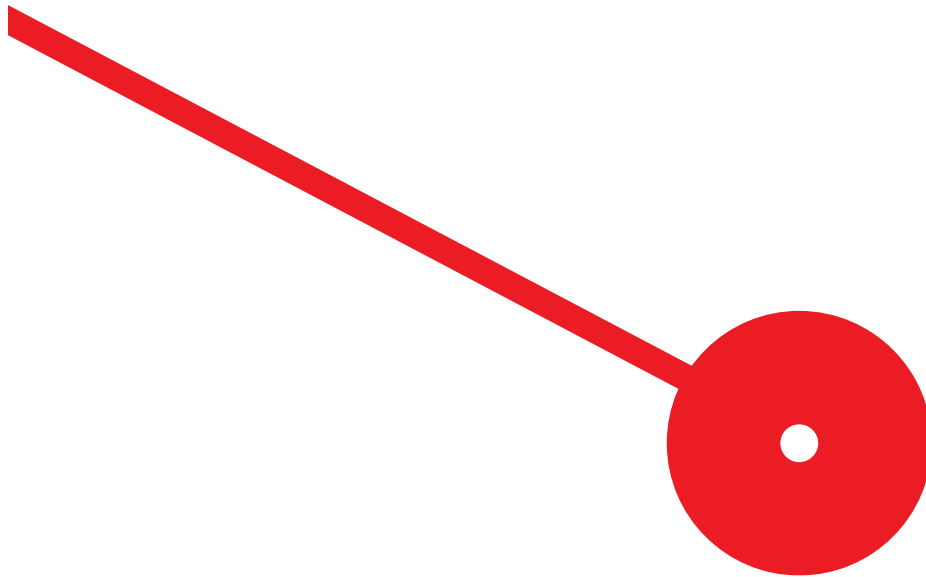
# Ciência da Informação, Museologia e a Acessibilidade das Coleções na Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão

Filipe José Capela Novais Teixeira

10/2023

Filipe José Capela Novais Teixeira. Ciência da Informação, Museologia e a  
Acessibilidade das Coleções na Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão

10/2023

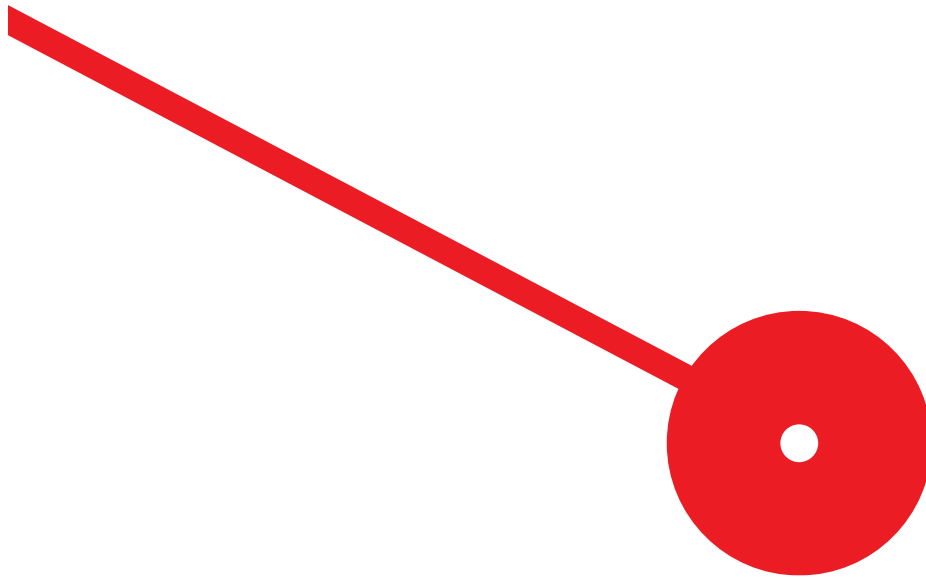




# Ciência da Informação, Museologia e a Acessibilidade das Coleções na Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão

Filipe José Capela Novais Teixeira

Dissertação de Mestrado apresentado ao Instituto Superior  
de Contabilidade e Administração do Porto para a obtenção  
do grau de Mestre em Informação Empresarial sob  
orientação de Doutora Milena Carvalho e Doutora Susana  
Martins



## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, quero agradecer à Professora Doutora Milena Carvalho e à Professora Doutora Susana Martins, pela orientação dada na elaboração desta dissertação, assim como por toda a ajuda, conselhos e motivação desde o primeiro momento.

Quero agradecer a todos os docentes com que me cruzei neste percurso académico que teve como objetivo a obtenção um Mestrado em Informação Empresarial, que me transmitiram conhecimento essencial para a elaboração desta dissertação e me despertaram interesse e curiosidade na área ao longo deste percurso.

Quero agradecer à Inês que esteve comigo desde o primeiro momento apoiando-me, que me motivou a procurar ser melhor, a dedicar-me mais, e nunca desistir por mais difícil que fosse o processo e perdido que pudesse estar.

Quero agradecer ao Malibu, ao Kimi e à Miley por me terem apoiado e terem estado sempre presentes ao meu lado.

Quero agradecer à minha família e amigos, que proporcionaram apoio incondicional, motivação e ajuda.

Finalizo agradecendo à Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão, em especial à Doutora Eva Cordeiro e ao Doutor Pedro Ferreira, e aos museus presentes na dissertação que compõem a Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão.

## **Resumo:**

Tendo como tema “Ciência da Informação, Museologia e a Acessibilidade das Coleções na Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão”, o projeto desenvolvido apresenta a oportunidade de compreender a relação entre a Ciência da Informação e a Museologia, considerando os Museus e o Património Cultural, bem como a acessibilidade às coleções dos museus na Rede de Museu de Vila Nova de Famalicão (RMVNF).

Assumem-se as seguintes questões de investigação “De que forma é gerida a informação/documentação na RMVNF e como é apresentada ao público?”; “De que forma a RMVNF lidou com a pandemia derivada do vírus SARS-CoV-2 (COVID-19) e como é que nesse período se relacionou com o público?”. Os objetivos identificados foram: Identificar o software que é usado nos museus da Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão e os respetivos instrumentos de acesso à coleção; Conhecer quais são os canais de informação e de que forma são usados, para a comunicação do seu acervo, ao público; Identificar quais as políticas de informação e tecnologia em vigor na rede e nas orientações sobre a acessibilidade e divulgação das coleções; Identificar quais foram as estratégias usadas para a continuidade da promoção, acessibilidade e a segurança das suas coleções.

A metodologia enquadra-se numa abordagem aplicada e qualitativa, que recorre à revisão da literatura e ao uso de entrevistas. A investigação colocada em prática consiste numa investigação exploratório-descritiva.

Concluída a análise e aprofundamento do tema, foi permitido compreender que a maior parte das unidades museológicas que compõem a RMVNF utilizam o InPatrimonium como software. Concluiu-se ainda que os museus no período pandémico adotaram medidas que, com o fim da pandemia, foram abandonadas por alguns deles. Os museus que mantiveram as inovações forçadas pelo período pandémico, conseguem, atualmente, continuar a tirar proveito das mesmas.

**Palavras chave:** Gestão da Informação; Ciência da Informação; Museu; Museologia.

## **Abstract:**

With the theme “Information Science, Museology and the Accessibility of Collections in the Vila Nova de Famalicão Museum Network”, the developed project presents the opportunity to understand the relationship between Information Science and Museology, considering Museums and Heritage Cultural, as well as accessibility to museum collections in the Vila Nova de Famalicão Museum Network (RMVNF).

The following research questions are assumed: “How is information/documentation managed in the RMVNF and how is it presented to the public?”; “How did the RMVNF deal with the pandemic derived from the SARS-CoV-2 virus (COVID-19) and how did it relate to the public during this period?”. The objectives identified were: To identify the software that is used in the museums of the Vila Nova de Famalicão Museum Network and the respective tools for accessing the collection; Know what the information channels are and how they are used to communicate your collection to the public; Identify which information and technology policies are in force on the network and the guidelines on accessibility and dissemination of collections; Identify which strategies were used for the continuity of promotion, accessibility and security of its collections.

The methodology fits into an applied and mixed approach, which resorts to a literature review and the use of questionnaires and interviews. The investigation put into practice consists of an exploratory-descriptive investigation.

After completing the analysis and deepening of the theme, it was allowed to understand that most of the museological units that make up the RMVNF use InPatrimonium as software. It was also concluded that museums in the pandemic period adopted measures that, with the end of the pandemic, were abandoned by some of them. Museums that maintained the innovations forced by the pandemic period are currently able to continue to take advantage of them.

**Keywords:** Information Management; Information Science; Museum; Museology.

## Índice geral

<b>Capítulo - Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I – Estado da Arte.....</b>	<b>5</b>
1.1 Ciência da Informação.....	6
1.1.1 Gestão da Informação.....	7
1.1.2 Tecnologias da Informação.....	12
1.2 Museologia.....	13
1.2.1 Museus.....	13
1.2.2 Museus e a pandemia SARS-CoV-2 .....	17
1.2.3 Património Cultural .....	22
1.2.4 Ciência da Informação, Museologia e a Acessibilidade das Coleções.....	24
<b>Capítulo II – Contextualização histórica: da criação dos Museus Municipais de Vila Nova de Famalicão à constituição da Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão .....</b>	<b>30</b>
2.1 Breve contextualização histórica.....	31
2.2 A criação dos Museus Municipais .....	32
2.3 A constituição da Rede de Museus .....	34
<b>Capítulo III – Abordagem Metodológica .....</b>	<b>37</b>
3.1 Abordagem Metodológica adota e método de investigação utilizado.....	42
3.2 Técnica de recolha de dados .....	45
3.2.1 A Entrevista .....	45
<b>Capítulo IV – Apresentação e Análise dos resultados obtidos .....</b>	<b>50</b>
<b>Capítulo V – Conclusão .....</b>	<b>52</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>66</b>
<b>Apêndices .....</b>	<b>71</b>
Apêndice I.....	81
Apêndice II.....	87

Apêndice III.....	101
Apêndice IV.....	114

## **Índice de Figuras**

Figura 1 – Ciclo da Gestão da Informação (p. 8)

Figura 2 – Papel do Gestor de Informação (p. 11)

Figura 3 – Localização dos museus em Vila Nova de Famalicão (p. 31)

Figura 4 – Cronologia da RMVNF (p. 37)

Figura 5 – Organograma da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão (p.37)

Figura 6 – Comparação de abordagem de investigação quantitativa e qualitativa (p. 43)

Figura 7 – Fomento da rede na ligação entre os museus (p. 53)

Figura 8 – Cooperação entre os museus (p. 54)

Figura 9 – Impacto nos museus por parte da rede (p. 54)

Figura 10 – Preferência do modo de “trabalhar” por parte dos museus (p. 55)

Figura 11 – Número de funcionários nas unidades museológicas (p. 56)

Figura 12 – Software utilizado na RMVNF (p. 59)

Figura 13 – Nível de tecnologia em relação aos outros museus da RMVNF (p. 61)

Figura 14 – Tecnologia utilizam na preservação (p. 62)

Figura 15 – Possuir site interativo (p. 63)

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1 – Base de dados, conceitos e resultados utilizados e atingidos na pesquisa (p. 41)

Tabela 2 – Tabela referente às questões “Consideram que as vossas instalações estão em bom estado?” e “Têm atingido boas quotas de visitantes?” (p. 53)

Quadro 1 – Tutela dos Museus da Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão (p. 35)

Quadro 2 – Ano da criação dos museus (p. 56)

Quadro 3 – Horário dos museus (p. 56)

Quadro 4 – Museus e quem possui site interativo (p. 63)

Quadro 5 – Público-alvo (p. 63)

Quadro 6 – Entrevista ao Museu da Guerra Colonial (p. 101)

Quadro 7 – Entrevista ao Museu Ferroviário (p. 102)

Quadro 8 – Entrevista ao Museu da Indústria Têxtil (p. 103)

Quadro 9 – Entrevista ao Museu da Cerâmica Artística da Fundação Castro Alves (p. 105)

Quadro 10 – Entrevista ao Museu Soledade Malvar (p. 106)

Quadro 11 – Entrevista ao Centro Português do Surrealismo (p. 108)

Quadro 12 – Entrevista ao Museu Bernardino Machado (p. 110)

## **Lista de abreviaturas**

RMVNF – Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão

SARS-CoV-2 – Vírus Covid-19

RL – Revisão de Literatura

RNL – Revisão Narrativa da Literatura

TI – Tecnologias de Informação

GI – Gestão de Informação

ICOM – International Council of Museums

CNP – Comissão Nacional Portuguesa

IPN – Instituto Português de Museus

INDOC – Information-Documentation Object

ICOFOM – International Committee for Museology of the International Council of Museums

CIDOC - Conselho Internacional de Museus

DGPC – Direção-Geral do Património Cultural

RPM – Rede Portuguesa de Museus

SPECTRUM – Standard Procedures for Collections Recording Used in Museums

ADFA – Associação Dos Deficientes Das Forças Armadas

ALFACOOOP – Externato Infante D. Henrique de Ruilhe

GAP – Gabinete de Comunicação

IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico

REMMO AVE – Rede de Museus e Monumentos do Ave

CC – Casa de Camilo – Museu Centro de Estudos

MBM – Museu Bernardino Machado

MIT – Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave

MCA – Museu da Cerâmica Artística da Fundação Castro Alves

CPS – Centro Português do Surrealismo

MF – Museu Ferroviário

SM – Casa-Museu Soledade Malvar

MGC – Museu da Guerra Colonial

MA – Museu do Automóvel

MAS – Museu da Arte Sacra

## **CAPÍTULO - INTRODUÇÃO**

---

A presente dissertação foi realizada no âmbito do Mestrado em Informação Empresarial, sob a orientação da Doutora Milena Carvalho e da Doutora Susana Martins.

O tema da dissertação é “Ciência da Informação, Museologia e a Acessibilidade das Coleções na Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão”, e apresenta a oportunidade de entender a relação entre a Ciência da Informação (e as suas componentes, Gestão da Informação e Tecnologias da Informação) com a Museologia (Museus e Património Cultural) e com uma análise da acessibilidade às coleções dos museus na Rede de Museu de Vila Nova de Famalicão (RMVNF).

A escolha deste tema recaiu na vontade de ligar duas vertentes presentes no percurso académico realizado, a Informação Empresarial e a História. Para conseguir relacionar estas duas temáticas, a área científica escolhida foi a Ciência da Informação, e as suas componentes, como a gestão da informação e tecnologias de informação e o impacto que têm em instituições que custodiam e preservam informação, neste caso os museus. Desta forma foi possível conciliar o campo da História com o campo da representação e organização da Informação. A oportunidade de conseguir aprofundar conhecimento e desenvolver este tema em específico, surge sob proposta das referidas orientadoras, tendo sido possível entrar em contacto com o responsável pela RMVNF bem como com as diversas unidades museológicas que a compõem. A metodologia enquadra-se numa abordagem aplicada e qualitativa, uma vez que irá pressupor, por um lado, uma revisão da literatura, e por outro, a recolha de dados qualitativos, através de entrevistas, sendo que a entrevista ao responsável da RMVNF segue um roteiro temático predefinido, centrando-se nas políticas de informação e tecnologia em vigor na rede e nas orientações sobre a acessibilidade e divulgação das coleções, no geral e em particular durante o período pandémico. Apesar da existência do guião, é possível a inclusão de questões pertinentes que possam surgir no momento (entrevista semiestruturada). A investigação que será colocada em prática nesta dissertação consiste numa investigação exploratório-descritiva, permitindo conhecer e aprofundar temáticas, promovendo a relação entre os diferentes conteúdos e a compreensão de causas e efeitos.

Assim, são no total de 11 museus são eles: Casa de Camilo – Museu. Centro de Estudos; Museu Bernardino Machado; Museu Fundação Cupertino de Miranda – Centro Português do Surrealismo; Museu Nacional Ferroviário – Núcleo de Lousado; Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave; Museu de Cerâmica Artística da Fundação Castro Alves; Museu do Automóvel; Museu da Guerra Colonial; Casa-Museu Soledade Malvar; Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa; Museu da Confraria de Nossa Senhora do Carmo

de Lemenhe. A rede é coordenada pelo Município através da sua Divisão de Cultura e Turismo.

Consideramos que a investigação desenvolvida é pertinente, pois é um tema que não havia antes sido estudado e realizado, permitindo assim compreender como a referida rede de museus na atualidade, lida com informação que custodia num momento em que a tecnologia demonstra ser essencial no nosso dia-a-dia, seja no contexto de trabalho seja no contexto educativo.

O projeto de dissertação no âmbito do Mestrado de Informação Empresarial, tem como questões de investigação: “De que forma é gerida a informação/documentação na RMVNF e como é apresentada ao público?” e “De que forma a RMVNF lidou com a pandemia derivada do vírus SARS-CoV-2 (COVID-19) e como é que nesse período se relacionou com o público?”. A partir destas questões pretende-se compreender como esta rede optou por gerir as diversas informações/documentações que cada museu alberga e como as divulgam ao público. Relativamente à segunda questão pretende-se entender como a situação de pandemia recentemente vivida afetou os museus que fazem parte da RMVNF, como é que estes decidiram adaptar-se e como é que a interação com o público sofreu alterações. Tendo como base estas questões de investigação identificou-se um conjunto de objetivos que se pretendem atingir, sendo eles os seguintes:

- Compreender como é gerida e comunicada a informação das coleções, identificando o software que é usado nos museus da Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão e os respetivos instrumentos de acesso à coleção;
- Conhecer quais são os canais de informação e de que forma são usados, para a realização da comunicação do seu acervo, ao público;
- Identificar quais as políticas de informação e tecnologia em vigor na rede e nas orientações sobre a acessibilidade e divulgação das coleções;
- Descrever como a Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão, lidou com a pandemia COVID-19 e, identificar quais foram as estratégias usadas para a continuidade da promoção, acessibilidade e a segurança das suas coleções.

A dissertação encontra-se estruturada em primeiro lugar com a **Introdução**, na qual são descritos os objetivos, resultados a alcançar e o enquadramento do tema. O **Capítulo I** (Estado da Arte), aprofunda o enquadramento teórico, e consiste numa revisão da literatura composta por estudos relativos a pontos que são a base da dissertação (Ciência

da Informação, Gestão da Informação, Tecnologias da Informação, Museologia, Património Cultural). O **Capítulo II** diz respeito à contextualização da Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão, desde as suas origens à criação dos museus municipais. O **Capítulo III** é referente à abordagem metodológica usada. O **Capítulo IV** consiste na apresentação e análise das evidências obtidas através da recolha de dados. A partir destes dados são respondidas as questões de investigação e objetivos na **Conclusão**. A dissertação é ainda composta pelas **Referências Bibliográficas, Apêndice e Anexos**.

## **CAPÍTULO I – ESTADO DA ARTE**

---

## 1.1 Ciência da Informação

Segundo os autores Silva e Ribeiro (2002) podemos interpretar informação como representações encriptadas que estejam presentes num suporte físico e, que sejam comunicadas em momentos diferentes em diversas direções. Consideram que devemos ter em conta as variadas propriedades da informação,

“A informação distingue-se, sem se separar, quer do conhecimento quer da comunicação constituindo não uma substância indefinida e etérea, mas sim um fenómeno (humano e social) suscetível de ser conhecido cientificamente. (...)” (Silva & Ribeiro, 2002, p. 42).

Ribeiro (2008, p.7) considera que determinados elementos que influenciam a informação enquanto “fenómeno humano e social”, conjugados com a definição previamente descrita, constituem as bases para um discurso científico do que estamos a considerar como objeto de estudo, sendo que determinará a competência profissional e as exigências profissionais do gestor de informação. Segundo Silva (2000), a informação assume o papel de fenómeno e de processo, realçando o modo como esta se interage/modifica com cada uma das etapas que compõem o ciclo da informação (criação, difusão, organização, armazenamento, pesquisa e uso). A partir desta definição, Silva (2000) aprofunda a característica que a informação assume, de modo a fundamentar a transdisciplinaridade da informação.

Buckland (1991) aprofunda a designação dada aos objetos, na qual interpreta que não podemos considerar os objetos como simples documentos “clássicos”, mas devemos interpretá-los como informação, uma vez que objetos, por exemplo num contexto de museu, serão reunidos, guardados, recuperados e analisados como pura informação, dado que são fontes de transmissão de informação. De tal modo, devemos incorporar objetos no contexto da Ciência da Informação, dos sistemas de informação e da visão geral da informação.

Valentim (2008), por sua vez, transmite a ideia de que a informação poderá ser compreendida como um facto, como um reforço do que já é sabido (acréscimo ao conhecimento), a que podemos considerar de matéria-prima para conseguirmos extrair o conhecimento e como uma atenuante à incerteza, pois reduz a incerteza. Há que ter em conta que a informação não é encontrada somente num documento, mas também num conjunto de documentos relacionados. De modo que haja uma boa pesquisa e informação de qualidade, é necessário desenvolver pesquisas profundas e em grande quantidade, contudo devemos ter em conta, que uma descentralização dos documentos pode originar

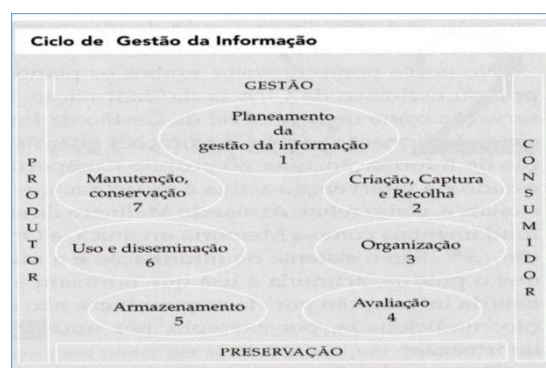
numa confusão documental, ou seja, divergir da pesquisa original podendo resultar em documentos com informação desnecessária e/ou com pouca qualidade.

Segundo Pinheiro (2009), mais tarde complementado por Oliveira (2011), a informação apresenta a característica da interdisciplinaridade, contudo esta ideia não era muito desenvolvida em fases iniciais da evolução da definição do conceito de informação, levando ao erro de considerar a interdisciplinaridade como uma característica “recente”, sendo que devemos realçar a ligação que esta tem às tecnologias da informação. A atribuição desta característica deve-se à presença da Ciência da Informação em diversas áreas do conhecimento, desde compreender como a informação se movimenta às suas propriedades, acessibilidade e uso.

De acordo com Araújo (2009) “[...] a Ciência da Informação é uma ciência voltada para o estudo da produção, organização, armazenamento, disseminação e uso da informação” (p. 200), assim como pretende apresentar respostas aos variados problemas presentes na sociedade. Segundo Carvalho (2014), o conceito de Ciência da Informação consiste no conjunto de problemas e metodologias que foram utilizadas nas tentativas de encontrar soluções para os problemas existentes. A partir destas definições podemos entender que a Ciência da Informação deve ser caracterizada como a ciência que estuda toda a informação desde a sua origem até à sua transformação de dados em conhecimento e ao seu armazenamento. Devemos de seguida focar na Gestão de Informação, de modo a entendermos como a informação se movimenta (Ciclo de Gestão de Informação) e como adquirir informação útil.

### **1.1.1 Gestão de Informação**

Torna-se necessário aprofundar e entender a Gestão da Informação no quadro da Ciência da Informação. Após entendermos que a Ciência da Informação estuda a informação desde a origem até se tornar em conhecimento, a Gestão da Informação enquadra-se num ciclo a que podemos denominar de Ciclo de Gestão da Informação (Figura 1), consistindo na aquisição de informações (podendo ser de apenas uma fonte ou de diversas fontes), na sua avaliação, finalizando com o arquivamento das informações ou com a sua eliminação.



**Figura 1** – Ciclo da Gestão da Informação  
 Fonte: **Pinto (2009)**

Uma vez compreendido o Ciclo de Gestão de Informação, é perceptível que a informação é valiosa e que num contexto organizacional, quem possuir determinadas informações terá ao seu dispor vantagens (vantagem competitiva) em relação a outras organizações. Contudo, há que ter em conta que a qualidade da informação depende de variados fatores, visto que o modo como utilizamos a informação e quantidade de informação que temos terá impacto na sua qualidade, sendo necessário filtrar a informação, para depois aferir a sua qualidade. Segundo Esteves (2016) para a gestão da informação na visão da Ciência da Informação, o utilizador necessita dos procedimentos mais eficientes de modo a garantir que a informação é de elevada qualidade, promovendo igualmente a sua recuperação. De acordo com Butcher e Rowley (1998) cit. por Silva & Corujo (2019), a gestão da informação

“é uma disciplina que inclui o planeamento de políticas de informação para toda a organização, o desenvolvimento e a manutenção de sistemas e serviços integrados, a otimização de fluxos de informação e o aproveitamento de tecnologias de ponta para responder às necessidades dos utilizadores finais, independentemente de seu estatuto ou do seu papel na organização.” (Silva & Corujo, 2019, p. 152)

A importância desta definição deve-se ao facto de afirmar que a gestão da informação se baseia em políticas de informação e que a forma como estas são elaboradas deve corresponder às necessidades dos utilizadores. Consideram que a gestão da informação apresenta quatro etapas propostas por Choo (1995), cit. por Silva & Corujo (2019),

“i) Determinação das exigências de informação; ii) Obtenção da informação; iii) Distribuição e utilização da informação; iv) Criação e disponibilização de produtos e serviços de informação.” (Silva & Corujo, 2019, p.161)

No entanto, há que conseguir garantir a qualidade da informação, sendo este o grande problema da Gestão da Informação (Gonçalves & Ribeiro, 2017), o que leva a que

haja uma estratégia eficaz que potencie a eficácia e a eficiência dos processos organizacionais. Sendo confrontados por novos desafios, cabe aos museus aplicar estratégias rápidas e capazes de se adaptarem aos diversos desafios que podem vir a surgir.

Segundo Silva et al. (1999) a arquivística é como “uma ciência social de informação social, que estuda os arquivos como sistemas de informação [...]”, e é ao entender a necessidade de um arquivo que conseguimos compreender que a informação que reside nos indivíduos (conhecimento pessoal) necessita de ser transformado em conhecimento para “ser partilhado e transformado em inovação” (Choo, 2003, p. 30). Choo (2003) ainda afirma que é ao gerirmos os recursos e os processos a que a informação se encontra vinculada, que será possível a adaptação às mudanças de forma correta, assim como “desaprender pressupostos, normas e crenças que perderam validade” (p. 32), gerir o conhecimento de modo a conseguir criar inovação e criatividade e “focalizar o seu conhecimento em ações racionais e decisivas” (p. 32).

Segundo Silva & Corujo (2019), gestão da informação consiste num conceito que se relaciona com os sistemas de informação, apresentando evoluções constantes, sendo esta ideia suportada por Choo (1995), cit. por Silva & Corujo (2019), pois o autor considera que a gestão da informação “interage, adapta-se, evolui, aprende e torna-se inteligente através da perceção do ambiente interno e externo” (Silva & Corujo, 2019, p. 149). Choo (1995) explora que a gestão da informação permite potenciar recursos que permitem à organização adaptar-se às variadas situações, sendo que aponta seis processos que estão interligados que forma a Gestão de Informação: “identificação de necessidades de informação; aquisição de informação; organização e armazenamento de informação; desenvolvimento de produtos e serviços de informação; distribuição de informação; e utilização de informação” (Silva & Corujo, 2019, p. 152).

Contudo, o seu conceito entra num campo de conflito aquando da sua utilização na arquivística, dado que a sua definição se identifica com gestão de documentos, resultando em divergências relativamente ao seu campo de estudo, podendo este remeter-se para os documentos como para a informação, o conflito em questão deve-se à multiplicidade de significados que o conceito pode enquadrar. Devido à evolução deste conceito, o termo “documento” é substituído pelo termo “informação”, simbolizando uma mudança de paradigma (Silva & Ribeiro, 2008) sendo que podemos apoiar esta informação na mudança de nome em 1968 do American Documentation Institute para

American Society for Information Science (Silva & Corujo, 2019, p.148). Uma citação apontada por Silva e Corujo (2019, p.150)

“Hoje, a gestão da informação é uma arma estratégica para a competitividade global, pois as pessoas com as novas tecnologias de informação geram resultados melhores; a informatização com reengenharia produz eficácia e a democratização das informações conduzem a uma maior agilidade para os negócios. Daí, a gestão da informação ser vista como estratégica, ao mesmo tempo em que dá maior poder de decisão para as pessoas.” Cardoso e Pereira (2005)

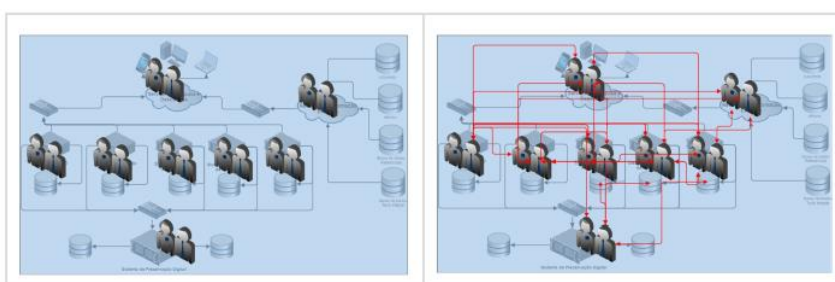
Demonstra-nos a importância da gestão da informação e que o seu papel é um papel ativo na sociedade aliando-se às tecnologias de informação, que permite a diversas empresas adotarem estratégias com o fim de obterem os melhores resultados. Na visão de Campbell (1989), a gestão da informação deverá ser vista como uma abordagem de gestão, pois terá o papel da estratégia da organização assim como outros departamentos da organização (exemplo dos recursos financeiros e humanos cujas funções afetam o rumo da organização). A partir desta ideia, considera que a gestão da informação passa a denominar-se e a assumir um papel de gestão de recursos de informação cujo fim é garantir que toda a informação que circula na empresa conjuga em informação útil, acessível e necessária.

De acordo com Cronin e Davenport (1991) a gestão da informação, não como um elemento isolado, será uma componente que depende do conhecimento (podendo este assumir diversas formas), para conseguir obter “representações formais de entidades de informação, o que permite a automatização de processos, a recuperação de informação e a tomada de decisão” (Silva & Corujo, 2019, p. 151).

Segundo Silvestre Lacerda (2001), os diversos objetos presentes em arquivos, museus e instituições que possuam objetos históricos são sujeitos a conjunto de condições que permitem a sua preservação, com a assistência da higienização, sendo estas condições estabelecidas pelo órgão de gestão nacional de arquivos. Davenport (1998) aprofunda o papel que os bibliotecários assumem, demonstrando que a sua função é mais importante do que o que podemos considerar numa visão superficial. Considera que os bibliotecários são “depositários passivos de conhecimento”, possuindo a função de difundir toda a informação que esteja disponível a quem a pretende requisitar. Contudo, existe a necessidade de serem estabelecido limites a quem pode aceder a determinadas informações, podendo resultar que apenas um conjunto de indivíduos possa ter acesso aos objetos/informação valiosa. É de destacar esta transcrição de Davenport (1998),

“bibliotecas não criam nem melhoram informações”, dado que não podemos esperar que bibliotecas, arquivos consigam enriquecer a qualidade das informações, todavia, os museus podem criar um ambiente contextual o qual não ocorrem modificações na informação, mas sim melhorias através da reorganização da mesma. Arquivos e bibliotecas são igualmente capazes destas reorganizações, através da criação de repositórios digitais, de modo a facilitar ao público/utilizadores o acesso e navegação por variados repositórios. Devemos realçar que ao longo da História, toda a informação que está ao nosso dispor é o resultado de diversas técnicas de preservação levadas a cabo por parte dos museus, arquivos e bibliotecas e que estes estão em constante mudança, procurando a forma mais eficaz de preservar e garantir a qualidade da informação.

O papel do gestor de informação tem sofrido evoluções. Segundo Gonçalves & Ribeiro (2017), o gestor de informação não apresenta o único propósito de fornecer informação (figura 2), mas sim passa a englobar funções como “mediador proativo e crítico na construção do conhecimento científico” (Gonçalves & Ribeiro, 2017, p. 28). Desta forma, no contexto organizacional, um gestor de informação terá de identificar e compreender os desafios que lhe são colocados, bem como desenvolver soluções para esses mesmos desafios. O gestor de informação necessita de se adaptar aos diversos ambientes que o rodeiam, enquanto assume o papel de mediador de informação, fornecendo aos utilizadores as informações que pretendem. Com a função de garantir a mediação informacional e a qualidade, é necessária uma especialização para realizar as tarefas de modo adequado, por forma a garantir que a informação será facilmente acessível e bem utilizada por parte do seu público-alvo.



**Figura 2** – Papel do Gestor de Informação  
Fonte: **Gonçalves & Ribeiro, 2017**

Cabe ao gestor de informação inserido num contexto de museu, biblioteca ou arquivo, possuir as competências necessárias para acompanhar os procedimentos de preservação de informação, seja através da utilização de novas tecnologias seja através

de “modos tradicionais” de preservação de informação. É essencial que possua as aptidões fundamentais para lidar com os diversos obstáculos que possam aparecer.

Como já referido, o papel do gestor de informação evoluiu e com esta evolução existe uma maior exigência ao gestor, sendo esta exigência a facilidade de utilizar tecnologias/sistemas de informação de modo que se consiga atingir uma maior proximidade tanto virtual como presencial com os utilizadores.

Compreendendo a relação da Ciência da Informação e da Gestão da Informação, devemos direcionar a nossa atenção para as Tecnologias de Informação, para entender o quão valiosas podem ser para os museus e arquivos.

### **1.1.2 Tecnologias de Informação**

Segundo Marchiori (2002), a gestão da informação na perspetiva da tecnologia dentro de uma organização, deve ser entendida como um “recurso a ser otimizado” (Marchioni, 2002, p. 74), ou seja, além de caber ao utilizador, neste caso o profissional de informação, ser formado em “tradicionais disciplinas da área” (Marchioni, 2002, p. 74), deverá igualmente saber lidar com as tecnologias, criar estratégias, utilizando-as como um meio para chegar a um determinado fim, com o objetivo de elevar a segurança e qualidade da informação que circula na empresa.

Dias (2001) alia as Tecnologias de Informação à gestão da informação, pois considera que as empresas necessitam destes dois recursos para sobreviverem nos mercados atuais. Compreendendo o quão importante as tecnologias de informação são para a gestão da informação, as TI passam a ser vistas como uma componente essencial das GI, trazendo termos como “gestão de dados, inteligência empresarial, inteligência competitiva, gestão de conteúdo e gestão documental” (Silva & Corujo, 2019, p. 158).

Com a inovação e avanços nas tecnologias, é necessário incorporar nos sistemas de informação presentes em universidades, bibliotecas, arquivos e museus tecnologias de preservação como arquivos digitais, que tendem a facilitar o processo de preservação como a própria preservação de informação (Pinto, 2017). Segundo Mateus & Sousa (2020) o uso de Tecnologias de Informação permite ligar o património exposto ao mundo digital, aliando a tecnologia aos museus. Nesta abordagem, cada vez mais comum nos museus, não só as instituições tiram proveito, mas os visitantes terão uma experiência única, ligando o conhecimento à curiosidade através das exposições e das tecnologias nelas embutidas.

Mateus e Sousa (2020) expõem as vantagens que as Tecnologias de Informação trazem aos museus, permitindo-lhes atrair um maior número de visitantes, como adotar novas formas de expor as suas coleções, através de realidade virtual, sistemas interativos, entre outros. Estas novas tecnologias deixam uma marca no visitante, que irá considerar a sua experiência mais imersiva, sensacional e com uma maior vontade em voltar a explorar as diversas exposições presentes nos museus. Por outro lado, Neuhofer, Buhalis e Ladkin (2014) expõem as desvantagens que a tecnologia poderá ter nos museus, como desnecessária a presença de funcionários para tornar as tecnologias funcionáveis, resultando num possível desemprego e remoção da própria função. Cabe aos museus entender e explorar estas duas vias e encontrar um meio termo, que permita incorporar as novas tecnologias (resultando numa maior procura por parte de visitantes), evitando o lado negativo que as mesmas podem trazer ao corpo de funcionários.

## **1.2 Museologia**

### **1.2.1 Museus**

De acordo com Amaro (2019), o conceito museologia refere-se a tudo que tenha alguma relação com museus, desde “teoria e práticas, história, sistemas de pesquisa, estudos e ações de conservação e restauro, exposições, papel educativo e responsabilidade social” (p. 21). Segundo Neves et al. (2022), a museologia baseia-se em duas vertentes, a prioridade que é dada ao objeto e a noção que o museu é utilizado como um instrumento ao serviço da sociedade. É possível considerar existirem dois tipos de museologia: a Museologia e a Nova Museologia. A museologia é o que podemos considerar de “típico museu”, ou seja, um museu repleto de esculturas que remetem à Antiguidade, e por outro lado a Nova Museologia foca-se nos novos museus, isto é, museus científicos, museus que abordam aspetos da sociedade como a reciclagem ou até museus que apresentam a evolução da tecnologia. Todos estes se enquadram na nova museologia, uma museologia que leva o museu a ter uma voz, a funcionar como um “fator de desenvolvimento social” (Nogueiro, 2009). Nogueiro (2009) apresenta-nos os parâmetros nos quais assenta a Nova Museologia apoiando-se que esta museologia se desenvolve à volta dos valores culturais, onde todos nós somos participantes, e que proporciona um espaço de diálogo.

Segundo Carneiro (2016) a palavra Museu deriva da Grécia Antiga, *mouseion*, que significa “templo das musas”, utilizado para “designar o local de estudo das artes e

das ciências” (Carneiro, 2016, p. 5). De acordo com Neves et al. (2022), Real (2018), Santos (2009) e Aguiar & Teixeira (2020), que se apoiam no artigo 3.º da Lei 47/2004 de 19 de agosto devemos entender o conceito de museu como “Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite:

- a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos, educativos e lúdicos;
- b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.” (Neves et al. 2022, p. 3).

No entanto, todas as instituições que cumprem estes requisitos podem ser consideradas de museus, “todas as entidades, independentemente da sua designação, que apresentem as características e cumpram as funções museológicas previstas na Lei e inerentes à definição de museu, mesmo que o respetivo acervo possa integrar: espécies vivas, tanto zoológicas como botânicas; testemunhos resultantes da materialização de ideias, representações de realidades existentes ou virtuais; e bens de património cultural imóvel, ambiental e paisagístico. As funções museológicas consignadas na Lei são o Estudo e investigação, a Incorporação, o Inventário e documentação, a Conservação, a Segurança, a Interpretação e exposição e a Educação” (Santos, 2009, p. 9).

Segundo o ICOM (International Council of Museums) e a CNP (Comissão Nacional Portuguesa), a definição de museu tem vindo a evoluir, expandindo para “aspectos sociais e económicos, proporcionando uma interdisciplinaridade cultural, científica e técnica” (Guedes, 2009, p. 2), reforçando a ideia da ajuda por parte das autarquias para modernizar os museus já existentes, assim como a criação do Instituto Português de Museus (IPM) por parte do Governo português, em 2007. Apoiando-se igualmente no International Council of Museums (ICOM), temos o caso de Moncao (2022) que “adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite” (p. 209), na qual é de fácil compreensão que o papel do museu passa por informar, educar e expor património material e imaterial da humanidade. Mateus & Sousa (2020) utiliza a definição providenciada pelo International Council of Museums, museus são “instituição sem fins lucrativos, permanente, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo,

educação e divertimento, testemunhos materiais de seu povo e seu meio ambiente” (p. 521), para chegar à sua conclusão de que qualquer espaço físico que favoreça a relação entre o indivíduo e um objeto físico museológico pode ser considerado um museu. Aguiar & Teixeira (2020) referem que o museu é o depositário dos testemunhos mais relevantes do Homem no tempo. Devemos ter igualmente em conta a definição mais recente por parte do ICOM, na qual indica que museu consiste em ser “acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento.” (ICOM Portugal, 2022)

A sua função ultrapassa o mero contacto dos indivíduos com os objetos, recriando memória e preservando identidades” (p. 38). Segundo Hooper-Greenhill (1992), a visão de museu é muito mais abrangente pois um museu poderá ser qualquer coisa e poderá ser encontrado em qualquer lugar, dado que os museus sempre se adaptaram aos locais onde se encontram, ao modo como trabalham, tudo em função do contexto económico, político e social que os rodeiam. O autor refere que cabe ao museu reunir diversos objetos e mantê-los num determinado ambiente que proporciona a intelectualidade por eles transmitido, pois considera que os museus são “storehouses of knowledge” (p. 4).

Aguiar & Teixeira (2020) exploram o conceito de museu ao longo da História, examinando a sua terminologia do século XVIII, onde surge o conceito de “museu público” (p. 38) até ao século XIX onde ganha um papel de “servidor” político e de estabelecimento para colecionadores.

Barbosa, Sandra & Carvalho (2007) exploram o conceito mais atual de museu, apresentando-o como uma instituição interativa e interveniente, sendo mais valorizado como um espaço de aprendizagem contribuindo para um “desenvolvimento de competências ao nível da interpretação e do pensamento crítico, cumprindo, assim desta forma, uma enriquecida missão educativa capaz de promover o desenvolvimento pessoal e a construção da identidade individual e coletiva [...]” (Barbosa, Sandra & Carvalho, 2007, p. 314). Meireles (2020) expõe-nos uma definição que indica que os museus são como uma espécie de serviço prestado à sociedade, considerando-se como instituições que expõem os materiais e imateriais da humanidade, com fins educativos, de lazer e pura curiosidade, sendo que se encontram abertas ao público de modo a abranger o maior número de pessoas.

Anico (2005) opta por aprofundar a definição de museu ao “viajar” ao seu papel no século XIX, descrevendo o papel de “autenticidade histórica e cultural” (p. 78) remetendo para um período histórico disponibilizando objetos históricos e com valor patrimonial, destacando o papel dos museus transmitindo-se como um local de conhecimento e intelectualidade, dado que se baseava

“[...] precisamente na centralidade que conferiam aos objetos e ao mundo material, vindo de encontro à necessidade de criação de uma base empírica destinada a suportar os conceitos de autenticidade e originalidade, na construção de narrativas em torno da autoridade cultural dos museus da modernidade.” (Anico, 2005, p. 78)

Anico (2005) refere que os museus optaram por mudanças no que diz respeito ao que está exposto e como é exposto, referindo a visão de Huyssen (1995) que considera que os museus caminham para uma “*disneyficacção*” (p. 83), expressão utilizada por (Araújo, 2009; Anico, 2005), considerando que o valor cultural desaparece e o local passa a ser um parque de diversões, perdendo qualquer cultura nele presente. Não obstante, é necessário ter em conta que os museus são locais de comunicação, onde existe uma relação comunicacional entre o visitante e o objeto museológico. Aponta-nos também a visão de Macdonald (2022), referindo que “os museus são produtos do seu contexto social” (p. 84) e que devem responder às questões que são colocadas pelo seu ambiente social, de modo a tornarem-se relevantes com o passar do tempo.

Amaral (2021) também nos mostra o lado educativo que os museus podem ter, apoiando-se no trabalho de e Dierking (2000), na qual afirma que a aprendizagem é notória nestas instituições por parte dos visitantes, em que na atualidade com a utilização das tecnologias de informação, este papel é realçado e mais aprofundado. Com a chegada do século XX, o museu passa a ganhar uma conotação educativa, ao ponto que eram criados “Serviços Educativos” (Aguiar & Teixeira, 2020) que programavam visitas e elaboravam material de ensino em função dos museus. Os museus podem representar um papel de extrema importância no ensino dos alunos, através das atividades providenciadas por estes e pelas suas exposições, permitindo um crescimento autónomo do conhecimento dos alunos ao tomarem a própria iniciativa de interagir com estas novas informações (Barbosa, Sandra & Carvalho, 2007).

Ponte, (2007) desenvolve o conceito de casas-museu, exemplo de museu presente na Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão, afirmando que este termo é utilizado dado que a casa passa a ser um objeto de estudo e de preservação, dada à sua relação com ou uma figura histórica ou com um evento histórico, tendo esta terminologia o objetivo

de transmitir conhecimento aos visitantes, oferecendo-lhes uma perspectiva única e próxima.

Amaro (2019) aponta um aspeto bastante importante relativamente aos museus, o aspeto do papel político e ideológico que os museus representam, dado que ocorre uma preservação de determinados objetivos em detrimento de outros, seja por razão ideológica ou histórica, levando a um papel destacado que o museu apresenta como “uma instituição que completa o processo histórico geral da humanidade, fornecendo-lhe elementos diferentes dos expressos pela história escrita” (p. 22).

Constantino (2017) apresenta-nos a classificação que os museus podem assumir, referindo 11 critérios, dos quais se apresentam alguns: a tutela que apresentam (público ou privado); o conteúdo (se é geral ou específico); o tamanho (se é grande ou pequeno); a sua forma organizacional (privada com fins lucrativos, privado sem fins lucrativos ou pública sem fins lucrativos); tipo de administração (públicos, privados, público-privado); outras classificações como a localização.

Uma vez explorado o papel dos museus na sociedade e o seu impacto na mesma, necessitamos de compreender como uma pandemia afetou esta instituição e por consequente como diversos museus optaram por lidar com uma situação não vista na atualidade.

### **1.2.2. Museus e a pandemia SARS-CoV-2**

Teixeira (2020) explora o lado digital dos museus, acreditando que a digitalização dos documentos/coleções é importante, mas é um percurso longo e que os museus devem primeiro entender o seu público-alvo, que comprova que com o digital, especificamente as redes sociais, os museus tornaram-se espaços em crescimento, promovendo uma proximidade ao público, que resulta numa maior procura pelo estabelecimento e uma maior afluência ao mesmo. Assistimos ao surgimento de novas formas das instituições ampliarem a sua acessibilidade, transparência e capacidade de resposta na mesma altura que se abrem espaços públicos de modo a atingir um resultado superior (Amaral, 2021).

Barbosa, Sandra & Carvalho (2007) constataam que a evolução dos tempos necessita igualmente de uma evolução dos museus apresentando, como já referido anteriormente, a inovação e as novas tecnologias nos museus, fornecendo o exemplo da utilização do som e de imagens como forma de atrair os mais jovens e considerando que a continuidade dos museus deverá passar pela aposta em iniciativas como estas.

Segundo Mayer & Hendler (2021), o efeito que a pandemia Covid-19 teve nos museus foi o de criar a maior crise desde a Segunda Guerra Mundial. Segundo Maciuk et al. (2022) o turismo cultural era um dos grandes responsáveis do turismo em geral. Com a propagação do vírus SARS-CoV-2, o mundo viu-se isolado e fechado, devido a medidas tomadas por diversos governos como solução de evitar uma maior propagação do vírus e garantir segurança às populações. Com a implementação de medidas que visavam as populações a manterem-se em casa, diversos locais culturais tiveram de fechar temporariamente e encontrar novas formas de atrair visitantes. Como é apontado por Maciuk et al. (2022), no período de 2020-2021, cerca de 90% dos museus do mundo estavam fechados, tendo sido uma das instituições mais afetadas por estas medidas. Maciuk et al. (2022) indica-nos que no início da pandemia haveria aproximadamente 100 000 museus no mundo (Unesco, 2020<sup>1</sup>), contudo com a pandemia, este número veio a decrescer, e o autor acredita que continuava a decrescer. Não obstante, há que considerar que nem todos os museus foram igualmente afetados pela pandemia e determinados museus adaptaram-se melhor que outros devido a variados fatores. Maciuk et al. (2022). refere que museus privados (tutela privada) vai lidar de maneira desigual de museu de tutela pública, dado que estes museus até podem ter lidado relativamente bem com a situação provocada pelo vírus SAR-Covid-19, no entanto enfrentam agora dificuldades financeiras (Maciuk et al., 2022, p. 614).

Tal como os diversos setores da sociedade, os museus adotaram diferentes estratégias e inovações para conseguirem lidar com a pandemia. Dessa forma, alguns dos museus não só implementaram diversas tecnologias nos seus museus como decidiram exponenciar as mesmas, pois era a sua única forma de “sobrevivência” numa era onde não era possível levar os visitantes aos museus, mas sim levar os museus aos visitantes. Segundo Guboglo (2020) que nos oferece a perspetiva da realidade dos museus russos, não havia nenhuma medida prévia à pandemia que apoiasse os museus, dado que não era visto como assunto de prioridade nacional por parte do governo. Dada esta realidade, são os diretores de museus e o seu corpo de funcionários que tendem a decidir que medidas se deve adotar, que inovações a ter em conta e que estratégias seguir. Gubolo (2020) indica-nos que a visão russa é que em situações de distúrbio social, os museus devem assumir um papel humanitário, ser solidário com quem necessita, sendo que cabe aos

---

<sup>1</sup> <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373530>

museus essa missão social. Esta visão não é vista por diversos museus mundiais, sendo que consideram que a missão educativa é prioridade dos mesmos.

Segundo Magliacani & Sorrentino (2022), os museus devem ser e são concebidos como locais que conjugam a experiência pretendida com a experiência providenciada aos visitantes, contudo esta experiência é fornecida tendo em conta como os museus são concebidos assim como os recursos que têm ao seu dispor. A introdução da pandemia COVID-19 nas nossas vidas, levou a que fosse necessário impor uma distância social, resultando que os museus tivessem de arranjar novas estratégias de chegar ao público.

O inesperado aparecimento e propagação do COVID-19 tornou a vida difícil a múltiplos níveis, tanto a instituições como à sociedade em geral. As dificuldades sentidas pelos museus seriam minimizadas pelo uso das tecnologias. Magliacani & Sorrentino (2022) exploram como as tecnologias permitiram aos museus entrar numa nova era e explorar um novo método de exposição. Mayer & Hendler (2022) apontam o facto de que os museus e as diversas instituições afetadas pela pandemia não poderem olhar para essa situação como limitações, mas sim como uma oportunidade de implementar novas estratégias e inovações a adotar.

Podemos entender que algo como a tecnologia e a banalidade da sua utilização por diversas instituições e organizações seria algo que os museus teriam em conta, independentemente da existência de uma pandemia, no entanto esta visão não era assim tão comum, e continua a não ser. Apesar da ocorrência de um evento que levou ao confinamento das populações e à utilização de tecnologias/adaptação dos museus, houve uma dualidade com o regresso à normalidade por parte dos museus, uma vez que uns optaram por continuar a explorar estas tecnologias, mas outros escolheram acabar com as estratégias adotadas no período pandémico e regressar aos procedimentos prévios à pandemia.

Segundo Magliacani & Sorrentino (2022), foram as tecnologias que permitiram aos museus manter um serviço ativo, sendo que podemos entender que a pandemia trouxe algo de positivo a determinadas instituições, uma vez que permitiu crescimento, o abraçar de novos desafios e a adoção de novas estratégias sobre como serem atrativos apesar de não poder haver um contacto físico com os visitantes. Segundo Giannini & Bowen (2022), alguns museus em Nova Iorque e Londres, cidades com instituições museológicas de maior renome, já previamente à pandemia, haviam começado a adotar o uso de tecnologia nas suas exposições. Criavam-se exposições que permitiam a participação e interação por

parte dos visitantes, contudo o que poderemos de considerar de arte digital era escassa na altura.

Giannini & Bowen (2022) consideram que com os museus impossibilitados de receber visitas, deviam tomar iniciativas para atrair o público. A partir desta ideia, surge a atuação de diferentes profissionais, “entram os artistas digitais, designers, e curadores de museus” (Giannini & Bowen, 2022, p. 193 – tradução nossa), pois são estes que detêm competências para exponenciar o que a tecnologia tem para oferecer, e conciliar com o inventário do museu. Cabe aos artistas digitais passarem de um papel secundário para o papel principal, tomando como função a garantia de conseguirem digitalizar as variadas coleções e disponibilizá-las ao público, assim como devem os curadores dos museus providenciar novas narrativas aos visitantes digitais e continuar a transmitir a sensação de conhecimento através das peças museológicas.

O aparecimento de uma pandemia resultou num confinamento social, contribuindo para que as tecnologias fossem vistas numa outra perspetiva por parte dos museus, levando a que novos desafios fossem colocadas às instituições museológicas, resultando no caso da utilização de redes sociais por parte dos museus, assim como visitas guiadas digitais e atividades virtuais fossem vistas como sérias alternativas por parte dos museus. Contudo, Giannini & Bowen (2022) apontam o problema que estas iniciativas terão a longo prazo, isto é, com a pandemia estas soluções foram úteis e eficazes nos museus durante o período pandémico, contudo os efeitos que o futuro reserva é difícil de prever.

“The pandemic has certainly caused changes and presented significant challenges for museums. Virtual tours have become more popular in association with museums. Digital initiatives in museums, and in particular the use of social media by museums, have increased during the pandemic. However, it is difficult to assess the precise effects for the future.” (Giannini & Bowen, 2022, p. 195)

Apesar dos museus serem instituições físicas, o papel que estes apresentam ultrapassam os limites das quatro paredes, dado que um indivíduo consegue obter conhecimento ao visitar o museu, mas este tem a função de conseguir transmitir esse conhecimento ao público de fora, ou seja, conseguir criar uma conexão entre a sociedade e o museu, seja através de plataformas digitais, através de campanhas de marketing e de planos de comunicação, seja através da disponibilização das coleções por via digital.

Giannini & Bowen (2022) chamam à atenção de que os museus, os arquivos e as bibliotecas necessitam de incorporar as tecnologias nas suas instituições, aproveitando-

se de instrumentos como digitalização, o que conciliado com a inteligência artificial, permite maximizar e acelerar um processo exaustivo e repetitivo, dado que a digitalização dos documentos é um processo longo. Apontam-nos que empresas como Disney, Netflix e Amazon têm olhado para os museus, não apenas através da vertente publicitária, mas com o objetivo de criar acordos com estes para realizar conteúdo artístico e educacional. Esta vontade de serviços de *streaming* em criar parcerias com os museus provém do impacto da COVID-19, dado que levou a um crescimento dos serviços de *streaming*, sendo que aliar estas a instituições, que pretendem elevar e despertar o conhecimento e sensibilização respetivamente do público, trará resultados positivos a ambas as partes.

“(...) we are at the crossroads of an unprecedented digital and cultural transformation rapidly evolving from the COVID-19 crisis, and we see that museums are responding with a new sense of purpose and connection to diverse audiences. Buoyed by the global digital ecosystem, a museum renaissance is surely in the offing.” (Giannini & Bowen, 2022, p. 211)

Ainda segundo Giannini & Bowen (2022), os museus necessitam de ter um papel mais ativo no que diz respeito à educação e à própria instituição, através de melhores definições/intenções das missões que pretendem atingir, e tentar atrair visitantes locais invés de depender apenas de turistas para receita.

Segundo Bieczyński (2021), com o início da pandemia e conseqüente confinamento mundial, estratégias simples foram vistas com novos olhos, levando inovações ao mundo das artes. Possuímos o exemplo da internet que transitou de um papel de repositório de diversas coleções para um papel principal com o objetivo de levar os museus ao público à distância. De acordo com Tranta et al. (2021), os museus devem olhar para a digitalização das suas coleções e a sua disponibilização ao público como uma tarefa a ser realizada e, efetivamente, investir nessa iniciativa. A pandemia levou a que estas iniciativas fossem implementadas, de modo a manter contacto com o público. Não obstante o fim da pandemia, cabe aos museus manter e aumentar a disponibilização destes serviços ao público, continuando a apostar em diversas atividades online, pois potenciam o nível de atração de novos públicos aos museus e o engajamento dos públicos atuais.

É neste contexto, que aplicações como *Google Arts and Culture* começam a ser vistas com mais atenção, pois este tipo de aplicação permite aos diversos museus transitar a coleção física para a via digital e assim possibilitar o acesso a variados conteúdos à distância de um toque. Segundo Novakovic (2021) locais como museus, galerias de arte e cinemas têm vindo a apresentar decréscimos nas últimas décadas e a pandemia de

COVID-19 veio piorar uma situação previamente instável. Contudo, não podemos justificar este decréscimo apenas com a pandemia, pois razões como a forma como a informação atualmente viaja e chega às pessoas resultou em que houvesse um menor interesse em visitar os museus, cabendo a estes encontrar novas formas de conseguir cativar novas audiências. Novas formas de cativar o público são delineadas por Novakovic (2021) através da sugestão de como os museus digitais apresentam mais valias relativamente aos museus puramente tradicionais, pela adaptação ao contexto atual, promove a incorporação de tecnologias que permitam atrair novos públicos e expandir os já adquiridos.

Apesar de, durante o período pandémico, a utilização de exposições online ter sido mais frequente, devemos olhar para a emergência das artes e comunicação digitais como uma estratégia proveitosa para os museus.

“In this context the concept of «digital culture» and the inevitable shock that accompanies its introduction, particularly in the area of presenting old art, gained an entirely new, actually a much broader, and at least partially positive meaning.”  
(Bieczyński (2021, p. 26)

Bieczyński (2021) aprofunda este tema destacando que a arte digital tem e deve ser aproveitada, dando como exemplo o escape que a arte digital ofereceu às pessoas através de *memes* durante o confinamento. A utilização de novas tecnologias nos museus permite uma experiência única e interativa por parte dos visitantes, assim como permite que estes abracem a modernidade através de uma “ponte entre o ambiente tradicional e a necessidade do homem moderno para absorver o conhecimento num ritmo adequado a ele” (Novakovic, 2021, p. 60). Com a existência de museus digitais, os papéis dos designers passam a assumir maior relevância, dado que necessitam de trabalhar em conjunto com o museu, e o recurso a processos inovadores irá conduzir a resultados positivos. Estes processos poderão resultar na criação de repositórios online disponíveis ao público, ação adotada por variados museus. Nesta abordagem os repositórios apresentam os objetos, a sua história, o modo de preservação e textos que exploram o contexto do objeto. Como referido anteriormente, um exemplo destas tecnologias é o *Google Arts and Culture*, desenvolvido em 2011 pela Google, com o objetivo de permitir a todos visitar um museu à distância de um toque (museu digital), podendo analisar os objetos e ter informações sobre os mesmos.

Novakovic (2011) aprofunda a importância dos museus digitais, considerando que a existência destes não é só o futuro, como é algo que os museus devem ter em conta e

tentar exponenciar para tirar proveito, dado que uma situação como a que a Covid-19 nos proporcionou pode acontecer de novo, e os museus devem aprender com as medidas adotadas em tempos de confinamento.

### 1.2.3 Património Cultural

Património cultural consiste numa definição, que tal como a museologia tem vindo a evoluir com o passar do tempo (Costa, 2012). Seria possível considerar os museus como uma forma de património cultural, dado que apresentam características atribuídas ao património cultural, como valor cultural, contudo a Museologia opta por demarcar-se desta visão e considera que se relaciona com maior veemência em reflexões sociais, económicas e políticas da sociedade em que se insere (Carrión, 2020; Costa, 2012).

“Los museos no existen en vacío; son parte de una compleja red de relaciones que se entretajan con resistencias, contraproyectos, reacciones y opiniones con los cuales deben negociar su funcionamiento.” (Carrión, 2020, p. 231)

Segundo Granato & Lourenço (2015) podemos considerar como património cultural todos os objetos, sejam eles tangíveis ou não, que possuam a característica de apresentar um determinado valor cultural para a sociedade que o detém, cabendo à mesma preservar o seu património.

“O património cultural de uma nação, de uma região ou de uma comunidade é composto de todas as expressões materiais e espirituais que lhe constituem, incluindo o ambiente natural” (ICOM, 1992 citado por Granato & Lourenço, 2015, p. 436)

“Património é a conjugação das criações e dos produtos da natureza e do homem que, na sua integridade, constituem, no espaço e no tempo, o ambiente em que vivemos. O património é uma realidade, um bem da comunidade e uma valiosa herança que pode ser legada e que convida ao nosso reconhecimento e à nossa participação” (Unesco citado por Silva, 2019, p. 12)

Podemos então compreender que património cultural não significa exclusivamente que objetos físicos poderão ser património, sendo que podemos utilizar o exemplo do cante alentejano que é património cultural imaterial, enquadrando-se no exposto na Convenção de Haia de 1954 (Silva, 2019) que indica que património cultural são bens que apresentem importância para a cultura de cada povo.

Silva (2019) remete-nos para a existência do património natural, designação que inclui monumentos naturais, como o exemplo do Monte San Giorgio (Suíça), que é o resultado de formações geológicas naturais, que ocorreram sem a intervenção do Homem.

É-nos explicitado por Silva (2019) a existência de três tipos patrimónios dentro do património cultural, sendo eles o património construído, o património móvel e o património imaterial. O património construído consiste em obras realizadas pelo Homem e que ganharam uma conotação cultural, permitindo ascender ao nível de património construído, como o exemplo de variados museus, como por exemplo o Mosteiro dos Jerónimos (Portugal). O património móvel compreende os objetos possíveis de mover, isto é, obras de arte sejam elas pinturas, esculturas, com o objetivo de promover reflexão da nossa parte, e que se encontram em museus ou outro tipo de instituições. O património imaterial abrange o intangível, como o exemplo do cante alentejano português referido acima. Para a Unesco património imaterial são

“as práticas, representações, conhecimentos e competências – bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu património cultural” (Silva, 2019, p. 14)

A exploração do conceito de Museu e de Museologia levou a que chegássemos ao conceito de Património Cultural, ao conceito que liga a cultura aos museus, enquanto instituições capazes de potencializar objetos que diferenciam a identidade de grupo e o peso do processo histórico (Amaral (2021). Anico (2005) reforça esta ideia, expandido o papel que o museu e o património apresentam ao criar/explorar identidades.

“Património e museus desempenham um papel importante no que concerne quer à criação de consciências pessoais, quer no que diz respeito à construção e representação de identidades locais, regionais ou nacionais, em virtude do seu posicionamento enquanto instrumentos pedagógicos e ideológicos” (Anico, 2005), p. 83).

Numa altura que cada vez mais governos de países tentam obter o reconhecimento de património mundial em relação a determinados locais, e com os efeitos da pandemia ainda presentes, a cultura tem vindo a ser uma das maiores prejudicadas. Destacando de forma regional ou até de forma nacional, museus e instituições culturais têm vindo a ser alvo de atualizações para, nos dias de hoje, ao adaptarem o seu conteúdo cultural para o meio digital, poderem despertar nos jovens uma vontade de explorar, por essa via ou

mesmo presencialmente, e assim aumentarem o conhecimento societal e despertarem a curiosidade e memórias tão relevantes nos dias de hoje.

Explorados os principais pontos que compõem dissertação, é essencial aprofundar e relacionar a ligação existente a Ciência da Informação, Museologia e a acessibilidade das coleções. Este ponto demonstra-se ser fulcral para a elaboração da dissertação como para o aprofundamento do tema em questão.

#### **1.2.4 Ciência da Informação, Museologia e a acessibilidade das coleções**

Partindo do princípio que os museus pertencem a todos, a acessibilidade é algo basilarmente pertinente e mais ainda quando a sociedade é confrontada com uma pandemia que leva a confinamentos quase totais. Os museus têm a obrigação de partilhar a informação e o conhecimento, mas também serem locais aprazíveis e acessíveis, promovendo e oferecendo acesso razoável às suas coleções.

De acordo com Buckland (1991), o conceito de informação segue o conceito de uma tríade cíclica, ou seja, a Informação como processo: o ato de informar; Informação como conhecimento: percebido a partir do processo, intangível, pessoal, subjetivo e conceptual; Informação como objeto: os objetos podem ser informativos; tangíveis; albergam a expressão, descrição ou representação de algo, de forma física.

Perante a atuação do profissional da informação, não nos podemos dissociar do termo curadoria de informação. Kim, Warga & Moen (2013) referem o seguinte:

“Curation, which involves various activities that help facilitate discovery, access, dissemination and archiving of information, is what librarians or archivists have done for hundreds of years. This implies that the similar skill sets used in traditional library work may be beneficial to curation work involving digital data and information.” Kim, Warga & Moen (2013, p. 68)

Segundo Silva (2019), a Ciência da Informação traz mais-valias para os conceitos de museologia, biblioteconomia e arquivologia, nas seguintes características: relativamente à Gestão da Informação, esta contribuiu para uma visão maior dos arquivos, bibliotecas e museus através da utilização de tarefas como a gestão do acervo, a gestão das tecnologias e a própria gestão das pessoas que têm papel nas instituições; as tecnologias de informação permite que o utilizador seja no arquivo, biblioteca ou museu possa transmitir, partilhar e receber informação de uma forma mais rápida e direta. Silva (2019) aponta quatro fundamentos epistemológicos que contribuem para o

desenvolvimento da Ciência da Informação, museologia, arquivologia e biblioteconomia, sendo eles as formações conceituais, as configurações, os domínios de estudo e os aspetos teológicos. As formações conceituais consistem em definir os diversos conceitos relacionados com a área do conhecimento, por sua vez as configurações decidem os campos onde vai atuar, sendo que os domínios de estudo remetem para as questões e metodologias que orientam o pensamento científico do utilizador, e por fim os aspetos teológicos compreende os três pontos acima referidos que têm como objetivos criar conhecimentos, solucionar problemas e contribuir com assistência ao utilizador. Hjørland (2002) desenvolve esta ideia e enumera os diversos campos que os fundamentos epistemológicos têm em comum com a Ciência da Informação, museologia, biblioteconomia e arquivologia, como por exemplo “produção de guias de literatura e portais temáticos (...) produção de classificações e tesouros especiais (...) estudos históricos (...) estudos críticos e epistemológicos (...) estudos em estruturas e instituições em comunicação científica” (Hjørland,2002, p.17).

O papel que a informação apresenta tende a ser diferente nos três campos (museologia, biblioteconomia e arquivística) como é explorado por Silva (2019). Relativamente à museologia a informação expõe um papel considerado por Silva (2019) que parte como tradicionalista, mas que eventualmente valoriza o objeto como documento e como “fonte ilimitada de informação” (Silva, 2019, p. 21). No que diz respeito à Ciência da Informação, a informação tem diversas condicionantes que devemos ter em conta (“a informação demanda múltiplos olhares pautados em processos, fluxos, tecnologias e gestões (...)”) (Silva, 2019, p.21). A arquivística, por outro lado, apresenta o que podemos de denominar de lado institucional e administrativo no modo de lidar com a informação, pois “é um conjunto de informações sobre um determinado assunto, materializado em documentos arquivísticos e que foi produzido no cumprimento das atividades e funções das organizações” (Carvalho & Longo, 2002, p. 115).

Segundo Boisot (1972) e Heckhausen (1972) citados por Silva (2019), a arquivística, a museologia e a biblioteconomia entre si têm cinco tipos de atribuições interdisciplinares, sendo eles a limitação da interdisciplinaridade restritiva (as disciplinas colocam barreiras entre outras disciplinas, limitando a sua área de ação), a perspectiva da interdisciplinaridade complementar (práticas de gestão de informação em comum entre a Museologia, CI, Arquivologia e Biblioteconomia), a perspectiva da interdisciplinaridade auxiliar (utilização de métodos entre as diversas disciplinas permitindo a utilização em comum de aplicações), a perspectiva da interdisciplinaridade unificadora (união de

diversas metodologias de variadas áreas de conhecimento) e perspectiva da interdisciplinaridade linear (leis e teorias que podem ser aplicadas com sucesso em diversas disciplinas).

Segundo Maroević (1998) citado por Loureiro (2019), com o International Committee for Museology of the International Council of Museums (IFOCOM), o conceito de museologia ganhou uma nova força no campo da informação, pois a museologia passou a ser vista como “disciplina autónoma”. Loureiro (2019) expõe-nos a percepção de Briet (1951) que apresenta uma visão da museologia e de informação que devemos ter em consideração, isto porque considera que documento deverá ser todo o objeto que tenha como fim comprovar ou reconstruir um fenómeno seja ele “físico ou intelectual” (Loureiro, 2019, p.16), pois deste modo objetos como fotografias e diversos objetos presentes no acervo dos museus poderão ser considerados como documentos, pois nele existe informação.

“Se o desejo de fornecer informações não for correspondido pelo destinatário, a informação permanece virtual. O objeto [...] não é ainda um documento. Poderá sê-lo mais tarde, quando uma pergunta lhe será colocada e ativará esta informação” (Meyriat, 1981 p.54 citado por Loureiro, 2019, p. 17)

A relação da Ciência da Informação com a Museologia pode e deverá ter em conta a definição proposta por Jelínek, fundador do ICOFOM, na qual explicita que o acervo de um museu consiste em documentos, e são o conjunto de documentos que formam as coleções que os museus nos apresentam, sendo que estes documentos nos transmitem informação.

“Museus conservam alguns importantes objetos – documentos. Eles formam coleções que devem fornecer amostras representativas e, portanto, informações tão objetivas quanto possível. A formação dessas coleções de objetos, que são fontes originais, inesgotáveis de informação, é o cerne da museologia científica, que não é nem pode ser duplicada por qualquer outro ramo da ciência.” (Jelínek, 1980, p.4 citado por Loureiro, 2019, p.20)

“O objeto do museu – como documento de uma certa realidade, base para a identidade, testemunho de eventos, resultado da habilidade humana, produto da natureza, ou como evidência na qual se baseiam reivindicações e teses científicas no âmbito de disciplinas científicas básicas ou disciplinas académicas – é sem dúvida um elemento da informação de base do conhecimento humano.” (Maroević, 2000, p.6 citado por Loureiro, 2019, p.21)

Com a compreensão de que a informação no museu é representada através dos documentos museísticos, conseqüentemente a coleção dos museus que é exposta ao público transforma-se num ponto de acesso a informação, sendo que o modo como o museu decide expor esta coleção, seja o local onde se encontra no museu, as legendas dos objetos ou até atividades que incidam na experiência do público, contribuem para o enriquecimento do conhecimento do sujeito pela obtenção da informação neles veiculada (Lemos & Karpinski, 2020).

Segundo Figueiredo & Carmo (2018), o processo do ciclo da informação presente nos museus consiste nas seguintes etapas: “(...) aquisição, pesquisa, documentação, conservação e comunicação.” (Figueiredo & Carmo, 2018, p. 6), que ocorrem de forma linear, não sendo possível realizar uma etapa sem concluir a anterior, pois estas estão ligadas e cada uma das etapas contribui para uma informação correta e rica.

No entanto, independentemente do tipo de museu que estejamos a considerar, há que atender os museus constroem-se à volta das suas coleções, pois estas justificam a existência do mesmo. Pinho (2021) apresenta-nos dois tipos de coleções, as coleções privadas e as coleções públicas, clarificando que cabe aos museus garantir o direito de propriedade dos objetos que compõem a coleção, de modo a poderem garantir a permanência, definitiva ou temporária, dado que a sua coleção irá desenvolver a partir dos objetos museológicos adquiridos. Estas coleções serão incorporadas de acordo com o tema que o museu queira explorar, independentemente do período histórico ou do tipo de objeto, podendo o museu adquirir peças de outras instituições museológicas, dado que ao abordar a questão das coleções é inevitável abordar os “investidores, comerciantes profissionais ou decoradores” (Pinho, 2021, p. 265), pois cabe a eles projetar a coleção que irá destacar o museu. É de grande importância atribuir aos museus instalações exclusivas e recursos financeiros próprios, de modo a não depender de apoios exteriores, assim como um conjunto de colaboradores especializados em gerir e conservar em segurança o acervo, para ser possível estudá-lo, compreendê-lo e comunicá-lo, em proveito do seu público-alvo.

As coleções privadas consistem em objetos museológicos que fazem parte da coleção, mas que não são propriedade do museu, por outras palavras, um determinado colecionador (de itens museológicos) cede ao museu, de forma temporária, a sua coleção, ou parte, para que o museu a torne acessível aos visitantes, ou para ser estudada pelos investigadores que formam o corpo de colaboradores do museu.

Segundo Alves (2020), não existe uma norma portuguesa que desenvolva como os procedimentos de gestão de coleções são realizados, com a exceção da Lei-Quadro dos Museus Portugueses, 2004 (Lei 47/2004, de 19 de agosto), levando a que seja recorrido à norma SPECTRUM<sup>2</sup> e à Coleção Norma de Inventário<sup>3</sup>, disponibilizada pela Direção Geral do Património Cultural. Alves (2020) aponta que, segundo o Código Deontológico dos Museus é necessário que haja um documento escrito e publicado com a missão do museu, por parte dos diversos museus portugueses, contudo esta orientação é ignorada por múltiplos museus portugueses.

No Capítulo seguinte (Capítulo II) será realizada uma contextualização histórica da localização dos museus, neste caso Vila Nova de Famalicão, uma breve descrição dos museus que compõem a RMVNF e como surgiu a ideia e a criação da RMVNF.

---

<sup>2</sup> A norma SPECTRUM PT foi criada por parte da Collections Trust, tendo como objetivo fornecer aos museus portugueses e aos seus profissionais uma ferramenta fundamental para a gestão de coleções.

<sup>3</sup> A Coleção Normas de Inventário consiste numa linha editorial, na qual estão presentes as linhas orientadoras que se deve seguir no inventário de coleções.

**CAPÍTULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: DA CRIAÇÃO DOS  
MUSEUS MUNICIPAIS DE VILA NOVA DE FAMALICÃO À  
CONSTITUIÇÃO DA REDE DE MUSEUS DE VILA NOVA DE  
FAMALICÃO**

---



## 2.2 A criação dos Museus Municipais

O conjunto de museus presentes na localidade de Vila Nova de Famalicão e que constituem a Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão, são os seguintes:

1. Casa Camilo – Museu Centro de Estudos
2. Museu Bernardino Machado
3. Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave
4. Museu da Cerâmica Artística – Fundação Castro Alves
5. Centro Português do Surrealismo – Museu da Fundação Cupertino de Miranda
6. Museu Ferroviário
7. Casa-Museu Soledade Malvar
8. Museu da Guerra Colonial
9. Museu do Automóvel
10. Museu da Arte Sacra
11. Museu da Confraria de Lemenhe (coleção visitável)

A **Casa Camilo – Museu Centro de Estudos**, cuja fundação remete-nos ao ano de 1921, consiste na transformação da casa residida pelo escritor Camilo Castelo Branco numa Casa-Museu. Denominada da maior memória viva de Camilo Castelo Branco, a Casa-Museu apresenta uma importância histórica, dado que permite ao visitante conhecer num ponto de vista aprofundado e imersivo, a vida e obra do escritor que impactou a cultura e literatura portuguesa (Município de Vila Nova de Famalicão, 2019, pp.33-35).

O **Museu Bernardino Machado** inaugurado em 2001 é o resultado de uma parceria entre o Município de Vila Nova de Famalicão e os descendentes de Bernardino Machado, que entregaram e doaram diversos objetos pessoais, profissionais para elaborar um acervo documental e bibliográfico, conjugando num dos acervos mais ricos e importantes para o estudo da Primeira República (Município de Vila Nova de Famalicão 2019, pp.36-38).

O **Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave** fundado em 1987, consiste na elaboração de um museu que integra um momento essencial da história do povo de Vila Nova de Famalicão, dado que é uma região marcada pela indústria têxtil, levando a que o acervo deste museu fosse o resultado de doações de diversos famalicenses que possuíam objetos essenciais para a coleção do museu. A sua criação começou a ser planeada na

década de 80, em Santo Tirso, numa altura que começava a ser notório as mudanças que o 25 de abril havia trazido ao setor têxtil português. Em 1987, ocorreu uma reunião entre diversas autarquias com o objetivo de este projeto ser fundado por parte de autarquias cuja território sofreu o impacto da indústria têxtil. As autarquias presentes nesta reunião foram as de Vila Nova de Famalicão, Fafe, Guimarães, Santo Tirso e Vila do Conde. Apesar de todas as autarquias terem manifestado interesse na ideia, apenas a autarquia de Vila Nova de Famalicão demonstrou vontade em integrar o projeto. A adesão de Vila Nova de Famalicão não foi bem vista por parte das outras autarquias, dado que entenderam que o projeto passara a ser exclusivamente de Vila Nova de Famalicão. A abertura da autarquia de Vila Nova de Famalicão, à época, resultou num projeto levado a cabo somente por parte de Famalicão (Município de Vila Nova de Famalicão, 2010, pp. 207-217).

O **Museu da Cerâmica Artística (da Fundação Castro Alves)** foi inaugurado em 1987, sendo o resultado de reunir peças desenvolvidas na Escola de Cerâmica Artística da Fundação Castro Alves, considerado como um testemunho da evolução e da criatividade dos seus artesãos. A sua fundação resultou em três objetivos concretizados, que consistiam em tornar o museu uma referência nacional, colaborar no projeto da criação da Rede Museológica Municipal de Famalicão e integrar o museu na Rede Portuguesa de Museus (Município de Vila Nova de Famalicão, 2010, pp. 245-256).

O **Centro Português do Surrealismo (Fundação Cupertino de Miranda)** foi fundado em 1972, tendo como objetivo divulgar diversas obras de artes plásticas, que se inserem na Arte Moderna e Contemporânea, com um foco na vertente do Surrealismo. Este museu tem como objetivo enriquecer o património português relativo ao surrealismo, assim como desenvolver um estudo e conservação das obras que funcionam como identidade do concelho e de Portugal (Município de Vila Nova de Famalicão, 2010, pp. 231-232)

O **Museu Ferroviário** fundado em 1980, consiste numa viagem pela história da ferrovia, desde divulgar as tipologias da ferrovia portuguesa, como elementos tais como materiais de passageiros, mercadorias e comboios de luxo. A coleção é composta por objetos de oito companhias, três do sistema de via estreita à volta do Porto, adquirido em seis países, a treze construtores (Município de Vila Nova de Famalicão, 2019, pp. 40-41).

A **Casa-Museu Soledade Malvar** foi criada em 2002, sendo o resultado de doações ao Município de Vila Nova de Famalicão da coleção de arte de Maria da

Soledade Malvar. O seu acervo é constituído por diversos objetos que Soledade Malvar reuniu ao longo da sua vida (Município de Vila Nova de Famalicão, 2019, pp. 49-50).

O **Museu da Guerra Colonial** inaugurado em 1999 é a consequência de uma colaboração de três partes, sendo elas o Município de Vila Nova de Famalicão, a ADFa (Associação dos Deficientes das Forças Armadas) e ALFACOOOP (Externato Infante D. Henrique de Ruilhe), que tem como objetivo dar a conhecer, explorar e compreender a Guerra Colonial. A criação do Museu da Guerra Colonial proveio de uma atividade didática por parte do Externato Infante D. Henrique de Ruilhe que em conjunto com as diversas freguesias, elaboraram um levantamento de diversos objetos por parte de ex-combatentes. Mais tarde, a Câmara Municipal de Famalicão optou por celebrar um protocolo de colaboração com a ADFa e ALFACOOOP pretendendo preservar, divulgar e estudar os diversos espólios da Guerra Colonial. O seu acervo é composto por diversas doações por parte de antigos combatentes ou familiares de combatentes (Município de Vila Nova de Famalicão, 2010, pp. 221-230).

O **Museu do Automóvel** criado em 2013, é o desfecho que pretendiam diversos famalicenses que compunham o Clube do Automóvel Antigo e Clássico Vila Nova de Famalicão (criado em 1993). A coleção é composta por múltiplos automóveis pertencentes a membros do Clube Automóvel acima referido e de colecionadores nacionais (Município de Vila Nova de Famalicão, 2019, pp. 46-47).

O **Museu de Arte Sacra** fundado em 1997, apresenta como acervo diversas obras de arte sacra cristã doados por parte da Paróquia de Santo Adrião de Vila Nova de Famalicão, que demonstram a relação do Homem com o divino. O **Museu da Confraria de Lemenhe**, fundado em 2012 é uma coleção visitável, composta por um acervo de diversos documentos e objetos religiosos ligados fé cristã. Com a criação dos museus de arte sacra entra em cena um novo tipo de turismo, o turismo religioso, sendo que Vila Nova de Famalicão apresenta condições favoráveis para desenvolver este tipo de turismo e tirar o maior proveito do mesmo através dos múltiplos recursos museológicos presentes em Famalicão. A fundação deste tipo de museus resultou do propósito de preservar o “património religioso e histórico e de promover o desenvolvimento local” (Município de Vila Nova de Famalicão, 2010, pp. 233-243).

<b>Museus de Famalicão</b>	<b>Propriedade</b>	<b>Tutela</b>
Casa Museu Camilo	Município	<b>Municipal</b>
Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave	Município	<b>Municipal</b>
Museu Bernardino Machado	Município	<b>Municipal</b>
Casa Soledade Malvar	Município	<b>Municipal</b>
Museu da Fundação Cupertino de Miranda	Fundação Cupertino Miranda	<b>Privada</b>
Museu da Guerra Colonial	Associação Museu da Guerra Colonial	<b>Municipal</b>
Museu da Confraria de Nossa Senhora do Carmo de Lemenhe	Confraria de Nossa Senhora do Carmo	<b>Municipal</b>
Museu Nacional Ferroviário – Núcleo de Lousado	Fundação Museu Nacional Ferroviário	<b>Partilhada</b>
Museu de Cerâmica Artística da Fundação Castro Alves	Fundação Castro Alves	<b>Privada</b>
Museu do Automóvel	Clube Automóvel Antigo e Clássico	<b>Privada</b>
Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa	Fábrica da Paróquia de V. N. Famalicão	<b>Partilhada</b>

**Quadro 1** - Tutela dos Museus da Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão  
**Autoria própria**

## **2.3 A constituição da Rede de Museus**

Em 2009, havia sido concordado pelas unidades museológicas a criação de uma Rede Museológica Municipal, resultando igualmente numa concordância, por parte dos 12 museus, em comemorar em conjunto o Dia Internacional dos Museus, a partir de 2009. No período de 2009-2011 foi realizado um inquérito com o objetivo de compreender a situação de cada museu, e chegou-se à conclusão de que era efetivamente necessária a criação de uma rede museológica (Boletim Cultural, 2010, pp. 381-294).

A 25 de julho de 2012 ocorreu uma reunião entre as 12 unidades museológicas e o Município de Vila Nova de Famalicão, tendo como objetivo a elaboração da Declaração de Princípios. Apesar dos diversos museus apresentarem patrimónios únicos, inigualáveis e com elevado valor cultural, histórico e artístico, as fragilidades identificadas estão diretamente relacionadas com a visibilidade e divulgação, assim como com a rentabilidade do seu potencial, seja na dimensão cultural seja na dimensão económica. É diagnosticado espaço para melhorias no que concerne à sua visão, gestão e programação, fruto de uma postura individualista, o que conduziu, como consequência, à ausência de projeção. A criação desta rede assumiu como um dos principais objetivos o fornecimento de apoio aos museus relativamente ao cumprimento das funções museológicas, caso

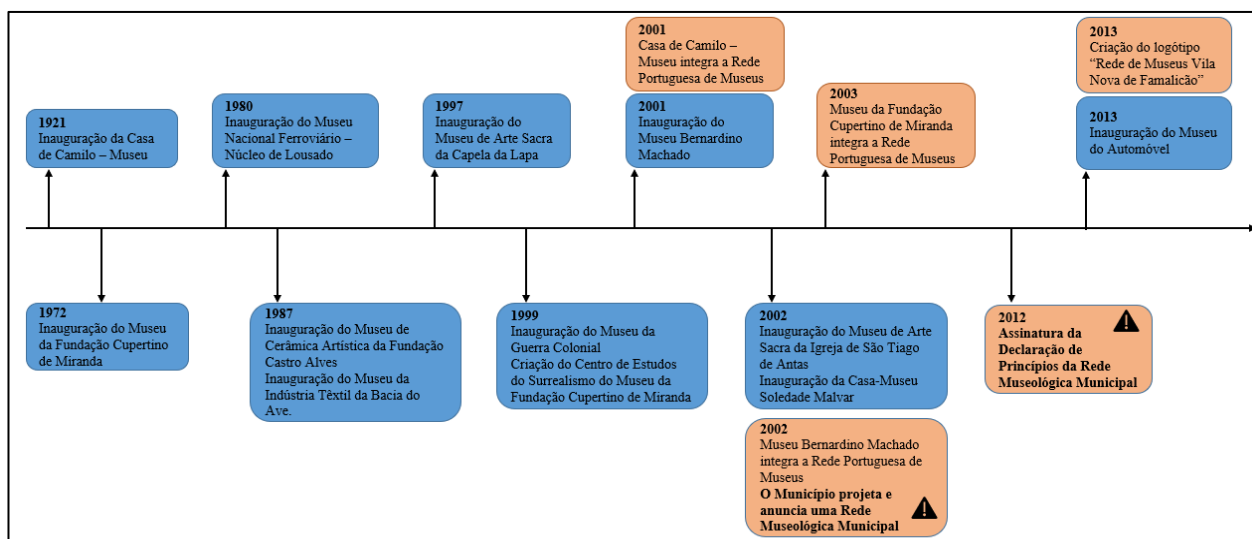
algum dos seus membros não tivesse a possibilidade de usufruir de uma equipa multidisciplinar (Boletim Cultural, 2010, pp. 381-294).

Os 12 museus que haviam assinado a Declaração de Princípios comprometeram-se com os seguintes objetivos (Boletim Cultural, 2010):

- a. Prestar apoio mútuo, partilhar experiências e permutar meios técnicos e recursos humanos;
- b. Promover iniciativas e ações conjuntas;
- c. Fazer intercâmbio de exposições e a cedência temporária de objetos e peças dos acervos;
- d. Realizar uma gestão partilhada e articulada dos museus da Rede;
- e. Respeitar a identidade de cada um ou da rede nacional, onde se inserem, criar uma imagem comum para a Rede Museológica Municipal, que seja o seu rosto e a identifique; uma imagem de marca, que se torne num destino turístico/cultural de Vila Nova de Famalicão;
- f. Colaborar na promoção e valorização, no plano interno e externo, deste novo cartaz turístico.

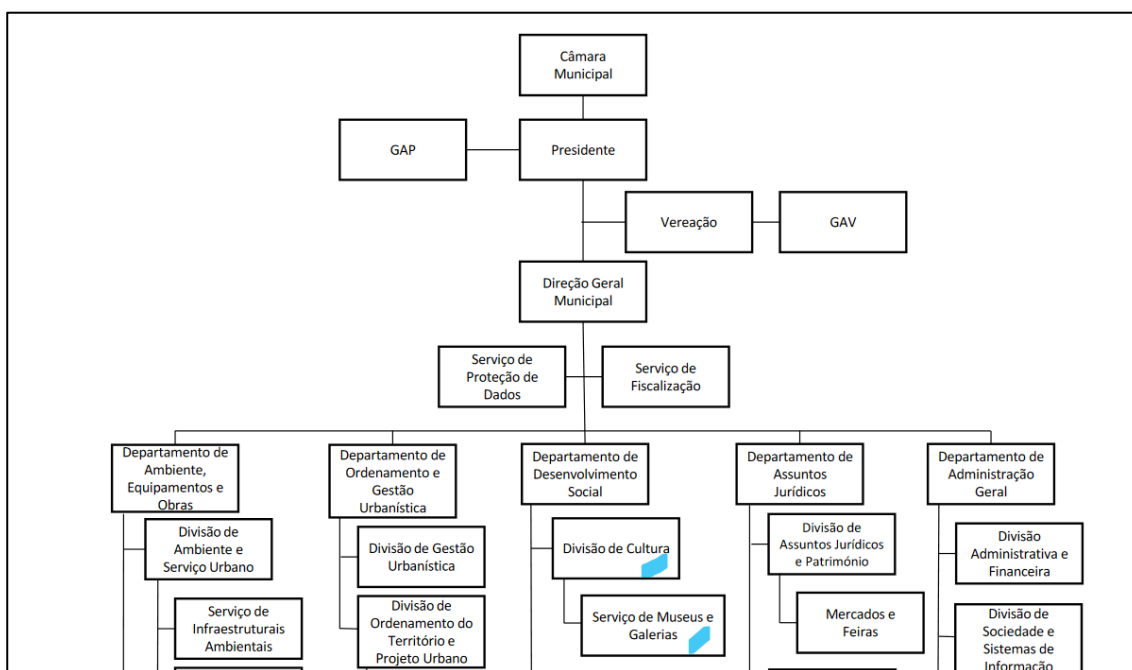
Além deste conjunto de objetivos acordados entre as 2 partes (12 museus + Município de Vila Nova de Famalicão), foi igualmente acordado que a pertença à Rede Museológica não iria afetar pontos de autonomia, dado que as tutelas não são homogêneas nos 12 museus, assim como:

- I. A adesão e desvinculação à Rede Museológica Municipal é livre e voluntária;
- II. No momento de adesão, o museu que o faça tem de possuir, no mínimo, um responsável técnico, e um espaço de exposição, aberta ao público, em horário conhecido, além de um inventário das peças;
- III. A adesão à Rede não afeta nem diminui a individualidade, independência e autonomia do museu aderente;
- IV. A Rede assenta numa base democrática, em igualdade de direitos e deveres de cada membro, independentemente da sua natureza pública ou privada, ou da sua notoriedade;
- V. A adesão pressupõe a cooperação e partilha das responsabilidades com os seus pares.



**Figura 4 – Cronologia da RMVNF**  
**Autoria própria**

Devemos realçar que o Serviço de Museus e Galerias é o departamento que a Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão se encontra inserido, sendo que este faz parte da Divisão de Cultura e consequentemente parte do Departamento de Desenvolvimento Social. Por fim o Departamento de Desenvolvimento Social deve responder à Direção Geral do Município.



**Figura 5 – Organograma da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão**  
**Autoria – Câmara Municipal**

No Capítulo III, a abordagem metodológica será aprofundada, elucidando como e o porquê da dissertação se enquadrar em determinados aspectos, assim como uma apresentação das questões que formam as entrevistas.

## **CAPÍTULO III – ABORDAGEM METODOLÓGICA**

---

Na elaboração de uma revisão da literatura (RL) há que considerar diversos aspetos, entre os quais, o tipo da revisão de literatura que se pretende desenvolver. Contudo, será necessário entender o que é uma revisão de literatura, sendo que podemos encontrar diversas respostas a esta pergunta, que serão bastante semelhantes, isto porque têm em comum os principais aspetos que a constituem.

Podemos afirmar que a revisão da literatura é um processo que tem como objetivo educar o investigador que desenvolve a revisão da literatura no tópico, ou tópicos que investiga, e promove a compreensão do conhecimento nessa área (Arshed & Dansen, 2015). De acordo com Arshed & Dansen (2015), o principal objetivo de uma revisão da literatura narrativa é analisar e resumir um corpo da literatura, apresentando um fundo abrangente de a literatura dentro do tema de interesse para destacar novos fluxos de investigação, identificar lacunas ou reconhecer inconsistências. Coughlan et al. (2007) refere ainda que este tipo de revisão pode auxiliar a refinar, focar e até formular questões de investigação, bem como auxiliar no desenvolvimento de quadros teóricos e conceptuais Coughlan et al. (2007).

Segundo Galvão & Ricarte (2019), a RL é um processo fundamental no desenvolvimento de trabalhos académicos ou científicos, é possível encontrar variados artigos de revisão que demonstram diferentes abordagens aplicadas para as diversas fases dos trabalhos. Assim, é possível entender a RL como um termo que engloba os trabalhos que fornecem um exame da literatura que abrange assuntos específicos. Os mesmos autores definem a RNL (Revisão Narrativa da Literatura) como a literatura reunida pelo investigador de entre um conjunto de trabalhos específicos, que este considera relevantes para o tratamento da temática do seu projeto, não fornecendo explicitamente os critérios segundo os quais selecionou e construiu a sua revisão para que esta possa ser, posteriormente, repetida por outros investigadores.

Quivy & Campenhoudt (2008, pp. 51-54) propõem um “método de organização, realização e tratamento das leituras (...) indicado para qualquer tipo de trabalho, seja qual for o seu nível [...], experimentado com sucesso [...], que visa obter os melhores resultados com o menor custo”. Os autores sugerem ainda que o material para leitura seja escolhido segundo os seguintes critérios: ligação com a pergunta de partida que orienta a investigação; dimensão razoável e realista (exequível) do programa de leitura; orientação para os elementos de análise e interpretação; e com a garantia de se aceder a abordagens diversificadas.

Bryman (2012) complementa que o processo de revisão da literatura deve contemplar uma dimensão crítica, não se limitando a ser um resumo das obras lidas.

Parece claro que a RNL consiste em subjetividade, isto é, a revisão está sujeita a uma carga subjetiva por parte do investigador que a realiza, embora tenha como base artigos científicos, dissertações e outras fontes bibliográficas que poderão não assumir uma dimensão científica, por exemplo: artigos jornalísticos, reportagens televisivas, etc. e não depende de um levantamento exaustivo e sistemático da bibliografia. A revisão sistemática de literatura (RSL) é objetiva, é necessário um olhar crítico e de avaliação, onde são usados métodos sistemáticos para conseguir chegar aos estudos que apresentem uma maior relevância sobre o tema que motiva a pesquisa.

Considerando esta breve explanação, importa referir que a presente dissertação recorre à RNL, assumindo-se que esta está sujeita à subjetividade do investigador, mas recorre a informação e documentação validada como sejam artigos científicos, dissertações e livros científicos

A pesquisa bibliográfica que esteve na base da RNL pressupôs pesquisa, em vários repositórios digitais, dos conceitos previamente identificados. Foram pesquisados quatro repositórios: a B-on, que surge como um agregador de diversos repositórios e bases de dados comerciais, o Repositório Aberto da Universidade do Porto, o Repositório Aberto do Instituto Politécnico do Porto, o Repositório Aberto da Universidade do Minho e o Repositório Aberto da Universidade de Aveiro. Contudo, há que referir que a base de dados Research Gate foi igualmente utilizada, mas não é referida na tabela 1, dado que não é possível saber o número total de resultados após uma pesquisa de um conceito, sendo que as pesquisas ocorridas nesta base de dados foram filtradas por “apenas textos completos”.

A escolha destas quatro bases de dados recaiu sobre o facto de a B-on além de ter acesso a múltiplos artigos, dissertações e livros científicos, também nos reencaminha para outras base de dados que apresentarão um outro conjunto de resultados. Os repositórios abertos da Universidade do Porto, do Instituto Politécnico do Porto, o Repositório Aberto da Universidade do Minho e a Universidade de Aveiro foram escolhidos dado que como são universidades tendem a ter um maior acesso a dissertações, sendo que permitiriam comprovar se o tema a ser trabalhado já tinha sido explorado.

As expressões de pesquisa utilizadas foram “Gestão da Informação”, “Ciência da Informação”, “Museu” AND “Museologia” e “Património Cultural”. A escolha destas queries respeitou os seguintes critérios: “Museu” e “Museologia” são conceitos essencial

e parte do elemento central da dissertação pois é à volta desta temática que a dissertação se desenvolve.

No caso do B-on, a opção de usar na pesquisa o operador booleano “AND” pelos dois termos em conjunto, deveu-se ao facto de diversos artigos e dissertações optarem por não utilizar a palavra-chave “Museu”, mas sim “Museologia”, e assim estaria garantida a inclusão de todos os trabalhos que optassem por considerar os conceitos “Museu” e “Museologia”.

No Repositório Aberto da Universidade do Porto, optou-se por pesquisar apenas por “Museologia”, dado que os artigos/dissertações relacionadas com museus encontravam-se sob a esfera da “Museologia”.

No caso dos repositórios do Instituto Politécnico do Porto, do Repositório Aberto da Universidade do Minho e da Universidade de Aveiro, optou-se por duas pesquisas de conceitos, uma relativa a “Museu” e outra relativa a “Museologia”, devido ao escasso número de resultados e ao facto de alguns trabalhos com o conceito “Museu” sob filtro “assunto”, já se encontrarem no tópico “Museologia”. A escolha por pesquisar “Património Cultural” resultou da presença do conceito de “Património Cultural” em diversas dissertações de Museologia. Já os conceitos “Gestão da Informação” e “Ciência da Informação” foram tidos em conta, dado à sua relação com o mestrado em si, ou seja, e com a especificidade do trabalho que se pretende desenvolver, contemplando a forma como a informação é armazenada e comunicada ao público.

Relativamente aos resultados de pesquisa, os diversos conceitos foram filtrados em determinados pontos, no caso do B-on. o conceito “Gestão da Informação” foi filtrado da seguinte forma: SU Termos de assunto; Idioma “português”; 1990-2023; texto integral; revistas académicas; Assunto – “gestão da informação”; Publicação – “ciência da informação”, sendo que resultou num conjunto de 44 resultados acessíveis. O conceito “Ciência da Informação” teve os mesmos filtros, exceto as mudanças nos campos Assunto que passou a incluir “information science”, resultando em 30 resultados. O conceito “Património Cultural”, apenas teve a mudança igualmente no assunto, mudança para “museus e museologia” e “património cultural”, e no tipo de conteúdo acrescentando às revistas académicas as dissertações, levando a 46 resultados. O conceito “Museu” AND “Museologia”, já teve um limite temporal menor (2005-2023) dado que se conseguiria filtrar artigos/dissertações que fazem uma maior referência à utilização de tecnologias nos museus, assim como teve como foco “revistas académicas” e “dissertações”, e no assunto filtrou-se por “museus” e “património cultural”.

No caso dos resultados obtidos nos diversos repositórios, apenas foi filtrado o conceito como Assunto, sendo que mais especificamente, o Repositório Aberto da Universidade do Porto apresentou 36 resultados (27 de “Museologia” e 9 de “Museu”), o Repositório Aberto do Instituto Politécnico do Porto apresentou 5 resultados, entre os quais 3 de “Museu”, 1 de “Museologia” e 1 de “Museology”, já o caso do Repositório Aberto da Universidade de Aveiro apresentou um conjunto de resultados de 11, enquadrando 6 em “Museologia”, 4 em “Museu” e 1 em “Museum”, o Repositório Aberto da Universidade do Minho apresentou um conjunto de resultados de 21, com 7 em “Museologia” e 14 em “Museu”.

Outra bibliografia foi ainda sugerida pelas orientadoras do trabalho de investigação e numa fase mais avançada, documentos disponibilizados pelos responsáveis da RMVNF. De referir ainda que as fontes usadas permitem a importação dos registos para o gestor de referências bibliográficas utilizado, o Zotero e que no caso da B-on, é possível aceder aos full text subscritos através do uso da VPN do P.Porto.

**Tabela 1.** Base de dados, conceitos e resultados utilizados e atingidos na pesquisa (Fonte: o próprio)

Base de dados	Conceitos	Resultados
B-on	Gestão da Informação	44
	Ciência da Informação	30
	Museu AND Museologia	116
	Património Cultural	46
Repositório Aberto da Universidade do Porto	Gestão da Informação	0
	Ciência da Informação	0
	Museologia	36
Repositório Aberto do Instituto Politécnico do Porto	Património Cultural	0
	Gestão da Informação	17
	Ciência da Informação	1
Repositório Aberto da Universidade de Aveiro	Museu; Museologia	5
	Património Cultural	5
	Gestão da Informação	1
	Ciência da Informação	2

	Museu; Museologia	11
	Património Cultural	23
<hr/>		
	Gestão da Informação	0
Repositório Aberto da Universidade do	Ciência da Informação	0
Minho	Museu; Museologia	21
	Património Cultural	0
<hr/>		

**Fonte – Autoria própria**

Segundo Miranda (2009), a melhor forma de conseguirmos atingir soluções para os problemas com que nos deparamos é através da investigação, que com uma recolha de dados e com a sua posterior interpretação encontremos as soluções.

### **3.1 Abordagem metodológica adotada e método de investigação utilizado**

Relativamente à abordagem da investigação, ou seja, a metodologia de investigação que foi aplicada na elaboração do trabalho de investigação, é necessário ter em conta três aspetos: a natureza, a forma de abordagem do problema e os objetivos.

No que diz respeito à natureza, podemos afirmar que existem dois tipos de investigação, a básica e a aplicada. Segundo Libório & Terra (2015) podemos entender a investigação básica como uma investigação que tem em conta os conhecimentos práticos e que podem ser vantajosos, contudo não existe uma aplicação prática destes conhecimentos. A investigação de natureza aplicada, por outro lado consiste em fornecer resoluções práticas para determinados problemas, ou seja, existe a aplicação da teoria e da prática na investigação aplicada.

Relativamente ao tipo de abordagem temos três opções em que o trabalho se pode inserir, sendo elas quantitativa, qualitativa e mista. A abordagem quantitativa (ver figura 2) consiste em utilizar uma metodologia matemática, isto é, desenvolve-se a partir de dados que podem ser convertidos em números e utilizados para cálculos, levando a que se obtenham evidências objetivas. Utiliza uma amostra composta por um elevado número de pessoas, de modo a obter resultados mais próximos da realidade, sendo que o que se conclui é obtido através dos números e estatísticas adquiridas. A abordagem qualitativa, por outro lado apresenta uma maior subjetividade, sendo as evidências obtidas através de entrevistas, em oposição aos inquéritos, e a nível de amostragem é necessária uma amostra mais pequena e específica.

<b>Quantitativa</b>	<b>Qualitativa</b>
Objetivo	Valorização de subjetividade
Uma realidade	Múltiplas realidades
Redução, controlo, predição	Descoberta, descrição, compreensão
Mensurável	Interpretativa
Mecanista	Organística
O todo é a soma das partes	O todo é mais que a soma das partes
Relatório de análise estatística	Relatório de narrativa
Separação do investigador relativamente ao processo	O investigador faz parte do processo
Sujeitos	Participantes
Livre de contexto	Dependente do contexto

**Figura 6** - Comparação de abordagem de investigação quantitativa e qualitativa  
 Fonte: **Freixo (2011)**

A abordagem mista como é fácil de entender remete-se à utilização da abordagem quantitativa e da qualitativa, através de inquéritos e de entrevistas, respetivamente.

A abordagem utilizada nesta dissertação a nível da natureza enquadra-se numa abordagem aplicada e qualitativa, uma vez que irá pressupor a recolha de dados qualitativos, através de entrevistas. A entrevista ao responsável da Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão seguiu um roteiro temático predefinido, centrando-se nas políticas de informação e tecnologia em vigor na rede e nas orientações sobre a acessibilidade e divulgação das coleções, no geral e em particular durante o período pandémico. Haverá, no entanto, abertura para inclusão de questões pertinentes que possam surgir no momento, uma vez que se tratou de uma entrevista semiestruturada. Tendo sido autorizada a gravação, foi usado um smartphone para o efeito e o conteúdo

foi, posteriormente, transcrito. As entrevistas direcionadas aos responsáveis dos museus foram diretas e fechadas.

Relativamente ao tipo de objetivos, são-nos apresentadas três opções, a investigação descritiva, a exploratória e a explicativa. A investigação descritiva como o nome indica pretende descrever, sendo que neste caso a investigação descreverá a relação entre grupos de pessoas, fenómenos ou variáveis. A investigação exploratória consiste em explorar as hipóteses de um dado problema, o que por si implica um levantamento de dados, bibliografia e de entrevistas, sendo este tipo de investigação feita por investigadores com pouca experiência. A investigação explicativa propõe-se a explicar o porquê das coisas, tendo em conta fatores que possam influenciar determinado evento, recorrendo ao método experimental e observacional, com a utilização das entrevistas aos responsáveis dos museus.

A investigação que será colocada em prática nesta dissertação consiste numa investigação exploratório-descritiva, permitindo conhecer e aprofundar temáticas e promovendo a relação entre os diferentes conteúdos.

No que diz respeito à cosmovisão, são quatro as possibilidades de cosmovisão onde a dissertação se poderá enquadrar, sendo elas a construtivista, pós-positivista, transformadora e pragmática. A cosmovisão construtivista enquadra-se numa pesquisa qualitativa, focando-se no aspeto social, levando a que o investigador compreenda a visão dos participantes. A visão pós-positivista apoia-se na pesquisa quantitativa, sendo que o investigador tende a ter uma teoria, recolhe dados para a comprovarem ou refutarem e de seguida, faz as revisões necessárias. A cosmovisão transformadora foca-se nos aspetos sociais e políticos, com o objetivo de consciencializar alguma mudança de melhoria na vida das pessoas, a cosmovisão pragmática que permite ao investigador utilizar métodos mistos, podendo utilizar diversos métodos de recolha e análise de dados.

A cosmovisão que se relaciona com a dissertação é a cosmovisão construtivista, dado que recorre a uma pesquisa qualitativa para compreender o problema.

O corpus documental selecionado contribuiu para o desenvolvimento da revisão da literatura e espera-se que contribua também para a pesquisa de campo.

O trabalho empírico e a recolha de evidências, na globalidade do tempo dedicado à investigação e dissertação, irá ocorrer na totalidade dos museus que fazem parte da Rede de Museus de Famalicão, bem como nas instalações da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. O trabalho empírico permite ao investigador ter um maior e mais próximo

contacto com o seu objeto de estudo, permitindo à investigação fornecer respostas e possibilitando a constituição de conhecimento e de prossecução dos objetivos propostos.

O estudo de caso foi realizado tendo como premissa os pressupostos apresentados por Triviños (2008) que assume que esta investigação analisa, de forma aprofundada, uma determinada realidade, neste caso, a RMVNF, como uma unidade de informação.

## **3.2 Técnica de recolha de dados**

### **3.2.1 A entrevista**

Segundo Fraser e Gondim (2004), a utilização da entrevista surge no âmbito da pesquisa social, dado que se centrava em analisar informação social como as condições económicas e sociais dos indivíduos. Contudo, é de fácil perceção que esta ideia, ao longo do tempo, modificou-se e evoluiu, isto porque atualmente a adoção de um método de recolha de dados enquanto investigação social foca-se na subjetividade do entrevistado, o que permitirá compreender diversos pontos de vista. Não obstante há que ter em conta que subjetividade pode ser limitada se for aplicada a entrevista estruturada, como veremos. O conceito de entrevista é explorado por Lobiondo-Woo e Haber (2001), que referem que a entrevista tem como o objetivo agrupar múltiplas dados de um grupo de pessoas. Segundo Minayo (2010), a entrevista

“(…) é considerada uma modalidade de interação entre duas ou mais pessoas. Essa pode ser definida como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e por meio de perguntas formuladas busca a obtenção dos dados que lhe interessa. É uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para o objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objetivo” (Minayo, 2010).

De acordo com Miranda (2009), temos de ter em conta que as formas mais relevantes de entrevistas são as seguintes: a entrevista estruturada, semiestruturada e a aberta. A entrevista estruturada consiste em ter as questões previamente formuladas, sem existir a possibilidade, quer por parte dos entrevistados quer por parte do entrevistador, para explorar novos “caminhos”; a entrevista semiestruturada, por outro lado apresenta questões abertas e questões fechadas, permitindo ao entrevistador seguir as questões pré-definidas, mas possibilitando, igualmente, explorar questões que não estavam definidas e que surgem no decurso da entrevista. As entrevistas abertas restringem-se às questões abertas, pretendendo obter o máximo possível de informação sobre um determinado

assunto, cabendo ao entrevistador introduzir o tema e o entrevistado tem toda a liberdade para desenvolver o tema em questão. Ainda podemos referir o caso das entrevistas informais (entrevista pouco estruturada, que tem como objetivo possuir uma visão extensa do problema) (Gil, 2008), as entrevistas focalizadas (possui um tema específico, onde ocorre liberdade por parte do entrevistado desenvolver o assunto que lhe é questionado) e as entrevistas em sondagem de opinião (questionário estruturado que o entrevistado está condicionado a responder às perguntas presentes no questionário) (Minayo, 2010).

A entrevista realizada no âmbito desta investigação foi uma entrevista semiestruturada, dado que apresenta um roteiro predefinido, mas possibilita a inclusão de questões pertinentes que possam surgir no momento. Segundo Triviños (1987) a entrevista semiestruturada

“[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

As entrevistas aos responsáveis dos museus enquadram-se nas entrevistas estruturadas, dado que consiste em questões formuladas e sem a abertura de existir novas questões por parte do entrevistador e sem a possibilidade de explorar novas vias durante a entrevista.

A realização da entrevista teve como entrevistada a Dr. Eva Cordeiro (com a função de técnico superior responsável, à data da entrevista, pelo Serviço de gestão de Coleções e pelo Serviço de Comunicação), sendo que seguiu um roteiro temático predefinido (entrevista semiestruturada), centrando-se nas políticas de informação e tecnologia em vigor na Rede e nas orientações sobre a acessibilidade e divulgação das coleções, no período geral e durante o período pandémico. A entrevista foi realizada, com a devida autorização, através da utilização de um smartphone para gravar as perguntas e respostas.

As questões presentes na entrevista foram as seguintes:

1. Qual é exatamente a sua função na Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão? Quais as tarefas associadas à sua função?
2. Em que contexto político surge a Rede?
3. Qual foi a necessidade para a criação da Rede de Museus?
4. Considera que foi uma boa ideia? Ou resultou numa complicação de burocracias?
5. A ideia de criar a Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão que levaria a uma gestão em rede dos museus partiu do Município?

6. Quem definiu os regulamentos, estatutos e princípios da rede?
7. A Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão consiste em 12 museus, contudo o Museu Cívico e Religioso de Mouquim está a prestes a sair da rede. Qual foi o motivo para esta saída? Partiu do próprio museu esta decisão ou por parte da Rede?
8. Em que consistem as vossas políticas de informação e tecnologia que estão neste momento em vigor?
9. Quais as orientações sobre a acessibilidade e divulgação das coleções?
10. Relativamente ao período pandémico, quais foram as vossas políticas de informação e divulgação das coleções?
11. A pandemia COVID-19 afetou diversos setores culturais portugueses, sendo que os museus também tiveram as suas dificuldades. Quais foram as dificuldades e que medidas adotaram relativamente ao funcionamento? Relativamente à receita? E relativamente à atração de visitantes?
12. Os diversos museus têm a sua independência? Ou seja, se determinado museu optar por inculir determinada tecnologia é-lhes permitido (e possivelmente serve de “cobaia” para os outros museus) ou se um museu incorpora algo, os outros têm de o fazer também?

As entrevistas foram dirigidas aos responsáveis dos dez museus que integram a rede de museus. Do conjunto de 11 museus que formam a RMVNF, a entrevista apenas se adequava a 10 museus, dado que o Museu Cívico e Religioso de Mouquim se encontra de saída da RMVNF e o Museu da Confraria de Lemenhe é uma coleção visitável. O facto de ser uma coleção visitável, restringe as diversas questões presentes na entrevista, levando a que as respostas não adicionem informação útil ao que se pretende explorar. Contudo, do conjunto dos 10 museus a que foi submetido a entrevista, não foram obtidas respostas por parte da Casa de Camilo – Museu Centro de Estudos e do Museu do Automóvel. Foi obtido a resposta dos oito museus restantes (Museu Bernardino Machado; Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave; Museu da Cerâmica Artística – Fundação Castro Alves; Centro Português do Surrealismo – Museu da Fundação Cupertino de Miranda; Museu Ferroviário; Casa-Museu Soledade Malvar; Museu da Guerra Colonial; Museu da Arte Sacra).

A entrevista apresenta questões abertas e fechadas, sendo que a questão inicial pretende compreender a realidade dos museus que compõem a rede e como estes se sentem na rede, sendo que as restantes questões contemplam três dimensões: a primeira refere-se às características do museu no período atual e no período de confinamento

(instalações, horário de funcionamento, coleção e outras); a segunda diz respeito à forma como as informações relativas à coleção são geridas nos museus (regras e convenções, instrumentos de gestão de informação, de que forma a tecnologia é usada); a terceira dimensão prende-se com a divulgação e acessibilidade das coleções, considerando, também o período pandémico recente. Numa primeira fase as entrevistas foram realizadas de modo presencial, com o auxílio de um smartphone, de modo a gravar as perguntas e respostas e mais tarde, devido a condicionantes que não permitiram a deslocação aos museus, foi realizada através da submissão das respostas via e-mail.

O conjunto de questões presente na entrevista, que dizem respeito ao período pandémico e pós pandémico, são as seguintes:

**1. Considera que o vosso museu se destaca dos restantes museus da rede?**

- a. Se sim, porquê?
- b. Se não, porquê?

**Perguntas-base direcionadas aos museus**

1. Qual foi a data da inauguração do museu?
2. A rede veio a facilitar e fomentar o trabalho em conjunto com os restantes museus de Famalicão?
3. A rede acaba por ter algum papel no vosso funcionamento? Se não, consideram a sua existência inútil?
4. Prefeririam “trabalhar” sozinhos ou manter esta rede conjunta de funções?
5. Como perspetivam no futuro o papel da rede junto dos museus?

**Características do museu**

1. Como caracterizam as vossas instalações?
2. Consideram que tem atingido boas quotas de visitantes?
3. Se não, que medidas acham que deviam ser adotadas?
4. O vosso museu é composto por quantos funcionários e quais são as funções do diverso corpo operacional?
5. Qual é o vosso horário de funcionamento?

**Como as informações relativas à coleção são geridas nos museus**

1. Quais as regras de funcionamento relativamente às coleções?

2. Quais os instrumentos utilizados na gestão de informação?
3. Qual o software que utilizam na preservação/armazenamento das coleções?
4. Que tecnologia utilizam nos vossos museus?
5. Consideram que o vosso museu está tecnologicamente atrasado em relação a outro museu que compõe a rede?
6. Que tecnologia utilizam na preservação/armazenamento das coleções?
7. Caso a tecnologia seja “rudimentar”, consideram que deviam “atualizar” a mesma?

### **Divulgação e acessibilidade das coleções**

1. Como são divulgadas as coleções/exposições ao público?
2. Como incentivam o público a visitar o vosso museu?
3. Têm algum público-alvo?
4. Existe medidas do vosso município com o distrito de modo a incentivar uma maior aderência por parte do público?
5. As coleções do vosso museu enquadram-se em exposições permanentes, temporárias ou apresentam uma dualidade, com a presença de exposições permanentes e temporárias?

Expostas as questões que constituem as entrevistas, no Capítulo IV é desenvolvida uma análise dos diversos resultados que se conseguiu obter e a sua pertinência para a dissertação.

## **CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

---

Neste capítulo apresentam-se os resultados obtidos através das ferramentas de recolha de dados aplicadas. Os dados são apresentados em gráficos e tabelas, de acordo com o que melhor facilitará a perceção da informação recolhida. Os dados que se apresentam primeiramente dizem respeito à entrevista à responsável Dr. Eva Cordeiro. De seguida apresentam-se os dados relativos aos diferentes museus da RMVNF participantes no estudo.

Segundo a entrevistada, Dr. Eva Cordeiro, a RMVNF surgiu como uma ideia de juntar os diversos museus da região numa parceria, na qual todos iriam retirar proveito, sendo que esta necessidade de criar a rede partiu da conclusão das unidades museológicas que entenderam como uma mais-valia. A sua criação foi planeada e “construída” em 2009, mas apenas em 2012 se formalizou a sua criação, cabendo depois ao concelho de Vila Nova de Famalicão e às 12 unidades museológicas formalizar uma Declaração de Princípios, contendo os diversos objetivos de cada museu e a sua missão, bem como da própria Rede. Apesar da Rede ser formada por 11 unidades museológicas (o Museu Cívico e Religioso de Mouquim está a preparar a sua saída da rede), todas as decisões que os museus tomam são fruto da sua própria iniciativa, contudo podem ser informados pela Rede sobre alguma questão, realçando o papel informativo que a Rede tem.

Relativamente às políticas de informação e tecnologia, estas foram bastante semelhantes às que estavam em vigor no período pandémico, sendo que nesse período o objetivo era melhorar e adaptar a comunicação de modo a manter-se uma ligação com o seu público. As políticas de informação e tecnologia consistem em duas vias, sendo elas o Gabinete de Comunicação (GAP) e o Gabinete Informático. O Gabinete Informático auxilia em questões de segurança, já o Gabinete de Comunicação forma parceria com a Rede para melhorar a comunicação através da promoção e divulgação dos museus. No que diz respeito às orientações sobre a acessibilidade e divulgação das coleções, a RMVNF tem um projeto local, Famalicão ID, que consiste numa plataforma que disponibiliza online as diversas coleções dos museus aderentes da Rede.

A pandemia serviu como um momento de pausa e de avaliação por parte da RMVNF e dos museus, visto que viram o confinamento como um momento onde podiam delinear estratégias e planear novas formas de chegar ao público. Contudo, uma situação que no início foi vista como uma oportunidade para melhorar, teve vários percalços, dado que enfrentou logo dois entraves. Em primeiro lugar, tiveram de se adaptar ao período pandémico, dado que era necessário apresentar resultados e diversos funcionários estavam preocupados com a avaliação das suas funções. O segundo entrave focou-se no

tempo disponível para a Rede e os museus poderem atuar, isto é, com uma pretensão de resposta rápida, os museus necessitavam de se manter “vivos” e ativos na mente do público, contudo a realidade foi diferente, com um tempo de reação lento por parte de algumas tutelas. Havendo entraves e um período curto para conseguir explorar novas estratégias, a opção da RMVNF foi reunir com os diversos museus, e adaptar atividades para o digital, sendo que a transição para o digital, não resultou num maior investimento financeiro. As atividades digitais nos museus resultou numa maior procura por parte do público, aderindo às novas inovações presentes pelos museus, sendo que parte dos museus optaram por continuar em apostar nas novas tecnologias.

As entrevistas foram realizados através da utilização de um smartphone, de modo a gravar as perguntas e respostas, com a devida autorização por parte de todas as partes. É de apontar que devido a outras condicionantes, não foi possível realizar todos as entrevistas aos responsáveis dos museus neste formato, levando a que alguns das entrevistas fossem realizados via e-mail através do envio das respostas por parte dos museus.

Contudo, do conjunto de 10 museus, apenas foram obtidas respostas por parte de 8 museus, dado que não foi possível obter respostas por parte do Museu do Automóvel e da Casa de Camilo – Museu Centro de Estudos.

#### **4.1 Análise das respostas das entrevistas aos responsáveis dos museus**

Relativamente à questão “mais pessoal” do museu, na qual se pretendia entender se o museu do responsável questionado considerava se o seu museu se destacava dos restantes museus que compõem a Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão, obtivemos dois tipos de resposta. Podemos entender que 100% dos inquiridos entendem que o seu museu se destaca, devido à temática presente no museu assim como diversas características que na sua opinião tendem a atrair visitantes. Por outro lado, também consideram que cada museu é diferente e que oferece ao público uma experiência diferente, assim como o tipo de tutela que cada museu pode indicar um maior investimento em atrair o público e ser mais requisitado por parte dos visitantes. As múltiplas respostas às entrevistas encontram-se no Apêndice II.

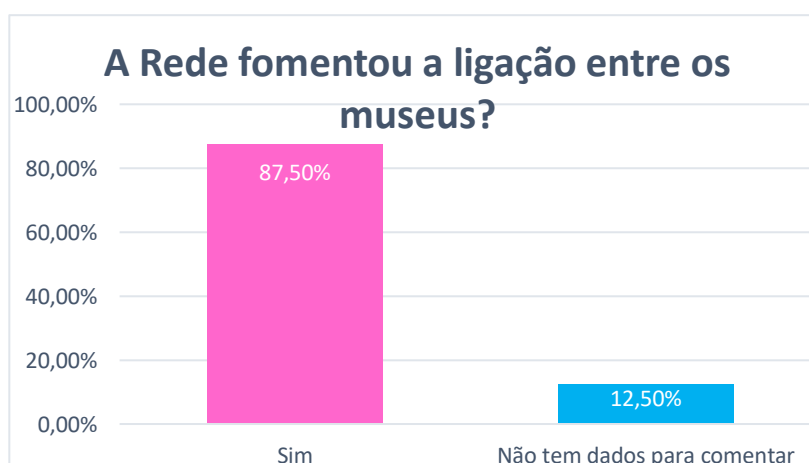
A primeira secção da entrevista, “Perguntas direcionadas aos museus”, aborda questões como a sua data de criação e a sua relação com a rede. Relativamente à sua data

de criação, 75% dos museus foram fundados no século XX e 25% no século XXI (quadro 1).

Museu	Ano da criação
MGC	1999
MF	1980
MIT	1987
MCA	1987
SM	2002
CPS	1972
MBM	2001

**Quadro 2** - Data da criação dos museus

No que refere à questão se a rede veio a fomentar e facilitar o trabalho com os diversos museus, 87,5% dos inquiridos consideram que a rede veio fomentar uma ligação que os permite crescer e aprender uns com os outros, sendo que 12,5% dos museus indica que não tem dados para conseguir apoiar essa informação (figura 6), sendo que 100% dos inquiridos consideram que existe um caminho a percorrer por parte da Rede, visto que é necessário fomentar mais a cooperação entre os museus de Vila Nova de Famalicão (figura 7). Conseguimos entender que a Rede é uma mais-valia para os diversos museus como o concelho de Vila Nova de Famalicão, através das palavras do responsável do Museu da Cerâmica Artística da Fundação Castro Alves, “a Rede de Museus de Famalicão consolidou políticas culturais e patrimoniais sólidas, capacitando os museus com uma estruturação mais técnica, através de qualificação e formação e uma programação inserida na comunidade e para a comunidade”.

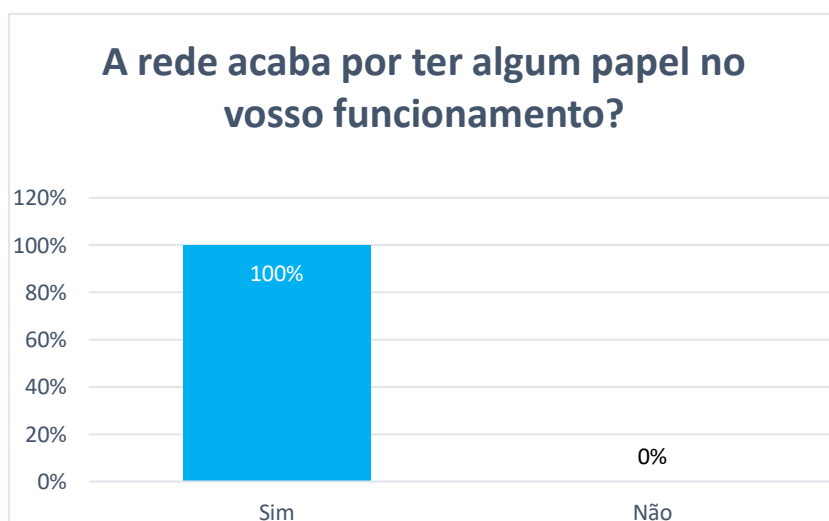


**Figura 7** – Fomento da rede na ligação entre os museus

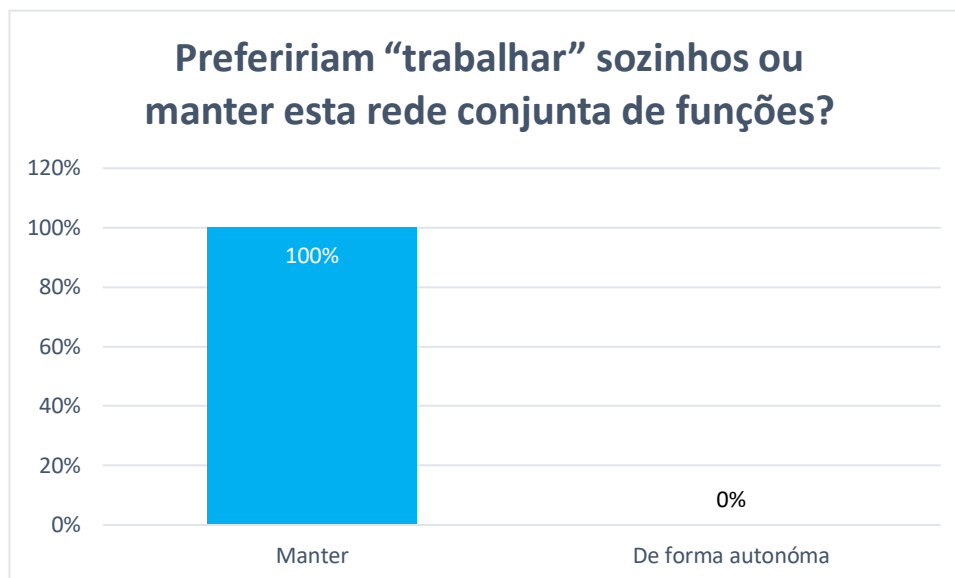


**Figura 8** – Cooperação entre os museus

100% dos inquiridos consideram que a Rede é essencial no funcionamento dos museus, uma vez que o papel da Rede é importante a nível de comunicação e apoio, permitindo que a partilha de conhecimento pode elevar os museus tanto num nível de exigência como de qualidade (figura 8). No que refere à questão de que se as unidades museológicas prefeririam manter esta relação com a Rede ou optar por uma via autónoma, 100% dos questionados acreditam que ao trabalhar em rede, é possível exponenciar o sucesso através da partilha de conhecimento e tecnologias (figura 9).



**Figura 9** – Impacto nos museus por parte da rede



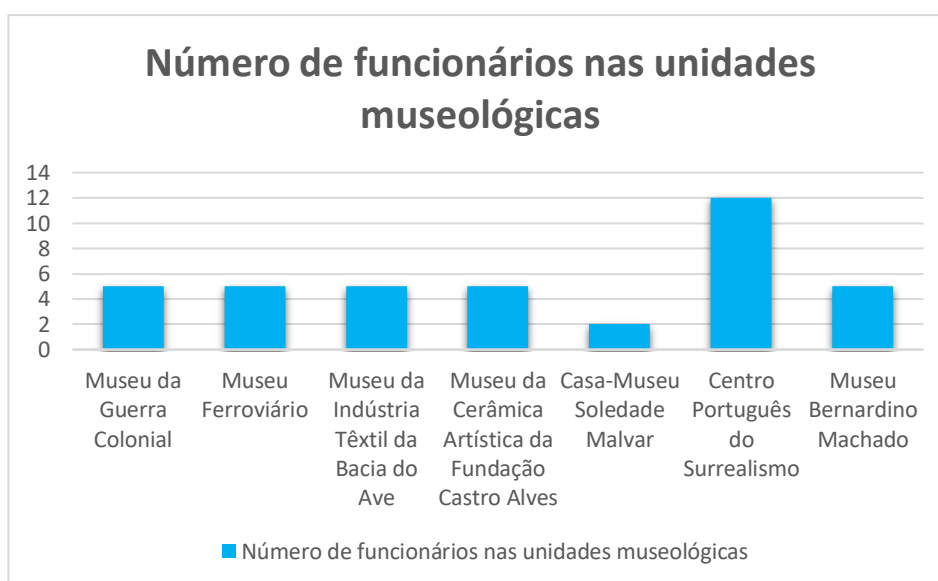
**Figura 10** – Preferência do modo de “trabalhar” por parte dos museus

Na última questão desta secção que nos remete para uma visão futura da Rede, os inquiridos sentem que o papel da Rede junto dos museus será exponenciado, levando a que os museus tirem proveito deste sucesso. Existe uma vontade de que o diálogo seja maior para conseguirem explorar as ligações entre coleções e o território famalicense, sem nunca colocar em causa a identidade e a missão que cada museu se compromete a oferecer. É de apontar que apesar da Rede funcionar como o ponto em comum dos diversos museus, não existe qualquer ligação entre os museus, ou seja, a Rede pode intervir em sugerir, por exemplo, determinadas tecnologias e inovações aos museus, possuindo um papel informativo e de apoiar os museus, sendo que cada museu tem autonomia para definir o seu caminho e estratégia dentro dos pareceres do que a tutela permitir. No que concerne à segunda secção da entrevista, “Características dos museus”, são realizadas questões relativas à sua composição e instalações. No que acham das suas instalações, 87,5% dos inquiridos consideram que as instalações necessitam de obras, apesar de serem aos seus olhos instalações razoáveis, por outro lado 12,5% dos museus considera ter as suas instalações em bom estado (tabela 2). No que refere às quotas de visitantes, 87,5% dos museus consideram que têm atingido boas quotas de visitantes, sendo que 12,5% não têm a mesma opinião, dado que não têm atingido o valor que pretende por ano, sugerindo que a Rede deveria trabalhar com o Turismo do concelho e criar rotas de visitas com guias, contemplando todos os museus (tabela 2).

	Consideram que as vossas instalações estão em bom estado?	Têm atingido boas quotas de visitantes?
Sim	12,5%	87,5%
Não	87,5%	12,5%

**Tabela 2** – Tabela referente às questões “Consideram que as vossas instalações estão em bom estado?” e “Têm atingido boas quotas de visitantes?”

Através da figura 10 podemos entender que cerca de 87,5% dos museus tem menos de 6 funcionários. Relativamente ao horário de funcionamento podemos ver quadro 1 que os museus apresentam um horário de abertura que podemos considerar de normal.



**Figura 11** - Número de funcionários nas unidades museológicas

Museu	Horário de funcionamento
MGC	Terça a sexta – 10h00 às 17h30; sábados 14h30 às 17h30
MF	Semana - 10h00 às 17h30; Fim de semana 10h00 às 12h30 e das 14h30 às 17h30
MIT	Terça a sexta – 10h00 às 17h30; Fim de semana 10h00 às 12h30 e das 14h30 às 17h30
MCA	Semana - 09h00 às 12h00 e 14h às 17h; sábados mediante marcação; domingos e feriados encerrados
SM	Segunda a sexta (horário administrativo) – 09h30 às 17h30; terça a sexta (público) – 10h00 às 17h30
CPS	Semana - 10h00 às 12h30 e 14h00 às 18h00; Fim de semana – 10h00 às 13h e 14h às 18h
MBM	Terça a sexta – 10h00 às 17h30; Fim de semana 10h00 às 12h30 e das 14h30 às 17h30

**Quadro 3** - Horário dos museus

No que diz respeito à terceira secção da entrevista, “Como as informações relativas à coleção são geridas nos museus”, é analisado o envolvimento do museu nas coleções e na sua preservação. 100% dos museus inquiridos indicam que seguem as normas estabelecidas na Lei-Quadro dos Museus Portugueses, 2004 (Lei 47/2004, de 19 de agosto). Segundo a Lei Portuguesa (artigo 106.º da Lei 47/2004, de 19 de agosto) os museus nacionais apresentam como objetivos e como missão: contribuir para assegurar a concretização do direito à cultura e à fruição cultural; gerir sectores fundamentais do património cultural, tendo em conta a manutenção e o reforço da identidade nacional; fomentar a investigação de carácter disciplinar e temática correspondente à sua área de atuação; apoiar tecnicamente os museus da mesma área disciplinar e temática ou de áreas funcionais afins; desempenhar um papel promotor da inovação e do incremento de atividades experimentais; formar pessoal especializado. É de destacar um conjunto de variados artigos que compõem esta Lei-Quadro, tal como o artigo 4.º que explicita o que é considerado uma coleção visitável, sendo que podemos entender esta como um conjunto de bens culturais preservados que esteja exposto ao público (seja numa instituição de tutela privada ou pública), mas que não possua os meios que os museus apresentam para o pleno desempenho das funções museológicas. De notar que a RMVNF possui coleções coleção visitáveis.

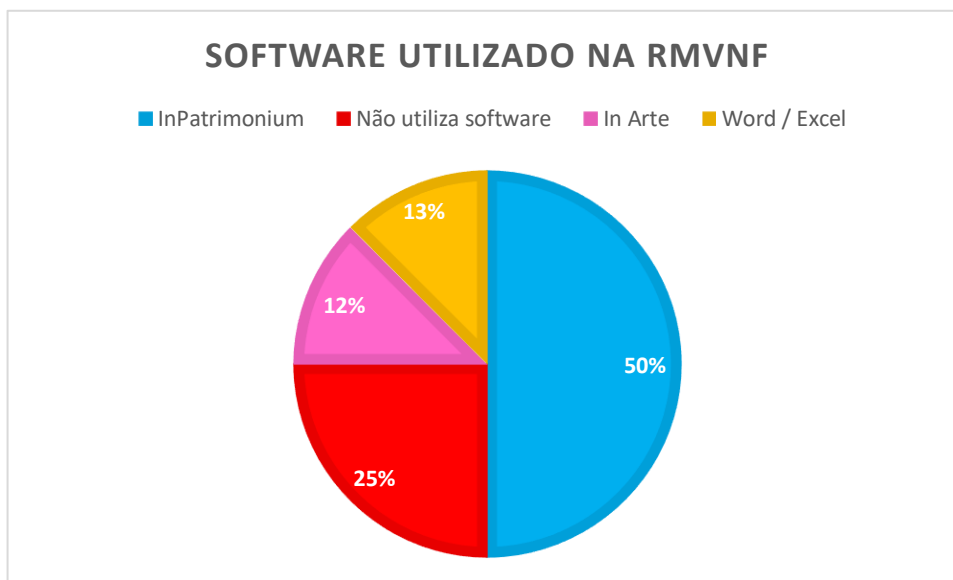
Segundo o artigo 7.º, um museu deve possuir e ter em prática as seguintes funções, sendo elas o estudo e investigação, incorporação, inventário da coleção e documentação, preservação, segurança, interpretação e exposição e ser um local educativo para os visitantes. Cabe ao museu auxiliar as instituições de ensino que possuam cursos em áreas de museologia, oportunidades de prática profissional, tendo em conta os protocolos que estabeleçam a forma de colaboração, as obrigações e prestações mútuas, a repartição de encargos financeiros e os resultados da colaboração (artigo 11.º).

Relativamente ao inventário museológico devemos apoiar-nos nos artigos 16.º, 17.º, 18.º, 19.º, 20.º, 28.º e 29.º, na qual descrevem que o inventário museológico consiste no conjunto de bens culturais que constituem o acervo de cada museu. Cabe ao inventário identificar cada bem cultural e identificar de acordo com as normas estabelecidas, sendo que deve ser composto por um número de registo de inventário e uma ficha de inventário museológico. Caso o museu não possua meios para tratar informaticamente, deve ter outro suporte. O inventário deve possuir um número de registo de inventário sendo que este número é único e intransmissível, e é constituído por um código de individualização que não pode ser atribuído a qualquer outro bem cultural, mesmo que aquele a que foi

inicialmente atribuído tenha sido abatido ao inventário museológico. O número de registo de inventário é associado de forma permanente ao respetivo bem cultural da forma tecnicamente mais adequada. A ficha de inventário a ser preenchida pelo funcionário deve ser constituída por: número de inventário; nome da instituição; denominação ou título; autoria, quando aplicável; datação; material, meio e suporte, quando aplicável; dimensões; descrição; localização; historial; modalidade de incorporação; data de incorporação. O preenchimento pode ser feito de forma informática ou manual e deverá ser promovida pelo Instituto Português de Museus através da aprovação de normas técnicas e da divulgação de diretrizes.

A informação presente no inventário é disponibilizada ao Instituto Português de Museus. O inventário necessita de possuir cópias de segurança, de modo a garantir que a informação não seja perdida nem alterada. O modo de como cada museu conserva os objetos deve seguir um conjunto de normas e procedimentos elaborados pelos mesmos, sendo que as normas devem ter definidos os princípios, procedimentos de conservação e avaliação de riscos. A conservação levada a cabo pelo museu deve compreender todo o acervo. O acervo deve ser conservado de acordo com regras previamente estabelecidas como ser monitorizadas, no que diz respeito aos níveis de iluminação, teor de ultravioletas, temperatura e humidade. O museu deverá apresentar instalações adequadas para conseguir cumprir as regras de conservação.

Relativamente à questão de quais os instrumentos são utilizados na gestão de informação, 100% dos inquiridos utilizam suportes digitais e físicos para a gestão de informação. No que concerne ao software utilizado pelos museus, 50% deles utilizam o software *InPatrimonium*, 25% o *InArte* (uma variante do *InPatrimonium*), 13% o *Word* e *Excel* e 12% não utilizam qualquer software. Dos 12% dos museus que não possui software houve um interesse em aderir a dois softwares, o *InPatrimonium* e o *Google Arts & Culture* (figura 11).



**Figura 12** - Software utilizado na RMVNF

O *InPatrimonium* consiste numa aplicação/software da empresa Sistemas do Futuro, tendo como objetivo gerir de forma eficiente o acervo de determinada instituição, obedecendo às regras de documentação e gestão de coleções (normas estabelecidas pelo Comité Internacional para a Documentação do ICOM). O software é instalado num servidor IIS, e para aceder à interface é através de um browser. É o resultado das diversas aplicações do Sistemas do Futuro, entre as quais o *in arte*, *in domus*, *in doc*, *in natura* e *in memoria*, culminando numa mais eficiente gestão e integração do património. O *InPatrimonium* apresenta funcionalidades como:

- a. Catalogação – registo e gestão da informação na qual se pode adicionar documentos, imagens, vídeos, entre outros;
- b. Multimédia – permite a gestão de todo o tipo de ficheiros digitais seja vídeo ou imagem;
- c. Terminologia – permite a gestão e parametrização de diferentes tabelas para auxílio na introdução de dados;
- d. Pesquisas assistidas – permite a inserção, alteração e eliminação de pesquisas criadas pelos utilizadores;
- e. Eventos – registos dos dados que permitem a gestão das coleções;
- f. Referências – registo dos dados de referências documentais que sustentam a catalogação e a gestão da coleção;
- g. Entidades – registo e gestão dos dados relativos a qualquer tipo de entidade;
- h. Relatórios – disponibilização de vários relatórios com base na informação constante na base de dados;

- i. Pesquisas – em todo o sistema de informação é possível procurar por uma palavra-chave
- j. Configurações – permite visualizar as características associadas ao perfil, mudar a password de acesso ou outros dados relativos ao utilizador.

É de destacar que é possível divulgar o acervo/coleção no *InPatrimonium* ao público, sendo esta opção facultativa. A RMVNF não divulga ao público a sua coleção através do *InPatrimonium*, mas sim através do Famalicão ID.

O *Famalicão ID* consiste num projeto do Município de Vila Nova de Famalicão (em parceria com a empresa Sistemas do Futuro - Multimédia, Gestão e Arte, Lda.), que tem por missão dar a conhecer os diversos aspetos da cultura e identidade locais como forma de despertar e reforçar a identidade do concelho e, por inerência, dos famalicenses. A nova versão da aplicação preconiza um conceito alargado e melhorado, procurando, sempre que possível, situar a informação segundo uma leitura 'cronotópica' (no espaço e no tempo) do território. Contempla novas áreas de informação, com destaque para: Identidade Imaterial; Comunidade; Eventos; Roteiros e Temas.

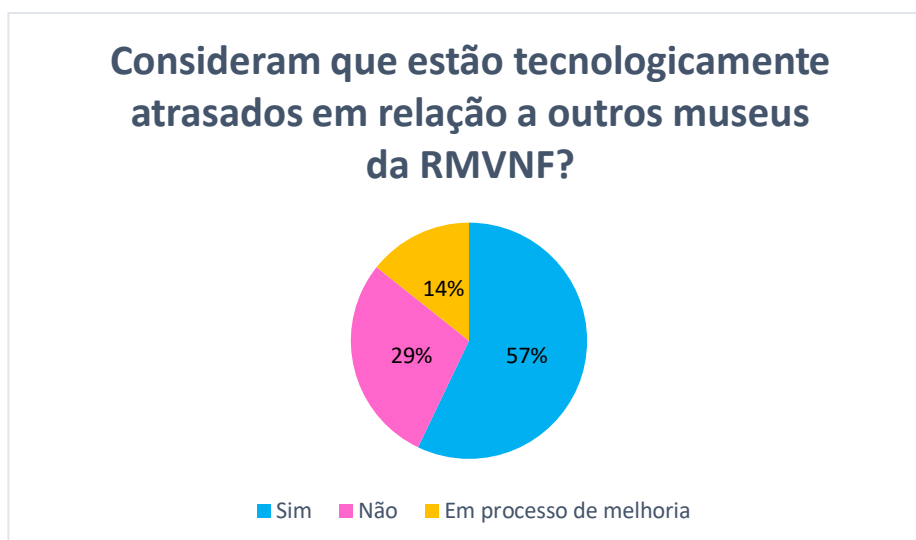
O modelo de gestão património que se encontra a ser utilizado atualmente no município de Vila Nova de Famalicão resultou dum diverso conjunto de ferramentas que permitem aos múltiplos gabinetes, responsáveis pela tutela do património cultural famalicense, obter uma melhor gestão. As ferramentas consistem na elaboração de uma ficha de inventário uniformizada.

A ficha de inventário apresenta campos que se encontram no programa de gestão patrimonial, *InPatrimonium*. Antes de se preencher esta ficha de inventário é necessário "sincronizar as fichas de inventário utilizadas pelo Gabinete de Arqueologia e pelo Gabinete do Património Cultural". Uma vez finalizado este passo, é necessário preencher a ficha de inventário presente no programa de gestão patrimonial (*InPatrimonium*). É de realçar que a ficha de inventário não é definitiva, uma vez que o conceito de património tem evoluído. Os diversos campos abordam o objeto patrimonial sob diferentes perspetivas conjugando com detalhes específicos do objeto, levando a que se torne numa ferramenta destacada e que fornece uma resposta rápida.

O Guia de Apoio ao utilizador do programa *InPatrimonium* apresenta como modelo-base os Kits do Património elaborados pelo IGESPAR. Os campos presentes no programa consistem em Definição/Objetivo; Condições de Utilização; Aplicabilidade; Terminologia; Regras de Preenchimento e Exemplos.

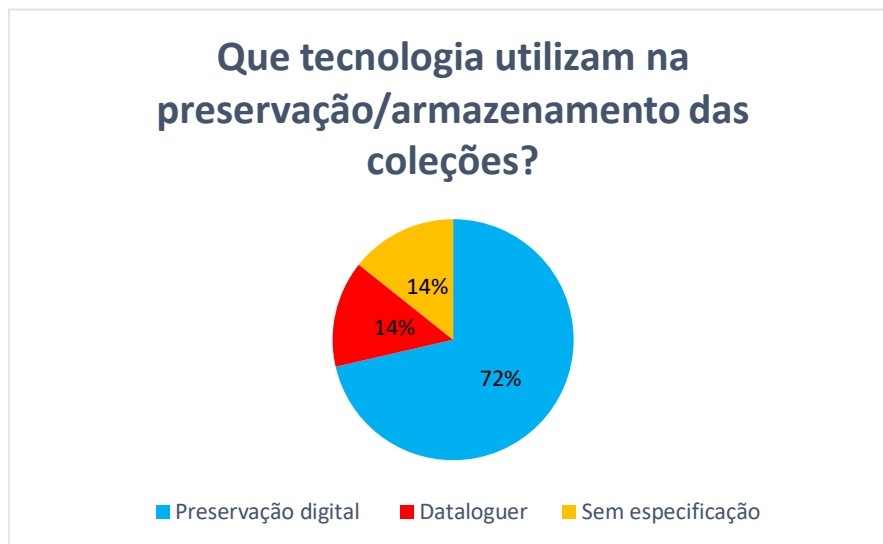
- **Definição/Objetivo** – indica-se uma pequena definição do campo, seguido dos respetivos objetivos.
- **Condições de Utilização** – designa se o preenchimento do campo é obrigatório ou secundário.
- **Aplicabilidade** – indica se o campo que se está a descrever é aplicado ao Gabinete de Arqueologia ou ao Gabinete do Património Cultural. É um item importante porque é ele que indica quais os campos pertencentes a cada gabinete, embora a maioria dos campos sejam de utilização comum.
- **Terminologia** – refere-se aos termos que se deve utilizar no preenchimento do campo.
- **Regras de Preenchimento** – indicamos qual a regra ou regras que o preenchimento de um campo possui.
- **Exemplos** – indica-se alguns exemplos de preenchimento dos campos ou subcampos da ficha de inventário.

No que diz respeito à questão sobre se tecnologia é utilizada nos museus, 85,7% dos museus utilizam tecnologia, sendo que esta tecnologia pode ser utilizada para atrair visitantes como para a preservação das coleções, sendo que 12,5% dos museus não utiliza qualquer tecnologia. Na questão de que se consideram se estão tecnologicamente atrasados em relação a outros museus, 29% não consideram que estejam atrasados, sendo que por outro lado, 57% acreditam que estão atrasados e necessitam de mudanças, e 14% indicam que estão num processo de melhorias (figura 12).



**Figura 13** – Nível de tecnologia em relação aos outros museus da RMVNF

Quando questionados sobre que tipo de tecnologia é utilizada para preservar/armazenar as suas coleções, 72% dos museus indicam que utilizam preservação digital, 14% utiliza *dataloguer* e 14% não especifica o tipo de tecnologia (figura 13).

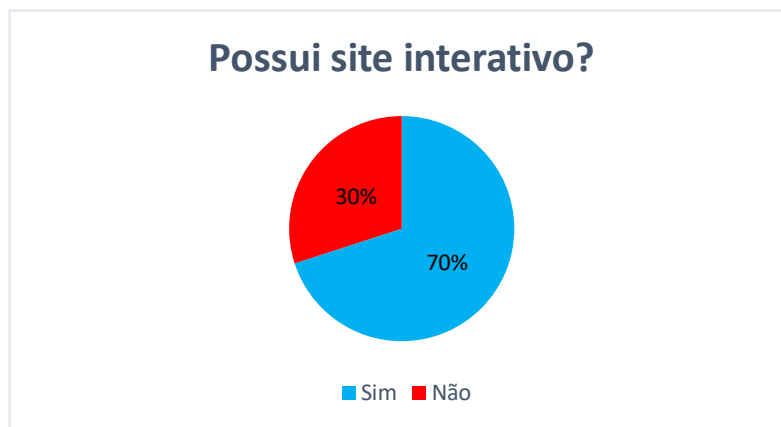


**Figura 14** - Tecnologia utilizada na preservação/armazenamento das coleções

Relativamente à questão de que se deviam atualizar a tecnologia, 28,6% dos museus considera que a sua tecnologia é adequada, por outro lado 71,4% dos museus acredita na necessidade de inovar e renovar as tecnologias.

No que diz respeito à última secção da entrevista, “Divulgação e acessibilidade das coleções”. Relativamente à questão de como são divulgadas as coleções/exposições ao público e na forma como incentivam o público a visitar o museu, foi perceptível que os museus que compõem a RMVNF divulgam as suas coleções ao público através das redes sociais, especificamente através da página de Facebook da Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão, através do site do município, assim como através da Agenda Cultural do Município, dos meios de comunicação regional (rádio e televisão de Famalicão), e através do Jornal Elo no caso do Museu da Guerra Colonial.

É de realçar que os museus Casa-Camilo, Museu Bernardino Machado, Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave, Museu da Cerâmica Artística da Fundação Castro Alves, Centro Português do Surrealismo, Museu Ferroviário e Museu da Guerra Colonial são os únicos que, de momento, apresentam um site ativo e interativo, sendo que o Museu do Automóvel possui uma página de Facebook (figura 14 e quadro 3).



**Figura 15** – Possuir site interativo

Museu	Possui site interativo?
Museu da Guerra Colonial	Sim
Museu Ferroviário	Sim
Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave	Sim
Museu da Cerâmica Artística da Fundação Castro Alves	Sim
Casa-Museu Soledade Malvar	Não
Centro Português do Surrealismo	Sim
Museu Bernardino Machado	Sim
Museu de Arte Sacra	Não
Casa-Camilo	Sim
Museu do Automóvel	Não

**Quadro 4** – Museus e quem possui site interativo

Relativamente ao tipo de público-alvo, os museus apresentam públicos diferentes (quadro 4).

Museu	Público-alvo
MGC	Jovens, universidades, mestrados e combatentes
MF	Público geral
MIT	Público em geral
MCA	Crianças e Sêniores
SM	Público geral
CPS	Público geral
MBM	Público geral

**Quadro 5** - Público-alvo

Quando questionados sobre se o município tem medidas para incentivar uma adesão do público, indicam que o município leva a cabo dois projetos, o Quadrilátero Cultural (levado a cabo com os municípios de Braga, Barcelos e Guimarães) tendo como

objetivo chamar atenção da população para o que o território tem a oferecer a nível cultural; o outro projeto designado “De Famalicão para o mundo” consiste em alertar para as questões educativas e culturais do concelho de Famalicão. Relativamente à questão de que tipos de coleções estão presentes nos seus museus, 42,9% dos museus apenas apresenta exposições permanentes, sendo que 57,1% dos museus apresentam exposições permanentes e exposições temporárias.

O efeito da pandemia nos museus da RMVNF foi um ponto que se tentou analisar através das entrevistas aos museus e da entrevista à responsável. Foi possível concluir-se que 87,5% dos museus olharam para as medidas colocadas em prática na pandemia como medidas temporárias, visto que após o período pandémico optaram por não as prosseguir. Por sua vez, 12,5% dos museus entenderam estas medidas como novas formas de crescer e atrair mais visitantes. Concretamente podemos referir que o Museu Bernardino Machado entendeu que as atividades colocadas em prática durante a pandemia podiam manter-se atrativas, levando a que o visitante à distância sentisse vontade de os visitar fisicamente. Além desta atividade, ainda foi colocada em prática uma atividade escolar, que consistia numa *MBM box* (Caixa Museu Bernardino Machado) contendo um conjunto variado de atividades para as escolas. As caixas foram enviadas por correio e permitiram aos estudantes conhecer a história de Bernardino Machado e um pouco sobre o museu. Citando o responsável do museu

“Comento muitas vezes que a pandemia trouxe um olhar diferente para a nossa exposição no Museu Bernardino Machado. Uma coisa boa que trouxe foi que conseguimos rentabilizar as nossas fraquezas. Na pandemia foram-nos pedidos para fazer atividades online, fizemos uma visita ao museu em direto, permitindo ao visitante ir sem ir. Foi uma maneira de visitarem sem virem aqui.”

É rapidamente perceptível que o museu utilizou a pandemia como um momento de aprendizagem e entender os seus pontos fracos e transformá-los em pontos fortes inovadores.

Reunidos todos os dados, realizada a análise e exposta a informação qualitativa em recursos quantitativos, é fundamental retirar conclusões que partem do que foi compreendido através da análise.

No Capítulo seguinte, a Conclusão, são examinadas as principais ideias que podemos retirar dos dados obtidos, são identificadas fraquezas ou elementos em falta no que concerne á recolha e análise dos dados e são indicadas sugestões de projetos futuros, através do desenvolvimento de novos estudos/investigações que pretendam preencher as

lacunas presentes na dissertação e novas vias que possam exploradas, proporcionadas pelo trabalho já desenvolvido.



Instituições como museus apresentam desde a sua criação, uma importância social, educativa e histórica que poucas instituições assumem. Os museus, tendo como um dos objetivos educar-nos, naturalmente dependendo do tema do museu/exposição/coleção, embora numa perspectiva geral o papel educativo está bastante presente nos museus, e informar-nos acerca de como nós, sociedade, devemos aprender com os erros do passado, necessitam de apoios que permitam cumprir a sua função. Os documentos presentes nos museus, que compõem as coleções são fontes de informação, fontes que permitem a investigação e a aquisição de conhecimento por parte do visitante.

A dissertação teve como questões de investigação as seguintes: “De que forma é gerida a informação/documentação na Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão e como é apresentada ao público?” e “De que forma a Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão lidou com a pandemia COVID-19 e como é que nesse período se relacionou com o público?”. Através destas questões pretendia-se entender como a RMVNF geria as diversas informações que cada museu possui e como estas são apresentadas ao público, assim como conhecer e compreender como a RMVNF lidou com a pandemia que afetou o mundo entre 2020-2021.

Relativamente ao objetivo e questão de investigação “Como é gerida e comunicada a informação das coleções identificando o software que é usado nos museus da RMVNF e os respetivos instrumentos de acesso à coleção”, temos de ter em conta estes dois pontos, qual é o software que é utilizado nos museus da RMVNF e quais os instrumentos de acesso à coleção, que permitirão compreender como é gerida e comunicada a informação das coleções.

No que diz respeito ao software utilizado na RMVNF, temos de ter em conta a existência de dois software diferente com finalidades diferentes, o *inPatrimonium* e o Famalicão ID. O software que é utilizado pela maior parte da RMVNF é o *inPatrimonium*, sendo também utilizado Word/Excel e o *in Arte* (uma variante do *inPatrimonium* direcionada à arte). Este software tem como objetivo preservar o acervo de cada museu em via digital. O outro software utilizado pelos museus da RMVNF é o Famalicão ID, que proveio de uma iniciativa do Município de Vila Nova de Famalicão, que tem como objetivo fazer com que os museus tenham as suas coleções digitalizadas e como finalidade que o público as possa visualizar/visitar de forma gratuita através da disponibilização digital das coleções ao público.

Os instrumentos de acesso à coleção consistem em diversos suportes físicos e digitais, como por exemplo, os computadores e servidores, onde estão instalados os dois softwares

que permitem preencher as folhas de recolha de dados relativas à descrição e inventariação, seja de forma física ou digital, de modo a registar o documento/objeto na coleção do museu. É de realçar a existência de um manual de procedimentos, que pretende com que as regras sejam cumpridas para que o tratamento seja uniforme, coerente e para que nenhum documento/objeto possa sofrer danos no seu processamento. Identificando o software e os instrumentos de acesso à coleção devemos identificar as regras de funcionamento relativamente às coleções, o que permitirá compreender como são geridas e comunicadas as informações das coleções. As regras de funcionamento que os museus da RMVNF seguem provêm de duas vertentes, isto é, seguem as regras estabelecidas na Declaração de Princípios da RMVNF e as regras estabelecidas pelos próprios museus, pela criação e adoção dos seus próprios manuais, que, por sua vez, respeitam as regras instituídas na Lei-Quadro dos Museus Portugueses, regras de funcionamento presente no Regulamento dos Museus Municipais, revisto e publicado em DR em junho de 2021, assim como com as diretivas emanadas pela DGPC-RPM, o Código de Ética do ICOM, normas SPECTRUM e CIDOC.

Devemos realçar um conjunto de artigos presentes nesta Lei-Quadro sendo eles, os artigos 4.º, 7.º, 11.º, 16.º, 17.º, 18.º, 19.º, 20.º, 28.º e 29.º, que abordam os diversos aspetos que se deve respeitar relativamente às coleções e inventário, desde regras de como preservar as coleções a documentos de identificação a preencher por parte dos funcionários que compõem o corpo funcional do museu.

Durante a pandemia, a Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão enfrentou diversos desafios, tal como diversos museus no mundo. Relativamente às atividades que os museus tinham em prática no período pré-pandemia, essas tiveram de ser terminadas, pois não era permitida a entrada de visitantes. Visto como uma oportunidade de se reinventarem, tanto pela Rede como pelos próprios museus, o período pandémico demonstrou ser não o momento de só planear, mas de agir rapidamente, dado que era necessário mostrar resultados. Como não houve um grande planeamento e investimento, a RMVNF elaborou atividades online, através de visitas guiadas online, e comunicou através da página de Facebook da Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão e do site do Município de Vila Nova de Famalicão. A existência do Famalicão ID, apesar do número escasso de objetos presentes lá, permitiu ao público visualizar alguns dos objetos dos diversos museus da RMVNF.

A RMVNF em colaboração com os museus fornece diversos canais de informação, de modo a divulgar o seu trabalho e incentivar a vinda de novos visitantes. Entre os

diversos canais de informação, devemos realçar a existência de dois tipos de canais de informação, os providenciados pelo próprio museu e os da Rede. Relativamente ao modo como os museus divulgam a informação, esta é veiculada através do site do próprio museu e através das suas redes sociais. A Rede por sua vez, é quem está encarregue de uma maior divulgação das coleções ao público utilizando as redes sociais, o site do Município de VNF, a agenda cultural do Município, *newsletters*, meios de comunicação regionais, por exemplo através da rádio e televisão Famalicão, e os Serviços Educativos. Além destas iniciativas, a Rede e os museus utilizam o projeto Quadrilátero e a REMMO AVE, como meio de divulgação. É importante destacar o esforço por parte do Município para promover e divulgar os museus dentro e fora do território famalicense.

As políticas de informação e tecnologia que se encontram em vigor na rede consistem em melhorar a comunicação entre a Rede, os museus e o público. Em questões de segurança existe o Gabinete Informático, e relativamente à comunicação cabe ao Gabinete de Comunicação promover e divulgar a informação, com o objetivo de incentivar novos públicos e o crescimento do mesmo. A transição do escrito para o digital demonstra-se como um objetivo por parte da Rede, que pretende diminuir a sua pegada ecológica, através da divulgação e promoção dos seus projetos e museus, e através das redes sociais, site do Município e outras ferramentas online. No que diz respeito às orientações sobre a acessibilidade e divulgação das coleções, a existência de um projeto famalicense toma o lugar de destaque. De facto, o Famalicão ID, constitui uma plataforma online que permite às diversas unidades museológicas digitalizar os acervos, e consequentemente disponibilizá-los ao público, permitindo a sua visualização online.

Após a elaboração desta dissertação é perceptível entender que a RMVNF lidou com a pandemia de uma maneira que podemos considerar simples, com apenas a transição do presencial para o digital, sendo que devemos ter em conta que a Rede planeava que este período pandémico fosse um momento de inovações e novas estratégias. A eliminação de atividades colocadas em prática em plena pandemia por parte de alguns museus no pós-pandemia é um elemento de análise, pois tendo em conta diversos artigos científicos analisados que permitiram compreender a relação do Covid-19 com os museus, podemos perceber que manter e exponenciar atividades realizadas na pandemia para o período pós-pandémico tornou-se bastante lucrativo a nível financeiro como a nível intelectual, permitindo o aumento dos níveis de atratividade junto dos visitantes.

Contudo, a elaboração desta dissertação tem limitações, como sejam não ter conseguido obter a resposta por parte de todos os museus da RMVNF. O acesso a essas

respostas, permitiria ter um conjunto mais rico de dados, como permitiria compreender de forma mais completa o papel da Rede e das próprias unidades museológicas. O surgimento de novas questões a partir dos novos dados enriqueceria a dissertação como o conhecimento relativamente a como as unidades museológicas funcionam e relacionam com a Ciência da Informação e Gestão da Informação.

O desenvolvimento de estudos relativamente a este tema oferece diversas perspectivas, permitindo ao investigador explorar este tema, mas com as respostas por parte de todos os museus que englobam as RMVNF. Futuras investigações poderão apoiar-se em submeter estas análises (software, coleções, etc.) a outras redes de museus em Portugal bem como a museus específicos. Além dessa possibilidade, um projeto futuro pode recair em conseguir uma maior resposta por parte dos museus que compõem a rede e explorar diversas vias possibilitadas pelas respostas dos museus, como por exemplo compreender o porquê se a opção de suportes físicos para a preservação das coleções se deve a uma falta de recursos informáticos; o porquê desta falta de recursos informáticos; a percentagem de quantas coleções cada museu tem presente no Famalicão ID; saber quais os recursos informáticos que cada um dos museus tem; qual a percentagem de objetos informatizados; e relativamente aos vocabulários controlados, saber como os utilizadores procuram a informação. A compreensão de como as tecnologias têm vindo a ser adotadas ou não, é uma fonte de estudo futuro que poderá oferecer uma perspectiva da realidade dos museus portugueses, comparando museus que adotam tecnologias e tiram proveito da mesma com museus que optam por utilizar a via tradicional.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

---

Aguiar, L., & Teixeira, M. J. (2020). A educação patrimonial nos museus e o seu processo de avaliação: O caso de estudo da parceria entre a Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão e o Projeto "Marka... A Tua Identidade". In P. M. Homem, M. Monteiro, & M. E. Oliveira (Eds.), *Ensaio e práticas em museologia* 09 (pp. 36-59). Universidade do Porto, Faculdade de Letras / Departamento de Ciências e Técnicas do Património. <https://doi.org/10.21747/9789728932824/en9a3>

Alves, J. R. (2020). Avaliação para gestão de coleções em museus: uma proposta de indicadores de desempenho com base na norma SPECTRUM (Dissertação de Doutoramento). Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/1311897>

Amaral, L. (2021). Museus, responsabilidade social e a pandemia da COVID-19. In P. M. Homem, B. Andrez, G. Soares, & L. Amaral (Eds.), *Ensaio e práticas em Museologia* 10 (pp. 1-18). FLUP-DCTP. <https://doi.org/10.21747/978-989-9082-06-9/102021a1>

Amaro, B. (2019). Museu do Douro, Museu de Território Metas atingidas e desafios futuros [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Viseu]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.19/6549>

Anderson, B. (2012). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70.

Anico, M. (2005). A pós-modernização da cultura: Património e museus na contemporaneidade. *Horizontes Antropológicos*, 11(23), 71-86. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832005000100005>

Araújo, C. A. Ávila. (2010). Correntes teóricas da ciência da informação. *Ciência Da Informação*, 38(3). <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v38i3.1240>

Arshed, Norin & Danson, Mike. (2015). *The Literature Review*. 10.23912/978-1-910158-51-7-2790.

Ballart, J. (1997). *El patrimonio histórico y arqueológico: valor y uso*. Barcelona: Ariel. ISBN: 9788434465947.

Barbosa, S., & Carvalho, A. (2007). Serviços educativos online nos museus portugueses. CIED - Volume de Atas / Proceedings, 313-318. <https://hdl.handle.net/1822/7150>

Batista, E. C., Matos, L. A. L., & Nascimento, A. B. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, TRI III 2017. ISSN 1980-7031

Buckland, M. K. (1991). Information as thing. J. Am. Soc. Inf. Sci., 42(5), 351-360. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199106\)42:5<351::AID-ASI5>3.0.CO;2-3](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(199106)42:5<351::AID-ASI5>3.0.CO;2-3)

Butcher, D., & Rowley, J. (198?) The 7 Rs of information management. Managing Information, v.5, n.3, p.34-36.

Bryman, A. (2012). Social research methods (4th ed.). Oxford University Press.

Campbell, T. (1989). Archives and Information Management. Archivaria, v.28, p. 146-150, Summer 1989.

Carneiro, G. (2016). O Projeto Luminotécnico em Espaços Expositivos de Arte Contemporânea [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Engenharia do Porto - Instituto Politécnico do Porto]. <http://hdl.handle.net/10400.22/10977>

Carvalho, E. L., & Longo, R. M. J. (2002). Informação orgânica: recurso estratégico para tomada de decisão pelos membros do Conselho de Administração da UEL. Inf. Inf., Londrina, v. 7, n. 2, p. 113-133.

Carvalho, M. (2007). Estudo de caso: Organização da Informação do Arquivo Pessoal Barbedo de Magalhães – Aplicação do Modelo Sistémico [Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora]. <http://hdl.handle.net/10174/23200>

Carvalho, M.C.L. de. (2014). Estudo da mediação e do uso da informação nos arquivos distritais (Tese de doutoramento). Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/25994>

Carvalho, M. (Ed.) & Terra, A. L. (Ed.). (2017). GESTORES DE INFORMAÇÃO PARA O SÉCULO XXI. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/ZENODO.2585964>

Choo, C. (1995). Information Management for the Intelligent Organization: The Art of Scanning the Environment. ASIS.

Choo, C. W. (2003). A organização do conhecimento: Como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. Senac São Paulo.

Committee for Museology. (n.d.). 35, 332-337. [Consult. 5 dez. 2022]. Retrieved from <https://icofom.mini.icom.museum/publications-2/icofom-study-series-archive/>

Coughlan, M., Cronin, P., & Ryan, F. (2007). Step-by-step guide to critiquing research. Part 1: Quantitative research. British Journal of Nursing, 16(11), 658-663.

Cragin, M. H., Heidorn, P. B., Palmer, C. L., & Smith, L. C. (2007). An Educational Program on Data Curation. Association of College & Research Libraries, Science & Technology Section Conference. [Consult. 28 out. 2022]. Disponível em: [https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/3493/ALA\\_STS\\_poster\\_2007.pdf?sequence=2&isAllowed=y](https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/3493/ALA_STS_poster_2007.pdf?sequence=2&isAllowed=y)

Cranmer, E. E., tom Dieck, M. C., & Fountoulaki, P. (2020). Exploring the value of augmented reality for tourism. Tourism Management Perspectives, 35, 100672. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2020.100672>

Cronin, B., & Davenport, E. (1991). Elements of information management. Scarecrow Press.

Dias, C. (2001). Corporate portals: a literature review of a new concept in Information Management. International Journal of Information Management, 21, 269-287.

Estrela, S. C. L. (2016). A gestão da informação na tomada de decisão: estudo em PME da Região Centro. Faro: Silabas & Desafios. ISBN: 978-989-99310-9-1.

Falk, J. H., & Dierking, L. D. (2000). Learning from museums: Visitor experiences and the making of meaning. AltaMira Press.

Fraser, M. T. D., & Gondim, S. M. G. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Paidéia, 14(28), 139-152. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/04.pdf/>

Galvão, M. C. B., & Ricarte, I. L. M. (2019). REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA: CONCEITUAÇÃO, PRODUÇÃO E PUBLICAÇÃO. Loge-ion: Filosofia da Informação, 6(1), 57-73. <https://doi.org/10.21728/loge-ion.2019v6n1.p57-73>

Gil, A. C. (2008). Métodos e técnicas de pesquisa social (6th ed.). Atlas.

Gonçalves, A., & Ribeiro, A. (2017). Desafio da Gestão de Informação na Universidade do Porto. Atas do XI Encontro de Ciências e Tecnologias da Documentação e Informação, 23-31.

Granato, M., & Lourenço, M. (2015). Preservação do Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia: uma parceria luso-brasileira entre o Museu Nacional de História Natural e da Ciência (Portugal) e o Museu de Astronomia e Ciências Afins (Brasil). Ciência Da Informação, 42(3).

Guedes, N. C. (2009). Elementos para a História da Comissão Portuguesa do ICOM - 15 anos de atividade, 1986-2001. Disponível em <https://icom-portugal.org/icom-portugal-quem-somos/>

Haraway, D. (1988). Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. Feminist Studies, 14(3), 575-599. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/3178066>

Hjørland, B. (2002). Domain analysis in information science: Eleven approaches – traditional as well as innovative. Journal of Documentation, 58(4), 422-462.

- Hooper-Greenhill, E. (1992). *Museums and the shaping of knowledge*. Routledge.
- Huyssen, A. (1995). *Twilight memories: Marking time in a culture of amnesia*. Routledge.
- ICOM Portugal (2022). Nova definição de Museu. Disponível em <https://icom-portugal.org/2022/09/30/nova-definicao-de-museu-2/>
- Jelínek, J. (1980). MuWop: we wish you well. *MuWop: Museological Working Papers*, 1, 4-5.
- Kim, J., Warga, E., & Moen, W. (2013). Competencies required for digital curation: An analysis of job advertisements. *The International Journal of Digital Curation*, 8(1), 66-83. Disponível em <http://www.ijdc.net/index.php/ijdc/article/view/8.1.66>
- Lacerda, S. (2001). Arquivos! *Boletim DGARQ*. *Boletim DGARQ*, (18), July-September. Disponível em <http://dgarq.gov.pt/boletim/>
- Lage, M. O. P. (2011). Construção de materiais da memória na Região Demarcada do Douro: Narrativas orais de antigos trabalhadores da Quinta dos Canais. *CEM - Cultura, Espaço & Memória*, 2, 51-74. Disponível em <http://ojs.letras.up.pt/index.php/CITCEM/article/download/4846/4528>
- Lage, M. O. P. (2016). The Drama of the Tua Line: A Fictional Narrative and Literary Dialogue with the Contemporary Portuguese Railway Technology. *History Research*, 6(4), 205-211. <https://doi.org/10.17265/2159-550x/2016.04.004>
- Lage, M. O. P. (2017). Mediation of information. Social network analysis in the epistolary collection of Jorge de Sena and Mécia. *International Journal of Advanced Research*, 5(6), 123-131. <http://dx.doi.org/10.21474/IJAR01/4389>
- Lage, M. O. P. (2018). Património cultural e literário – Portugal Pequeno de Angelina e Raul Brandão. *Revista CEPIHS (Centro de Estudos e Promoção da Investigação*

Histórica e Social), 8, 359-388. Disponível em [https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/35061/1/Revista-Delphica1\\_artigo25.pdf](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/35061/1/Revista-Delphica1_artigo25.pdf)

Lage, M. O. P. (2020). In the memories of Wolfram - a Portuguese-Galician Sociolect. *International Journal of Humanities Social Sciences and Education*, 7(7), 124-134. <http://dx.doi.org/10.20431/2349>

Lakatos, E. M., & Marconi, M. de A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5th ed.). Atlas.

Latour, B. (2005). *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford University Press. ISBN 0199256047

Lei-Quadro dos Museus Portugueses Lei 47/2004 Diário da República n.º 195/2004, Série I-A de 2004-08-19 (Port.).

Libório, D., & Terra, L. (2015). *Metodologia Científica*. Laureate International University.

Lobiondo-Wood, G., & Haber, J. (2001). *Pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização* (4th ed.). Guanabara Koogan.

Lord, B., Lord, G. D., & Martin, L. (Eds.). (2012). *Manual of museum planning: Sustainable space, facilities, and operations* (3rd ed.). AltaMira Press.

Macdonald, B. (2022). Pausing, Reflection, and Action: Decolonizing Museum Practices. *Journal of Museum Education*, 47(1), 8–17. <https://doi.org/10.1080/10598650.2021.1986668>

Maroevic, I. (1998). *Introduction to Museology: The European Approach*. Verlag.

Maroevic, I. (2000). Museology as a field of knowledge. *Cahier d'études / Study Series*, Courtrai, 8, 5-7.

Maroevic, I. (2006). The museum object as historical source and document. In *Museología e historia: Un campo del conocimiento*. ICOFOM Study Series. Munich: International.

Mateus, M., & Sousa, A. (2020). Tecnologias de Informação e Comunicação aplicadas em museus. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.8/7295>

Marty, P. (2008). An introduction to digital convergence: libraries, archives, and museums in the information age. *Journal Archival Science*, 8(4), 247-250. <https://doi.org/10.1007/s10502-009-9094-1>

Meireles, P. (2020). *Museum Web Exhibition – uma proposta de futuro* [Dissertação de Mestrado, Politécnico do Porto Escola Superior de Educação].

Meyriat, J. (1981). Document, documentation, documentologie. *Schéma et Schématisation*, 14, 51-63.

Minayo, M. C. S. (2010). Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In M. C. S. Minayo, *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (12th ed., pp. 261-297). São Paulo: Hucitec.

Miranda, R. J. P. (2009). Qual a relação entre o pensamento crítico e a aprendizagem de conteúdos de ciências por via experimental? Um estudo no 1º Ciclo [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/5489>

Moncao, V. (2022). Pensar a museologia a partir da perspectiva de Edward Palmer Thompson. In XXVII Encuentro Regional del ICOFOM LAM “Museo, tradiciones y construcciones colectivas en América Latina y El Caribe: enfoques teóricos” (pp. 200-212). Universidad del Valle de Guatemala. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/358788242\\_Pensar\\_a\\_museologia\\_a\\_partir\\_da\\_perspectiva\\_de\\_Edward\\_Palmer\\_Thompson](https://www.researchgate.net/publication/358788242_Pensar_a_museologia_a_partir_da_perspectiva_de_Edward_Palmer_Thompson)

Município de Vila Nova de Famalicão (2010). *Boletim Cultural*, n. °6/7, III série. Disponível em: <https://www.famalicao.pt/boletim-cultural>

Município de Vila Nova de Famalicão (2019). Definir a missão...da necessidade ao desafio, pp. 33-59. Disponível em: [https://issuu.com/municipiodefamalicao/docs/redemuseu\\_livro](https://issuu.com/municipiodefamalicao/docs/redemuseu_livro)

Município de Vila Nova de Famalicão (2022). Disponível em: <https://www.famalicao.pt/organograma-executivo>

Neuhofer, B., Buhalis, D., & Ladkin, A. (2014). A Typology of Technology-Enhanced Tourism Experiences: Technology-Enhanced Tourism Experiences. *International Journal of Tourism Research*, 16(4), 340–350. <https://doi.org/10.1002/jtr.1958>

Neves, C., Carvalho, M., Martins, S., & Castro, M. J. (2022). Information Science, Museology, and the Management of the ISEP Museum Collection—Theoretical Framework of the Information professional’s Performance. In A. Mesquita, A. Abreu, & J. V. Carvalho (Eds.), *Perspectives and Trends in Education and Technology* (Vol. 256, pp. 765–775). Springer Singapore. [https://doi.org/10.1007/978-981-16-5063-5\\_62](https://doi.org/10.1007/978-981-16-5063-5_62)

Nogueiro, M. (2009). *Museu Militar de Bragança Fundação; Práticas Museológicas* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Disponível em <https://hdl.handle.net/10216/20286>

Ochôa, P. (2017). Painel «Perfis e competências profissionais». In A. A. Pereira, M. Ribeiro, P. Meireles, P. Penteadó (Coords.), *Encontro Curadoria Digital – Estratégias e experiências: atas* (pp. 1-10). Lisboa: Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL.

Pinheiro, L. (2009). *Configurações Disciplinares e Interdisciplinares da Ciência da Informação no Ensino e Pesquisa*. Disponível em <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/43>

Pinto, M. A. - *PRESERVMAP Um roteiro da preservação na era digital* Porto, 2009. ISBN 978-972-36-1070-3.

Ponte, A. (2007). Casas-Museu em Portugal: Teorias e Práticas [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Retrieved from <https://pt.scribd.com/document/13884126/Casas-museu-Em-Portugal-muse-ologiaporto-teses-dissertacoes>

Quivy, R., & Campenhoudt, L. van. (2008). Manual de investigação em ciências sociais (5th ed.). Gradiva.

Real, A. (2018). O Papel do Assessor no Museu Militar do Porto [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto - Instituto Politécnico do Porto]. <http://hdl.handle.net/10400.22/13193>

Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão (2019), “Definir a missão...da necessidade ao desafio”, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, número 1. Disponível em: [https://issuu.com/municipiodefamalicao/docs/redemuseu\\_livro](https://issuu.com/municipiodefamalicao/docs/redemuseu_livro)

Santos, J. A. (2009). Rede Portuguesa de Museus: As formas de articulação e cooperação inter-museus [Dissertação de Mestrado, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10071/3770>

Silva, E. P. (2000). Património e identidade: os desafios do turismo cultural. Antropológicas, 4, 217-224. <https://revis-tas.rcaap.pt/antropologicas/article/view/932/734>

Silva, A. M. da, & Ribeiro, F. (2008). Das "Ciências" documentais á ciências da informação ensaio epistemológico para um novo modelo curricular (2nd ed.). Edições Afrontamento.

Silva, A. M. (2013). A transição paradigmática e o posicionamento da museologia face à ciência da informação transdisciplinar. In Z. Duarte (Ed.), Arquivos, bibliotecas e museus: Realidades de Portugal e Brasil (pp. 17-38). EDUFBA.

Silva, J. L. C. (2019). MÚLTIPLAS RELAÇÕES ENTRE ARQUIVOLOGIA, BIBLIOTECONOMIA MUSEOLOGIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. ConCI:

Convergências Em Ciência Da Informação, 1(3), 03-32.  
<https://doi.org/10.33467/conci.v1i3.9750>

Silva, C. G. da, & Corujo, L. (2019). Uma abordagem diacrónica da gestão da informação: conceito, enquadramento disciplinar, etapas e modelos. *Ciência da Informação*, 48(2), 144-164. <http://hdl.handle.net/10451/50957>

Taylor, A., & Farrell, S. (1992). Information management in context. *Aslib Proceedings*, 44(9), 319-322.

Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. Atlas.

Triviños, A. N. S. (2008). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. Atlas.



## Apêndice I

### Entrevista à Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão – 06/02/2023

A entrevista seguiu um roteiro temático predefinido, centrando-se nas políticas de informação e tecnologia em vigor na Rede e nas orientações sobre a acessibilidade e divulgação das coleções, no geral e em particular em período pandémico.

A entrevista foi feita à Dra. Eva Cordeiro respeitante às unidades museológicas agendas:

- Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa;
- Casa-Museu Soledade Malvar

A entrevista foi realizada com a utilização de um smartphone para gravar as perguntas e respostas, mais informo que esta revisão já prevê a adaptação desta entrevista da oralidade para a escrita.

#### **1. Qual é exatamente a sua função na Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão? Quais as tarefas associadas à sua função?**

**R** – Quanto à Rede de Museus a minha função é de técnico superior responsável, à data da entrevista, pelo Serviço de gestão de Coleções e pelo Serviço de Comunicação. E é nessa natureza que respondo.

A equipa na qual me insiro trabalha em dois âmbitos: (1) Serviço Museus e Galerias, dando apoio aos museus municipais e de gestão partilhada em que o município é parceiro; e (2) Rede de Museus, dando apoio aos museus que pertencem à Rede, sejam eles de gestão pública ou privada. As minhas funções não mudam muito de um Serviço para o outro, e para além da Gestão de Coleções, que é a minha área de formação, também sou responsável pelo Serviço de Comunicação (redes sociais, notas de imprensa e design gráfico das atividades).

#### **2. Em que contexto político surge a Rede?**

**R** - Esta vontade da criação de uma Rede, de juntar os museus do concelho, já tem quase 20 anos, mas a sua criação oficial acontece em 2012. Em 2022, fizemos 10 anos, e com esses 10 anos criamos documentos formais, como o regulamento que orienta quem pode pertencer à Rede de Museus. Os núcleos museológicos podem formar-se e saberem ou ponderarem integrar esta Rede e ter acesso ao apoio que esta providencia. A ideia desta

Rede é então a de na impossibilidade de cada museu ter uma equipa multidisciplinar (isso seria o cenário perfeito) ter o apoio necessário para o cumprimento das funções museológicas. Este ano (2023), o compromisso foi renovado com a assinatura da Nova Declaração de Princípios, um reforço positivo da necessidade desta equipa de trabalho.

**3. Qual foi a necessidade para a criação da Rede de Museus?**

**R** – Os próprios museus chegaram à conclusão dessa necessidade e da mais-valia de trabalhar em rede.

**4. Considera que foi uma boa ideia? Ou resultou numa complicação de burocracias?**

**R** – A dificuldade que é ter uma equipa multidisciplinar, e o investimento que implica não pode muitas vezes ser suportado de igual forma por cada unidade museológica, no entanto, não dita a validade do projeto museológico. A capacidade financeira e de investimento destes museus dependerá umbilicalmente da sua tutela, para além da sua realidade e dimensão. É a nossa missão, enquanto Rede, dar este apoio. A Rede de Museus, à data, integra o município, no Serviço Museus e Galerias da sua Divisão da Cultura. A necessidade da criação de uma Rede, foi sentida pelos próprios museus. A Nova Declaração de Princípios, que voltaram a assinar em 2022, reforçou, como já disse, este sentimento de que confiam e reconhecem valor ao trabalho em rede.

**5. A ideia de criar a Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão que levaria a uma gestão em rede dos museus partiu do Município?**

**R** – Em 2009, foi concordado pelos 12 museus a criação de uma Rede Museológica Municipal assim como em comemorar em conjunto o Dia Internacional dos Museus, a partir de 2009. No período de 2009-2011 foi realizado um inquérito com o objetivo de compreender a situação de cada museu, e chegou-se à conclusão de que era necessário a criação de uma rede museológica.

**6. Quem definiu os regulamentos, estatutos e princípios da rede?**

**R** – À data a Rede de Museus possui visão, missão, objetivos e ações que definem e são as suas linhas orientadoras, e mais recentemente o Regulamento. Respondendo à sua questão e aos documentos formais que referi, estes só fazem sentido se resultarem de um trabalho colaborativo entre os museus-membros.

**7. A Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão consiste em 12 museus, contudo o Museu Cívico e Religioso de Mouquim está a prestes a sair da rede. Qual foi o motivo para esta saída? Partiu do próprio museu esta decisão ou por parte da Rede?**

**R** – A Rede de Museus já foi constituída por 10 museus e 3 coleções visitáveis. A capacidade de análise, de (auto)avaliação com pensamento crítico, é fulcral. Questionarmo-nos sobre o sentido e o valor de um museu, de um projeto, não só é necessário como garante qualidade e evolução. Por isso, como disse, este sentido de autoavaliação é muito bom e também por isso não podemos ver o fecho de um museu ou de uma coleção visitável, como é o caso mais recente do Museu Cívico e Religioso de Mouquim, de uma forma fatalista. No entanto, enquanto Rede de Museus o nosso apoio não termina quando uma unidade museológica encerra. Temos o dever de garantir a conservação e a segurança dos bens culturais que constituem o acervo da unidade museológica em questão, é o caso do inventário, da listagem de bens, do acondicionamento em reservas ou mesmo orientar/apoiar a integração na coleção de um outro museu. O curioso do Museu Cívico e Religioso de Mouquim é que é um museu criado pela comunidade, os objetos/utensílios foram doados pelos habitantes de Mouquim, bem como os objetos religiosos que pertenciam à paróquia e que já não tendo uso nas cerimónias religiosas foram integrando a coleção. É um projeto muito interessante, mas estavam com diversas dificuldades, desde o garantir um horário de abertura, à manutenção do espaço (a limpeza, a desinfestação).

**8. Em que consistem as vossas políticas de informação e tecnologia que estão neste momento em vigor?**

**R** – Uma vez integrados na Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão temos orientações a nível municipal e contamos com o Gabinete de Comunicação (GAP) e o Gabinete Informático. O Gabinete Informático auxilia-nos com a questão da segurança, e por isso é-lhe sempre solicitada a apreciação de um projeto e depois o apoio para a sua implementação, quando online. Se o museu for privado eles são autónomos no que respeita a estas questões. Ao nível da comunicação - promoção e divulgação - o trabalho é conjunto entre o GAP e a Rede de Museus. Neste momento temos o Facebook corporativo (da Rede de Museus) para promover as iniciativas desenvolvidas em cooperação com os diferentes museus. A importância desta página é notoriamente sentida nos museus que não possuem presença online.

A Rede de Museus presta também apoio noutras ferramentas online, de como são exemplo o Google Business e o wikipédia. E atualmente estamos num processo de transição do formato papel para o digital no que diz respeito ao material promocional e informativo, tendo como objetivo principal a redução do desperdício e por consequência da nossa pegada ecológica.

**9. Quais as orientações sobre a acessibilidade e divulgação das coleções?**

**R** – A Rede de Museus está a trabalhar com a Associação Acesso Cultura a questão da acessibilidade – física, social e intelectual. Nós enquanto parceiros abraçamos a causa e sempre que possível temos produtos e uma agenda acessível. E num futuro em que se esteja a pensar renovar o discurso da exposição permanente de um dos nossos museus, promoveremos aos nossos museus essa abordagem e preocupação com as acessibilidades em todos os seus níveis. Quanto à disponibilização das coleções online temos muita vontade de explorar o Google Arts & Culture - inclusive a tutela do Museu Nacional Ferroviário - Núcleo de Lousado já exploram essa ferramenta - e gostaríamos de alargar a todas as unidades museológicas. Temos também outro projeto ao nível local que é o Famalicão ID e, será nessa plataforma que iremos disponibilizar as coleções dos nossos museus. É um projeto bom, que nos exige um inventário completo e sustentado. Tendo esta plataforma obriga-nos a ter um ritmo numa função museológica essencial, mas que muitas vezes é descurada, como é o Inventário.

**10. Relativamente ao período pandémico, quais foram as vossas políticas de informação e divulgação das coleções?**

**R** – Em relação a este assunto, pouco mudou com o período pandémico. As atividades foram adaptadas e com as ferramentas já existentes apenas se dedicou tempo e cuidado para repensar e adaptar a comunicação feita online com o objetivo máximo de manter uma ligação com o nosso público. Queríamos manter a relação e sentirmo-nos ao lado das pessoas nesse período singular.

**11. A pandemia COVID-19 afetou diversos setores culturais portugueses, sendo que os museus também tiveram as suas dificuldades. Quais foram as dificuldades e que medidas adotaram relativamente ao funcionamento? Relativamente à receita? E relativamente à atração de visitantes?**

**R** – A pandemia foi importante, no entanto foram criadas muitas expectativas no início. Houve um debate da Acesso Cultura sobre as expetativas que se tinham sobre o

parar, sobre o abrandar, sobre o ter tempo. Até porque parando seria possível pegar no inventário, refletir sobre as nossas políticas. Infelizmente não houve tempo para nada disso. No entanto, aconteceram duas coisas a todos nós: (1) tivemos que rapidamente nos adaptar, muitos com uma preocupação mais focada para a avaliação das suas funções, com o mostrar resultados; e, enquanto Rede de Museus, tivemos a necessidade de encontrar alternativas de modo a mantermos os museus – temporariamente encerrados - na memória do seu público através do online. Mas não houve oportunidade para mudanças, o tempo de reação em algumas tutelas foi lento. Restava-nos por isso exponenciar os recursos de que já disponhamos. Numa conversa (colaborativa) com os museus, tivemos ideias de atividades e tentamos adaptá-las para o online. E foi feito o possível, uma vez que durante a pandemia não houve um maior investimento para esta adaptação ao online. Mas quero acreditar que a pandemia acelerou o processo de sensibilização a este tema e resta-nos pensar e desenvolver atividades para diferentes formatos e não desistirmos de um público que nos é novo e recente (o público online).

**12. Os diversos museus têm a sua independência? Ou seja, se determinado museu optar por incutir determinada tecnologia é-lhes permitido (e possivelmente serve de “cobaia” para os outros museus) ou se um museu incorpora algo, os outros têm de o fazer também?**

**R** – O nosso trabalho é de apoio, é de informar e, claro, vai cruzar-se em muito, para não dizer na totalidade, com a Lei-quadro dos museus portugueses e com as funções museológicas. Quanto à parte da tecnologia ou o investimento que cada museu quer fazer, só posso dizer que são as tutelas que têm a última palavra. Caso sejam museus de tutela municipal aí, e enquanto Serviço de Museus e Galerias (da Divisão da Cultura), teremos um papel mais ativo, mas, como disse, é a tutela que decidirá o investimento a fazer. Lembro que cada museu tem total liberdade e autonomia para definir o seu caminho e estratégia, pois não podemos esquecer que diferentes coleções pedem diferentes abordagens.

Foi disso exemplo o que aconteceu agora em 2022, no 10º aniversário da Rede de Museus, quando desenvolvida uma campanha de ativação da marca “Museus de Famalicão”, com a criação de um escape game. A Rede de Museus foi mediadora e promotora deste produto diferenciador, que por não estar financeiramente ao alcance de todos os nossos museus, fez dele um projeto colaborativo onde agora todos usufruirão do seu impacto ao nível da promoção e divulgação das suas unidades museológicas.

## Apêndice II

### Entrevistas aos museus

As entrevistas irão ser dirigidos aos responsáveis dos doze museus que integram a rede de museus, incluindo questões abertas e fechadas. Irão contemplar 3 dimensões, a primeira refere-se às características do museu na atualidade e relativas aos períodos de confinamento (instalações, horário de funcionamento, coleção e outras); a segunda diz respeito à forma como as informações relativas à coleção são geridas nos museus (regras e convenções, instrumentos de gestão de informação, de que forma a tecnologia é usada); a terceira dimensão prende-se com a divulgação e acessibilidade das coleções, considerando, também o período pandémico recente.

#### **1. Considera que o vosso museu se destaca dos restantes museus da rede?**

**MGC:** Sim, tendo em conta a sua temática, única como museu “da Guerra Colonial” no país.

**MF:** Sim, dado que tem características que o tornam único.

**MIT:** Sentimos um bocado desprotegidos. As reuniões são em melhores museus no centro da cidade. No entanto, fomos o único museu que na pandemia teve o plano de atividades completamente realizado.

**MCA:** O Museu de Cerâmica Artística da Fundação Castro Alves não considera que se destaque ou tenha mais impacto que os outros museus existentes, considera apenas que possui características únicas no território, sendo um museu com oficina de cerâmica a funcionar, possibilitando mostrar à comunidade como são realizadas as peças e permitindo que os visitantes realizem as suas próprias peças de cerâmica, desde a olaria ou escultura. Esta valência permite a realização nos outros museus da rede de atividades de olaria ou escultura, em conformidade com os temas das coleções dos outros museus.

**SM:** Cada museu tem o seu valor. Não será justo compará-los por serem de tutelas e temáticas diferentes.

**CPS:** Sim, devido à equipa multidisciplinar direcionada para a área dos Museus.

**MBM:** Na minha opinião acho que sim, mas a Casa-Museu Camilo tem um peso e uma dinâmica diferente e tem uma importância grande em Famalicão. Mas todos tem a sua importância.

## **Perguntas-base direcionadas aos museus**

### **1. Qual foi a data da inauguração do museu?**

**MGC:** 23-04-1999

**MF:** O dia da inauguração do museu foi no dia 18 maio de 1980.

**MIT:** O Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave foi fundado em 1987 como um projeto de investigação em arqueologia industrial, com o objetivo de estudar o processo de industrialização desta região e contribuir para a preservação do seu património industrial.

**MCA:** O Museu de Cerâmica Artística da Fundação Castro Alves foi inaugurado em junho do ano de 1987. Não existe o registo do dia da Inauguração.

**SM:** A Casa-Museu foi inaugurada a 29 de setembro 2002.

**CPS:** O Museu inaugurou no dia 8 de dezembro de 1972.

**MBM:** 15 de dezembro 2001

### **2. A rede veio a facilitar e fomentar o trabalho em conjunto com os restantes museus de Famalicão?**

**MGC:** Sim realiza-se um trabalho colaborativo, formativo em rede.

**MF:** Não temos dados para afirmar isso, contudo, achamos que um dos objetivos da rede é precisamente qualificar o trabalho e fomentar mais a cooperação entre os museus de Vila Nova de Famalicão.

**MIT:** Sim.

**MCA:** A Rede possibilitou uma ligação entre os museus do concelho de Vila Nova de Famalicão, concedendo espaços de partilha e troca de informações que enriqueceram conhecimentos e experiências. A Rede de Museus de Famalicão consolidou políticas culturais e patrimoniais sólidas, capacitando os museus com uma estruturação mais técnica, através de qualificação e formação e uma programação inserida na comunidade e para a comunidade.

**SM:** Sim. Uma parceria que tem dado bons frutos.

**CPS:** A RMVNF veio, sem dúvida, facilitar e fomentar o trabalho em conjunto com a oferta de atividades como: formação certificada de experiência (RVCC); apoio e formação na criação da declaração de missão do Museu (Workshop “Ser/Fazer Museu” e

o “Plano a 100 dias”) que nos forçou a pensar o que somos e o que queremos ser, tendo permitido organizar o nosso pensamento e a nossa postura nas nossas ações; visitas técnicas para partilha de boas práticas que raramente ou nunca o conseguimos fazer em contexto institucional devido à escassez de recursos financeiros/ humanos/ logísticos; debates que permitem conhecer outras perspetivas e colegas de outros concelhos e onde conseguimos espaço para discutir ideias; encontros com colegas da RMVNF que nos permitem dar caras aos nomes e que facilitam oportunidades de parcerias e entreajuda; trabalhos de grupo para redação de documentos e procedimentos que nos fazem sentir que fazemos parte e onde podemos colocar em prática conhecimentos que raramente temos oportunidade por já estarem definidos; implementação de métodos de avaliação das nossas atividades, importantíssimos para a nossa evolução enquanto profissionais; apoio na divulgação, sendo a RMVNF reconhecida a nível nacional pelo trabalho fora de série que tem vindo a realizar.

**MBM:** Sim, sem dúvida, que a dinâmica de podermos trabalhar em rede só enriquece cada museu. A partilha de ideia e experiências é fundamental para o nosso trabalho.

**3. A rede acaba por ter algum papel no vosso funcionamento? Se não, consideram a sua existência inútil?**

**MGC:** É útil e tem dinâmica agregativa e de coordenação museológica em todo o concelho.

**MF:** A rede tem o dever de ter um papel essencial de cooperação, comunicação e apoio com o Museu Nacional Ferroviário Núcleo de Lousado.

**MIT:** Sim

**MCA:** A Rede não tem nenhum papel no funcionamento do Museu de Cerâmica artística, mas consolida algumas atividades no Museu. É essencial a Rede de Museus de Famalicão, para este Museu, numa linha de capacitação dos recursos humanos e na orientação ou empréstimo de materiais que agilizem processo de conservação das coleções.

**SM:** Tem um papel importante na persecução das ações e programas que desenvolve, bem como o apoio no cumprimento das funções museológicas.

**CPS:** Certamente que sim, nomeadamente na aplicação de métodos de avaliação em atividades de serviço educativo, sempre que possível (não tantas vezes quanto gostaríamos devido á escassez de tempo). O RVCC (no caso da colega Joana Rosa de

Sousa) ofereceu, sem dúvida, mais confiança e motivação. Destacamos também o apoio do Dr. Luís Silva que colmata a nossa lacuna ao nível da Conservação.

**MBM:** A rede tem um papel fundamental no nosso funcionamento.

#### **4. Prefeririam “trabalhar” sozinhos ou manter esta rede conjunta de funções?**

**MGC:** Preferimos trabalhar integrados na rede, pelo que já exposto.

**MF:** Adoramos trabalhar em conjunto, potenciar a troca de experiências e conhecimentos entre profissionais de outros museus.

**MIT:** Preferimos integrar a Rede.

**MCA:** O Museu de Cerâmica artística confere uma perspetiva de uma rede conjunta de funções

**SM:** Uma vez que a Casa-Museu Soledade Malvar não possui uma equipa multidisciplinar, o trabalho em rede é fundamental para a persecução de objetivos.

**CPS:** Preferimos este apoio que definitivamente faz a diferença no nosso dia a dia e gera oportunidades que de outra forma não teríamos acesso.

**MBM:** Na minha opinião trabalhar sozinhos não é a melhor solução, a partilha de conhecimento pode catapultar os nossos museus para um nível de exigência e qualidade superior.

#### **5. Como perspetivam no futuro o papel da rede junto dos museus?**

**MGC:** Com um trabalho na perspetiva do atual e integrando novas e atuais formas de “Ser Museu”.

**MF:** Achamos que vão no futuro valorizar mais o diálogo e explorar conexões entre as coleções e o território, respeitando a identidade e a missão de cada museu.

**MIT:** Que continue a funcionar como tem funcionado até agora.

**MCA:** Como uma força motriz para a capacitação dos museus da rede no processo de transição no digital, sustentabilidade e na fruição cultural.

**SM:** O papel da Rede tem sido fundamental na divulgação dos Museus de Famalicão, desde os de gestão municipal, partilhada e de gestão privada. Conta com uma equipa multidisciplinar que procura dar-lhes uma maior visibilidade, e enaltecer o papel dos Museus junto da comunidade local e na dinamização de ações concretas que muito tem

contribuído para o enriquecimento e capacitação dos seus colaboradores, em termos pessoais e profissionais.

**CPS:** Esperamos um futuro de capacitação, colaboração (por exemplo, criação de grupos de trabalho para as diversas áreas: inventário, conservação preventiva, entre outras), encontros, parcerias e divulgação.

**MBM:** Na minha opinião a rede no futuro terá um papel cada vez mais agregador do museu de Vila Nova de Famalicão, apoiando o seu funcionamento nas variadas áreas de intervenção.

## **Características do museu**

### **1. Como caracterizam as vossas instalações?**

**MGC:** Razoáveis, sem barreiras arquitetónicas e com a aplicação de tecnologias de informação suplementar.

**MF:** Medíocres.

**MIT:** Não são boas. Mudança de museu está no horizonte, e a Câmara anunciou-a para breve. Estas instalações não são as definitivas. Em princípio devemos ir para Riba de Ave, ocupando uma pequena parte da antiga Sampaio, Ferreira.

**MCA:** O Museu possui as adequadas condições das instalações, para a exibição das suas coleções, assim como para a preservação e conservação das peças. O Museu de Cerâmica artística necessita de obras de intervenção para melhoramento do museu, na vertente de acessibilidade aos públicos com mobilidade reduzida.

**SM:** Um edifício construído de raiz entre o ano 1954 e 1957 como habitação. A Casa-Museu integra uma parte do edifício, com dois pisos. O rés-do-chão tem duas entradas: a primeira com porta de vidro tem acesso direto à Galeria, um espaço que recebe exposições temporárias; a segunda porta em madeira (revestida a aço). Esta tem acesso direto ao hall de entrada da Casa-Museu que está reservado aos técnicos (espaço administrativo). O primeiro e segundo andar da Casa é constituído pela exposição permanente. No terceiro, as águas-furtadas, destinado à Reserva de objetos da coleção de Maria da Soledade Ramos Malvar Osório. No período pandémico os serviços fecharam portas e os seus colaboradores ficaram em regime de teletrabalho.

**CPS:** Boas, tendo em conta a conjuntura e as limitações do nosso edifício construído de raiz para este efeito entre 1967 e 1970. Salientamos as obras de requalificação de 2018 vieram colmatar algumas fragilidades, embora não tenham abrangido todo o edifício. No

entanto, víamos melhorias na possibilidade da existência de; um elevador monta cargas; sala de descontaminação (embalamento/ desembalamento); climatização e acessibilidade física em todos os espaços expositivos (só temos no espaço de exposições temporárias). As restrições devido à pandemia Covid-19 foram bem resolvidas dentro do possível, conseguimos manter a segurança exigida.

**MBM:** O Museu Bernardino Machado está instalado num dos edifícios mais emblemáticos de Vila Nova de Famalicão, o Palacete Barão de Trovisqueira, só por isso tem uma importância ímpar. A sua arquitetura é logo um ponto de atração de público.

## **2. Consideram que tem atingido boas quotas de visitantes?**

**MGC:** Sim, muitas escolas, instituições de ensino, combatentes e população em geral. Contudo, deveria haver maior divulgação.

**MF:** Dentro do possível, sim.

**MIT:** Sim, dadas as características do público que visita museus e a nossa localização afastada do centro da cidade.

**MCA:** É um museu descentralizado da Cidade de Famalicão, sendo o Museu mais distante da Rede de Museus de Famalicão, com poucos acessos nos transportes públicos, mas que vem crescendo o número de visitantes. O objetivo é atingir os seis mil visitantes por ano, estando neste momento nos quatro mil e oitocentos. No entanto, o Museu de Cerâmica artística, deveria difundir a sua informação através do melhoramento do seu site, com a visualização das coleções e da sua oficina. A Rede de Museus de Famalicão deveria, junto com o Turismo criar rotas de visitas com guias, contemplando todos os Museus. O museu devia trabalhar a vertente online, com a realidade aumentada e ter um papel mais ativo na internet, para chegar ao público.

O Museu esteve encerrado durante os primeiros cinco meses do anúncio da situação pandémica, não tendo atingido nos dois anos de situação pandémica os mesmos visitantes dos anos transatos.

**SM:** Apesar de algum condicionamento na acessibilidade tem sido visitável por público heterogéneo.

**CPS:** Sim, tendo em conta a descentralização da cidade. A lotação de pessoas nos nossos espaços foi bastante reduzida e limitada, tendo em conta estas restrições fomos tendo mais visitantes do que expectável.

**MBM:** Criamos uma plataforma com os QR code, em que na entrada de cada sala tem um QR code e as pessoas fazem o scan e tem um áudio de apresentação da sala como na visita online. A rede pede para fazermos atividade física, mas também atividades online. E tivemos a ideia já colocada em prática que era uma MBM box, que é uma box que tem atividades para as escolas para serem enviadas por correio e tem uma explicação e com um livro sobre o Bernardino Machado e depois tem material para fazerem a atividade e aprendem sobre o Bernardino. Comento muitas vezes que a pandemia trouxe um olhar diferente para a nossa exposição no Museu Bernardino Machado. Uma coisa boa que trouxe foi que conseguimos com as nossas fraquezas e rentabilizar. Temos um plano de orçamento, valor não é alto e não podemos dar asas a fazer vários investimentos. Na pandemia foram-nos pedidos para fazer atividades online, fizemos uma visita ao museu em direto, permitindo ao visitante ir sem ir. No Dia Internacional do Museu, a equipa pensou em fazer uma visita 360 do museu. Foi uma maneira de visitarem sem virem aqui. A visita é inclusiva e chega a todos os públicos, com áudio em português, francês, espanhol e inglês e tem linguagem gestual e gestual internacional. Criamos uma plataforma com os QR code, em que na entrada de cada sala tem um QR code e as pessoas fazem o scan e tem um áudio de apresentação da sala como na visita online. A rede pede para fazermos atividade física, mas também atividades online. E tivemos a ideia já colocada em prática que era uma MBM box, que é uma box que tem atividades para as escolas para serem enviadas por correio e tem uma explicação e com um livro sobre o Bernardino Machado e depois tem material para fazerem a atividade e aprendem sobre o Bernardino.

**3. O vosso museu é composto por quantos funcionários e quais são as funções do diverso corpo operacional?**

**MGC:** A Direção 4 elementos, 1 colaboradora permanente.

**MF:** 5 colaboradores, todos poderão ter as mesmas funções não há diferenciação.

**MIT:** Cinco funcionários. Serviço Educativo, Serviço de Mediação Cultural, Serviço de Receção e Atendimento, Serviço de Gestão de Coleções. Serviço de Gestão Documental e Serviço de Gestão Administrativa

**MCA:** O Museu de Cerâmica artística tem dois funcionários, um técnico do serviço educativo e um técnico que operacionaliza o espaço, na sua limpeza e conservação. Cinco técnicos estão alocados à oficina, dando apoio ao serviço educativo e conservação das

peças, mas não estão a tempo inteiro. O Museu de Cerâmica artística, na pandemia, enquanto esteve encerrado, ninguém trabalhou, após abertura funcionou com os dois colaboradores alocados ao museu e os restantes cinco colaboradores da oficina alocados ao apoio.

**SM:** Atualmente, 1 Técnico Superior, da área da Educação Social e 1 Auxiliar de Ação Educativa responsáveis pelos diferentes serviços, nomeadamente o administrativo e financeiro; educativo e de mediação cultural; gestão de coleções e documental e de comunicação.

**CPS:** 12 pessoas: 4 técnicos superior; 3 outro pessoal técnico; 3 pessoal administrativo; 2 pessoal auxiliar e operário.

**MBM:** O museu neste momento é constituído por 5 elementos. Sendo eles 3 técnicos superiores, responsáveis por colocarem em prática o plano de atividades, e de serviço educativo, 1 assistente técnica que está responsável pela receção, e 1 assistente operacional responsável pela limpeza do edifício.

#### **4. Qual é o vosso horário de funcionamento?**

**MGC:** Terça a sexta – 10h00 às 17h30, sábados 14h30 às 17h30.

**MF:** 10h às 17h30 à semana e das 10h às 12h30 e 14h30 às 17h30 ao fim de semana

**MIT:** Terça a Sexta das 10H - 17H30; Sábado e Domingo 10H - 12H30 e 14H30 - 17H30

**MCA:** 9h00 -12h00 e das 14h00 às 17h00. Sábados, mediante marcação. Domingos e feriados encerrados. Encerrados de abril de 2020 a agosto de 2020.

**SM:** Horário administrativo: segunda a sexta das 9h30 às 17h30; horária abertura ao público: terça a sexta das 10h às 17h30.

**CPS:** Segunda a sexta: 10h00-12h30 e 14h00-18h00; Sábados e Domingos: 10h00-13h00 e 14h00-18h00

**MBM:** Terça-feira a Sexta-feira das 10h00 às 17h30; Sábados e Domingos das 10h00 às 12h30, das 14h30 às 17h30

### **Como as informações relativas à coleção são geridas nos museus**

#### **1. Quais as regras de funcionamento relativamente às coleções?**

**MGC:** Algumas coleções expostas com mecanismos de segurança, documentos digitalizados.

**MF:** As constantes na Lei-quadro dos Museus Portugueses, 2004

**MIT:** As constantes na Lei-Quadro dos Museus Portugueses, 2004

**MCA:** Dispomos de um Regulamento interno.

**SM:** As regras de funcionamento são regidas pelo Regulamento dos Museus Municipais, revisto e publicado em DR em junho de 2021.

**CPS:** De acordo com a Lei-Quadro dos Museus Portugueses Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto, e demais legislação do património móvel, assim como com as diretivas emanadas pela DGPC-RPM, o Código de Ética do ICOM, normas SPECTRUM e CIDOC.

**MBM:** As constantes na Lei-quadro dos Museus Portugueses, 2004

**MAS:** Este museu pertence a paróquia e tem gestão partilhada com município, ou seja, há um protocolo em que se divide responsabilidades, tarefas. A questão do inventário é da responsabilidade da tutela, nós damos apoio e por exemplo, neste momento nós damos apoios em conteúdos para a exposição.

## **2. Quais os instrumentos utilizados na gestão de informação?**

**MGC:** Suporte informático digital e escrito.

**MF:** São as redes sociais e o site do Município de VNF e da FMNF.

**MIT:** Suporte informático digital e escrito.

**MCA:** Computador, Máquina fotográfica, scâner e impressora

**SM:** Telefone; E-mail; Booklet dos Museus de Famalicão

**CPS:** Relatório anual de atividades e contas; elaboração de manuais de procedimentos

**MBM:** Suporte informático digital e escrito.

**MAS:** A nível de inventariação esta bastante atrasada e isso é um apoio que o município pode dar, dado que temos um banco municipal de voluntariado, a rede criou programa de voluntariado dos museus, esse programa baseado no programa de voluntariado da direção geral de património cultural que está sob responsabilidade do ministério da cultura. Nós pegamos nisso e adaptamos a nossa realidade e faz com que todos os museus da rede tenham acesso.

## **3. Qual o software que utilizam na preservação/armazenamento das coleções?**

**MGC:** A da rede de museus.

**MF:** Não temos.

**MIT:** Antes era feito com Excel, mas agora é utilizado o Programa *In Património*, mas já era utilizado durante a pandemia.

**MCA:** Excel e Word

**SM:** Sendo de tutela pública, de gestão municipal, é do município todas as políticas de inventariação e disponibilização online. O inventário é feito no programa InPatrimonium NET e depois disponibilizado online na plataforma concelhia Famalicão ID.

**CPS:** Utilizamos o In arte online - sistema de gestão do património cultural móvel da Sistemas do Futuro.

**MBM:** Antes era feito com Excel, mas agora é utilizado o Programa In património, mas já era utilizado durante a pandemia.

**MAS:** Não tem software, mas tem interesse em integrar o Google Arts and Culture e ter a coleção lá. E também tem interesse em começar a ser inserido no Programa In património para estar disponível no Famalicão ID. Estamos a fazer listagem do arquivo para ser disponibilizado no arquivo municipal, assim que a tutela assinar esse protocolo.

#### **4. Que tecnologia utilizam nos vossos museus?**

**MGC:** É utilizada uma app imagens de realidade aumentada

**MF:** Programa In património.

**MIT:** Nenhuma

**MCA:** Nenhuma

**SM:** A tecnologia é apenas utilizada nos serviços de gestão interna e de coleções. Esta Casa-Museu não recorre à tecnologia na sua exposição permanente. O facto de ser uma Casa-Museu ou até ter legendas ou não, são linhas sensíveis e ténues. O que nós aproveitamos é sempre que é o Dia Internacional do Museus tentamos fazer atividades tendo em atenção esta vertente mais tecnológica ou para chamar os mais novos, desde conteúdo de vídeo de alguma visita em que convidamos alguém e essa pessoa fala sobre o objeto e o QR-Code tem sido uma solução recorrente.

**CPS:** Écrans touch; vídeo projeção; app da institucional

**MBM:** QR Code.

**5. Consideram que o vosso museu está tecnologicamente atrasado em relação a outro museu que compõe a rede?**

**MGC:** Não

**MF:** Não temos conhecimento da tecnologia utilizada nos outros museus.

**MIT:** Não

**MCA:** Sim

**SM:** Em processo de melhoria contínua.

**CPS:** Não

**MBM:** Sim, mas depende também muito das equipas e o que elas decidem fazer com as tecnologias para atrair.

**6. Que tecnologia utilizam na preservação/armazenamento das coleções?**

**MGC:** Através da digitalização

**MF:** Os desumidificadores e dataloguer.

**MIT:** Famalicão ID. Fomos os primeiros a inserir as coleções no Famalicão ID.

**MCA:** Preservação Digital, backup.

**SM:** São utilizados instrumentos de preservação/conservação.

**CPS:** Preservação: AVAC. Armazenamento (não consideramos uma tecnologia, a não ser que se refira ao digital): grelhas deslizantes, arquivadores, estantes (forradas com espuma de polietileno, colocados sobre estrado)

**MBM:** Preservação Digital.

**7. Caso a tecnologia seja “rudimentar”, consideram que deviam “atualizar” a mesma?**

**MGC:** Há sempre necessidade de inovar.

**MF:** Sim

**MIT:** Não

**MCA:** Sim

**SM:** Em processo de melhoria continua, pelo que atualizar é sempre uma necessidade, infelizmente, nem sempre uma prioridade.

**CPS:** Não

**MBM:** Em termos de armazenamento das coleções, usamos os melhores materiais para a proteção das coleções.

### **Divulgação e acessibilidade das coleções**

#### **1. Como são divulgadas as coleções/exposições ao público?**

**MGC:** Em exposições temporárias no museu, na exposição itinerante e em publicações na página do museu.

**MF:** Pelas redes sociais e o site do Município de VNF e da FMNF.

**MIT:** Pelas redes sociais e o site do Município de VNF. Durante a pandemia foi utilizado o teletrabalho. Atividades Dia Internacional do Museu, lançamos ateliers infantis, mas a nível online podiam responder, sendo que o ciclo de conferências fizemos online. Uma visita guiada filmamos o sítio onde era a exposição fábrica do rio Vizela, e fizemos uma visita guiada online. Depois da pandemia as atividades online desapareceram, não foram realizadas outras vez.

**MCA:** Agenda Cultural do Município, Newsletter, redes sociais, meios de comunicação regional (rádio e Televisão de Famalicão), Serviços Educativos e a própria Rede de Museus de Famalicão, que têm os seus canais de divulgação.

**SM:** O nível de divulgação deste espaço tem sido mais tímido e é da responsabilidade do Gabinete de Comunicação do município.

**CPS:** Redes sociais; site; imprensa; tv e rádio; redes de museus que integramos; DGPC-RPM; DRCN.

**MBM:** O nosso arquivo é um arquivo bastante fechado porque o coordenador científico exige isso. Mas temos de compreender que o arquivo tem de ser de utilidade pública. O arquivo funciona onde o coordenador científico tem de dar o aval para ser consultado. Neste momento estamos numa fase de tratamento do arquivo porque não está todo inventariado e neste momento só temos cerca 7 000 documentos inventariados e digitalizados para serem disponibilizados no Famalicão ID.

**MAS:** Não tem presença online.

#### **2. Como incentivam o público a visitar o vosso museu?**

**MGC:** Jornal Elo dos deficientes das forças armadas, na página do museu, na rede de museus em conferências.

**MF:** Sermos competentes naquilo que fazemos.

**MIT:** Pelas redes sociais e o site do Município de VNF. Turistas optam por nos visitar dado que estamos localizados juntos à estação de comboio de Vila Nova de Famalicão. Durante a pandemia com atividades online

**MCA:** Através da possibilidade de realizarem workshops e visitarem ao vivo a oficina de cerâmica, tendo a perceção de como foram realizadas as coleções do museu. Não foram tomadas medidas de incentivo, durante o período de pandemia.

**SM:** A Casa-Museu não tem redes sociais, não tem site, tem a informação no site do município, porém tem uma página Wikipédia para ter uma informação básica e atualizada. O que tem mais dado visibilidade é a Galeria aberta a todos os artistas que traz um público diferente que depois é convidado a visitar a Casa-Museu. Ao nível da presença online esta é feita através da página de Facebook da Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão. Usamos também o Google Business com a informação atualizada da Casa-Museu e da Galeria. Durante o período pandémico a Casa-Museu esteve encerrada, toda a comunicação foi feita pelas redes sociais, nomeadamente através da página de Facebook da Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão. Usamos igualmente o Google Business com a informação atualizada da Casa-Museu e da Galeria.

**CPS:** Programação do Serviço educativo: oficinas, visitas orientadas, sessões de cinema, workshops.

**MBM:** Pelas redes sociais e o site do Município de VNF.

**MAS:** Não tem presença online. O Facebook da rede é utilizado para divulgar.

### **3. Têm algum público-alvo?**

**MGC:** Especialmente jovens, universidades, mestrados e combatentes.

**MF:** O público em geral.

**MIT:** Público em geral.

**MCA:** Sim, crianças e séniores.

**SM:** A nível de público-alvo é algo mais específico por atividade que concebemos e executamos. Temos programação que é para cada idade (jovens, miúdos e graúdos) e tentamos responder a cada atividade a diferentes públicos, porque estamos numa fase de dar conhecer o espaço expositivo e porque as redes sociais permitem dar a conhecer o espaço as pessoas. Estamos no processo de crescimento.

**CPS:** Público em geral a partir dos 3 anos.

**MBM:** Público em geral.

**4. Existe medidas do vosso município com o distrito de modo a incentivar uma maior adesão por parte do público?**

**MGC:** Já existe com a rede de museus e o projeto “de Famalicão para o mundo”.

**MF:** O Quadrilátero, poderá haver mais medidas, mas desconhecemos.

**MIT:** O Município promove e divulga os museus pela comunidade, quer dentro do território, quer fora do território.

**MCA:** O Município promove e divulga os museus pela comunidade, quer dentro do território, quer fora do território.

**SM:** O Município de Famalicão integra o projeto Quadrilátero e a REMMO AVE - Rede de Museus e Monumentos do Ave.

**CPS:** Desconhecemos.

**MBM:** O Município promove e divulga os museus pela comunidade, quer dentro do território, quer fora do território.

**5. As coleções do vosso museu enquadram-se em exposições permanentes, temporárias ou apresentam uma dualidade, com a presença de exposições permanentes e temporárias?**

**MGC:** Existe a dualidade de exposição permanente com uma exposição temporária.

**MF:** Em exposições permanentes

**MIT:** Permanente e exposições temporárias.

**MCA:** Exposições permanentes.

**SM:** Permanente.

**CPS:** A coleção do Museu integra exposições de longa e curta duração.

**MBM:** Exposição permanente que é do Bernardino Machado. Por ano temos 3 ou 4 exposições temporárias que tem uma relação ao Bernardino Machado. No museu temos 2 tipos de exposição temporária: as exposições que nós produzimos que depois tornam itinerantes e as escolas ou municípios podem requisitar e as exposições que requisitamos ou que nos são oferecidas.

**MAS:** Neste momento há uma exposição temporária. Tem uma exposição permanente, mas foi retirada para ser colocada uma exposição temporária até ao final de junho.

## Apêndice III

Entrevistado: **Museu da Guerra Colonial (MGC)**

Local da entrevista/meio de entrevista: Vila Nova de Famalicão

<b>Categoria</b>	<b>Síntese</b>	<b>Contexto</b>
<b>Características dos museus</b>	<p>O MGC remota a sua criação ao ano de 1999. Segundo o responsável do museu, a existência da rede permitiu um trabalho colaborativo, facilitando o trabalho com os outros museus da RMVNF. A existência da rede têm-se mostrado de útil no funcionamento do museu, cooperando com o mesmo, resultando em que seja visto por parte do museu como uma parceria de sucesso, esperando um sucesso contínuo.</p>	<p>“23-04-1999”</p> <p>“Sim realiza-se um trabalho colaborativo, formativo em rede.”</p> <p>“É útil e tem dinâmica agregativa e de coordenação museológica em todo o concelho.”</p> <p>“Preferimos trabalhar integrados na rede”</p> <p>“Com um trabalho na perspetiva do atual e integrando novas e atuais formas de “Ser Museu””.</p>
<b>Instalações e estrutura dos museus</b>	<p>As instalações do museu são consideradas de razoáveis.</p> <p>A nível de visitantes têm sido atingido boas quotas, sendo que os visitantes tendem a ser provenientes de estabelecimentos de ensino, ex-combatentes e a população geral, contudo considera que deveria haver uma maior divulgação do museu.</p> <p>A museu é composto por 4 elementos da Direção e por 1 colaborada permanente.</p>	<p>“Razoáveis, sem barreiras arquitetónicas e com a aplicação de tecnologias de informação suplementar.”</p> <p>“Sim, muitas escolas, instituições de ensino, combatentes e população em geral. Contudo, deveria haver maior divulgação”</p> <p>“Direção 4 elementos, 1 colaboradora permanente”</p>
<b>Gestão das informações das coleções</b>	<p>O MGC utiliza as regras relativas às coleções de museus presente na Lei-quadro dos Museus Portugueses, 2004, apoiando-se em suportes digitais e escritos (exemplo do <i>InPatrimonium</i> e digitalização) para a preservação das coleções. O museu utiliza uma aplicação de imagens de realidade aumentada, considerando a necessidade de inovar.</p>	<p>“coleções expostas com mecanismos de segurança, documentos digitalizados”</p> <p>“Suporte informático digital e escrito”</p> <p>“(…) app imagens de realidade aumentada”</p> <p>“Há sempre necessidade de inovar”</p>

<p><b>Divulgação e acessibilidade das coleções</b></p>	<p>O MGC apresenta no seu estabelecimento exposições temporárias e uma exposição permanente, sendo através destas e de publicações na página do museu que divulgam as suas coleções. Através do jornal Elo, página do museu e da RMVNF, o museu incentiva o público (jovens, combatentes, universidades) a visitar o museu, assim como através do projeto “de Famalicão para o mundo”.</p>	<p>“Em exposições temporárias no museu, na exposição itinerante e em publicações na página do museu.”</p> <p>“Jornal Elo dos deficientes das forças armadas, na página do museu, na rede de museus em conferências.”</p> <p>“(…) jovens, universidades, mestrados e combatentes”</p> <p>“(…) projeto “de Famalicão para o mundo”.”</p> <p>“Existe a dualidade de exposição permanente com uma exposição temporária.”</p>
--	--	--

**Quadro 6** - Entrevista ao Museu da Guerra Colonial

Entrevistado: **Museu Ferroviário (MF)**

Local da entrevista/meio de entrevista: Vila Nova de Famalicão

Categoria	Síntese	Contexto
<p><b>Características dos museus</b></p>	<p>O Museu Ferroviário (MF) foi inaugurado em 1980. O MF considera que é necessário haver uma maior cooperação entre os museus que compõem a RMVNF, de modo a também elevar o papel de comunicação e apoio que apresenta, sendo que esse papel deve ser mais valorizado e melhorado através da exploração de conexões entre as coleções e o território. A integração na rede têm exponenciado trocas de conhecimento e experiências entre os diversos museus.</p>	<p>“(…) dia da inauguração do museu foi no dia 18 maio de 1980”</p> <p>“(…) realiza-se um trabalho colaborativo, formativo em rede.”</p> <p>“A rede tem o dever de ter um papel essencial de cooperação, comunicação e apoio com o Museu Nacional Ferroviário Núcleo de Lousado”</p> <p>“Adoramos trabalhar em conjunto, potenciar a troca de experiências e conhecimentos entre profissionais de outros museus.”</p> <p>“Achamos que vão no futuro valorizar mais o diálogo e explorar conexões entre as coleções e o território, respeitando a identidade e a missão de cada museu.”</p>

<p><b>Instalações e estrutura dos museus</b></p>	<p>O museu apresenta instalações mediócras a seu ver, sendo que isso não impede de atingir boas quotas de visitantes. Os funcionários consistem em 5 colaboradores.</p>	<p>“Mediócras.”</p> <p>“5 colaboradores”</p>
<p><b>Gestão das informações das coleções</b></p>	<p>O MGC utiliza as regras relativas às coleções de museus presente na Lei-quadro dos Museus Portugueses, 2004, sendo que não possuem qualquer software de preservação nas coleções, apoiando-se em desumidificadores e dataloguer para a preservação da coleção, sendo que consideram que deve ser atualizada esta tecnologia. É utilizado o <i>InPatrimonium</i> para a catalogação do acervo.</p>	<p>“As constantes na Lei-quadro dos Museus Portugueses, 2004”</p> <p>“redes sociais e o site do Município de VNF e da FMNF”</p> <p>“Programa In património”</p> <p>“desumidificadores e dataloguer.”</p>
<p><b>Divulgação e acessibilidade das coleções</b></p>	<p>O MF apresenta uma exposição permanente, sendo esta divulgada através das redes sociais e pelo site do Município da VNF, através da FMNF e do Quadrilátero, tendo o público geral como o seu público-alvo.</p>	<p>“Pelas redes sociais e o site do Município de VNF e da FMNF.”</p> <p>“público em geral.”</p> <p>“O Quadrilátero”</p> <p>“Em exposições permanentes”</p>

**Quadro 7** - Entrevista ao Museu Ferroviário

Entrevistado: **Museu da Indústria Têxtil (MIT)**

Local da entrevista/meio de entrevista: Vila Nova de Famalicão

Categoria	Síntese	Contexto
<p><b>Características dos museus</b></p>	<p>Fundado em 1987, o Museu da Indústria Têxtil (MIT) considera que a rede tem apresentado um trabalho colaborativo de sucesso, permitindo um trabalho de sucesso, retirando proveito da comunicação entre os diversos museus. Na perspetiva do futuro, esperam que a rede continue a mostrar resultados de sucesso como os têm sido vistos.</p>	<p>“O Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave foi fundado em 1987”</p>

<p><b>Instalações e estrutura dos museus</b></p>	<p>Considera que as instalações não são boas, contudo, mudança de local é algo que se pretende e se vai realizar em breve. A localização atual permite atingir boas quotas de visitantes. O museu é composto por 5 funcionários.</p>	<p>“Não são boas. Mudança de museu está no horizonte, e a Câmara anunciou-a para breve. Estas instalações não são as definitivas.”</p> <p>“Sim, dadas as características do público que visita museus e a nossa localização afastada do centro da cidade.”</p> <p>“Cinco funcionários”</p>
<p><b>Gestão das informações das coleções</b></p>	<p>O MIT utiliza as regras de funcionamento relativamente às coleções segundo as constantes na Lei-Quadro dos Museus Portugueses, 2004, apoiando-se em suportes digitais e escritos, através da utilização do software <i>InPatrimonium</i>. Além da utilização do <i>InPatrimonium</i>, o museu utiliza o software desenvolvido pelo Município, o <i>Famalicão ID</i>.</p>	<p>“As constantes na Lei-Quadro dos Museus Portugueses, 2004”</p> <p>“Suporte informático digital e escrito.”</p> <p>“Antes era feito com Excel, mas agora é utilizado o Programa <i>In Património</i>, mas já era utilizado durante a pandemia.”</p> <p>“Famalicão ID. Fomos os primeiros a inserir as coleções no Famalicão ID.”</p>
<p><b>Divulgação e acessibilidade das coleções</b></p>	<p>O MIT apresenta exposições permanentes e temporárias, sendo estas divulgadas através de redes sociais e o site do Município de VNF, sendo que turistas optam por visitar o museu, devido à proximidade à estação de comboio de VNF. O município promove o museu pela comunidade, que tem como o público-alvo o público geral</p> <p>Durante a pandemia, foi realizado atividades online para os visitantes poderem visitar à distância.</p>	<p>“Pelas redes sociais e o site do Município de VNF”</p> <p>“Turistas optam por nos visitar dado que estamos localizados juntos à estação de comboio de Vila Nova de Famalicão”</p> <p>“Público em geral”</p> <p>“O Município promove e divulga os museus pela comunidade, quer dentro do território, quer fora do território.”</p>

**Quadro 8** - Entrevista ao Museu da Indústria Têxtil

Entrevistado: **Museu da Cerâmica Artística da Fundação Castro Alves (MCA)**

Local da entrevista/meio de entrevista: Vila Nova de Famalicão

Categoria	Síntese	Contexto
<p><b>Características dos museus</b></p>	<p>O MCA foi inaugurado em 1987. Relativamente à rede, o MCA considera que a rede possibilitou uma ligação entre os museus do concelho de VNF. Apesar de não ter um papel direto no museu, a rede ajuda a consolidar diversas atividades no museu. O MCA pretende continuar a fazer parte desta rede, na qual vê a rede como uma força motriz para a capacitação dos museus da rede no processo de transição no digital, sustentabilidade e na fruição cultural.</p>	<p>“O Museu de Cerâmica Artística da Fundação Castro Alves foi inaugurado em junho do ano de 1987”</p> <p>“A Rede possibilitou uma ligação entre os museus do concelho de Vila Nova de Famalicão, concedendo espaços de partilha e troca de informações que enriqueceram conhecimentos e experiências”</p> <p>“A Rede não tem nenhum papel no funcionamento do Museu de Cerâmica artística, mas consolida algumas atividades no Museu”</p>
<p><b>Instalações e estrutura dos museus</b></p>	<p>Museu possui as adequadas condições das instalações, sendo que são necessárias melhorias no museu para a acessibilidade de público com mobilidade reduzida. O corpo de funcionários consiste em 2 funcionários, 1 técnico de serviço educativo, e 1 técnico que operacionaliza o espaço na sua limpeza e conservação.</p>	<p>“O Museu possui as adequadas condições das instalações, para a exibição das suas coleções, assim como para a preservação e conservação das peças”</p> <p>“É um museu descentralizado da Cidade de Famalicão, sendo o Museu mais distante da Rede de Museus de Famalicão, com poucos acessos nos transportes públicos, mas que vem crescendo o número de visitantes”</p> <p>“dois funcionários, um técnico do serviço educativo e um técnico que operacionaliza o espaço, na sua limpeza e conservação. Cinco técnicos estão alocados à oficina, dando apoio ao serviço educativo e conservação das peças, mas não estão a tempo inteiro”</p>

<p align="center"><b>Gestão das informações das coleções</b></p>	<p>O MCA dispõe de um regulamento interno relativamente às regras de funcionamento das coleções. É utilizado instrumentos digitais para a gestão de informação, sendo utilizado o Excel e Word como software de catalogação, levando a que considerem que estão tecnologicamente atrasados em relação aos museus da rede. Na preservação das coleções é preservação digital e backup.</p>	<p>“Dispomos de um Regulamento interno.”</p> <p>“Computador, Máquina fotográfica, scâner e impressora”</p> <p>“Excel e Word”</p> <p>“Preservação Digital, backup.”</p>
<p align="center"><b>Divulgação e acessibilidade das coleções</b></p>	<p>O museu apresenta exposições permanentes, sendo estas exposições promovidas através da Agenda Cultural do Município, Newsletter, redes sociais, meios de comunicação regional (rádio e Televisão de Famalicão), Serviços Educativos e a própria Rede de Museus de Famalicão. De modo a incentivarem o público a visitarem o museu, realizam workshops e visitas ao vivo da oficina de cerâmica, para entenderem como foram realizadas as coleções dos museus. O seu público-alvo é o público geral.</p>	<p>“Agenda Cultural do Município, Newsletter, redes sociais, meios de comunicação regional (rádio e Televisão de Famalicão), Serviços Educativos e a própria Rede de Museus de Famalicão, que têm os seus canais de divulgação”</p> <p>“Através da possibilidade de realizarem workshops e visitarem ao vivo a oficina de cerâmica, tendo a perceção de como foram realizadas as coleções do museu”</p> <p>“Exposições permanentes”</p>

**Quadro 9** - Museu da Cerâmica Artística da Fundação Castro Alves

Entrevistado: **Museu Soledade Malvar (SM)**

Local da entrevista/meio de entrevista: Vila Nova de Famalicão

Categoria	Síntese	Contexto
<p align="center"><b>Características dos museus</b></p>	<p>O Museu Soledade Malvar (SM) foi fundado em 2002. No que diz respeito ao papel da rede, o museu SM considera que a parceria tem sido vantajosa, tendo um papel importante na persecução das ações e programas que desenvolve, bem como o apoio no cumprimento das funções museológicas. Devido ao facto de não possuir uma equipa multidisciplinar, a parceria com a rede é fundamental.</p>	<p>“A Casa-Museu foi inaugurada a 29 de setembro 2002.”</p> <p>“Uma parceria que tem dado bons frutos.”</p> <p>“Tem um papel importante na persecução das ações e programas que desenvolve, bem como o apoio no cumprimento das funções museológicas.”</p> <p>“Casa-Museu Soledade Malvar não possui uma equipa multidisciplinar, o trabalho em</p>

		<p>rede é fundamental para a persecução de objetivos.”</p> <p>“O papel da Rede tem sido fundamental na divulgação dos Museus de Famalicão, desde os de gestão municipal, partilhada e de gestão privada”</p>
<b>Instalações e estrutura dos museus</b>	<p>Sendo uma casa-museu, o edifício foi construído entre 1954 e 1957. O corpo de funcionários consiste em 1 Técnico Superior, da área da Educação Social e 1 Auxiliar de Ação Educativa.</p> <p>Durante a pandemia, o edifício fechou e os colaboradores ficaram em teletrabalho.</p>	<p>“Apesar de algum condicionamento na acessibilidade tem sido visitável por público heterogéneo.”</p> <p>“1 Técnico Superior, da área da Educação Social e 1 Auxiliar de Ação Educativa”</p>
<b>Gestão das informações das coleções</b>	<p>As regras de funcionamento são regidas pelo Regulamento dos Museus Municipais, revisto e publicado em DR em junho de 2021. Utilizam suporte digital para a gestão de informação e o software <i>InPatrimonium</i> e <i>Famalicão ID</i> para a preservação e catalogação do seu acervo.</p>	<p>“As regras de funcionamento são regidas pelo Regulamento dos Museus Municipais, revisto e publicado em DR em junho de 2021.”</p> <p>“Telefone; E-mail; Booklet dos Museus de Famalicão”</p> <p>“O inventário é feito no programa InPatrimonium NET e depois disponibilizado online na plataforma concelhia Famalicão ID.”</p> <p>“A tecnologia é apenas utilizada nos serviços de gestão interna e de coleções”</p> <p>“São utilizados instrumentos de preservação/conservação.”</p>
<b>Divulgação e acessibilidade das coleções</b>	<p>O SM apresenta uma exposição permanente, sendo promovida através do Gabinete de Comunicação do município e da galeria aberta que permite que todos os artistas atraiam um público diferente, assim como através das redes sociais do município. O público-alvo é o público geral. O município integra os projetos Quadrilátero e a REMMO AVE - Rede de Museus e Monumentos do Ave, na qual promove o museu.</p>	<p>“O nível de divulgação deste espaço tem sido mais tímido e é da responsabilidade do Gabinete de Comunicação do município.”</p> <p>“. Ao nível da presença online esta é feita através da página de Facebook da Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão. Usamos também o Google Business com a informação atualizada da Casa-Museu e da Galeria”</p> <p>“O Município de Famalicão integra o projeto Quadrilátero e a</p>

		REMMO AVE - Rede de Museus e Monumentos do Ave.”  “Permanente”
--	--	--

**Quadro 10** - Museu Soledade Malvar

Entrevistado: **Centro Português do Surrealismo (CPS)**

Local da entrevista/meio de entrevista: Vila Nova de Famalicão

<b>Categoria</b>	<b>Síntese</b>	<b>Contexto</b>
<b>Características dos museus</b>	O Centro Português do Surrealismo (CPS) foi criado em 1972. Segundo o CPS, a rede fomentou e facilitou o trabalho em conjunto com a oferta de atividades, ajudando na aplicação de métodos de avaliação em atividades de serviço educativo. A parceria permite criar oportunidades que sem a rede não seriam possíveis, de acordo com o CPS. Relativamente ao futuro, o CPS espera que o trabalho que tem sido realizado com a rede que continue e que sejam melhoradas outras áreas (por exemplo, criação de grupos de trabalho para as diversas áreas: inventário, conservação preventiva, entre outras)	<p>“O Museu inaugurou no dia 8 de dezembro de 1972”</p> <p>“A RMVNF veio, sem dúvida, facilitar e fomentar o trabalho em conjunto com a oferta de atividades”</p> <p>“Preferimos este apoio que definitivamente faz a diferença no nosso dia a dia e gera oportunidades que de outra forma não teríamos acesso.”</p> <p>“Esperamos um futuro de capacitação, colaboração (por exemplo, criação de grupos de trabalho para as diversas áreas: inventário, conservação preventiva, entre outras), encontros, parcerias e divulgação.”</p>
<b>Instalações e estrutura dos museus</b>	Apesar de ter sido construído entre 1967 e 1970, o edifício foi requalificado em 2018, levando a que sejam consideradas boas instalações. Têm atingido boas quotas de visitantes, apesar da descentralização da cidade. O CPS é composto por 12 funcionários (4 técnicos superior; 3 outro pessoal técnico; 3 pessoal administrativo; 2 pessoal auxiliar e operário).	<p>“Salientamos as obras de requalificação de 2018 vieram colmatar algumas fragilidades, embora não tenham abrangido todo o edifício”</p> <p>“12 pessoas: 4 técnicos superior; 3 outro pessoal técnico; 3 pessoal administrativo; 2 pessoal auxiliar e operário.”</p>

<p style="text-align: center;"><b>Gestão das informações das coleções</b></p>	<p>No que diz respeito às regras de funcionamento das coleções, o CPS segue a Lei-Quadro dos Museus Portugueses Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto, e demais legislação do património móvel, assim como com as diretivas emanadas pela DGPC-RPM, o Código de Ética do ICOM, normas SPECTRUM e CIDOC. Utiliza suporte escrito na gestão da informação, e o software <i>In arte</i>. No museu apresentam écrans touch, vídeo projeção e uma app da instituição. Na preservação das coleções utilizam o AVAC, grelhas deslizantes e arquivadores,</p>	<p>“De acordo com a Lei-Quadro dos Museus Portugueses Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto, e demais legislação do património móvel, assim como com as diretivas emanadas pela DGPC-RPM, o Código de Ética do ICOM, normas SPECTRUM e CIDOC.”</p> <p>“Relatório anual de atividades e contas; elaboração de manuais de procedimentos”</p> <p>“Utilizamos o In arte online”</p> <p>“Écrans touch; vídeo projeção; app da instituição”</p> <p>“Preservação: AVAC. Armazenamento (não consideramos uma tecnologia, a não ser que se refira ao digital): grelhas deslizantes, arquivadores, estantes (forradas com espuma de polietileno, colocados sobre estrado)”</p>
<p style="text-align: center;"><b>Divulgação e acessibilidade das coleções</b></p>	<p>O CPS apresenta uma dualidade de exposições de longa e de curta duração. As exposições são promovidas através redes sociais; site; imprensa; tv e rádio; redes de museus que integramos; DGPC-RPM; DRCN. Tendo como público-alvo o público geral, o CPS apoia-se em medidas como Programação do Serviço educativo: oficinas, visitas orientadas, sessões de cinema, workshops para atrair o público.</p>	<p>“Redes sociais; site; imprensa; tv e rádio; redes de museus que integramos; DGPC-RPM; DRCN.”</p> <p>“Programação do Serviço educativo: oficinas, visitas orientadas, sessões de cinema, workshops.”</p> <p>“Público em geral”</p> <p>“A coleção do Museu integra exposições de longa e curta duração”</p>

**Quadro 11** - Centro Português do Surrealismo

Entrevistado: **Museu Bernardino Machado (MBM)**

Local da entrevista/meio de entrevista: Vila Nova de Famalicão

Categoria	Síntese	Contexto
<p><b>Características dos museus</b></p>	<p>Fundado em 2001, o Museu Bernardino Machado (MBM) considera que o trabalho elaborado pela rede enriquece os diversos museus, sendo a partilha de ideias e experiências fundamental. O MBM vê o futuro da rede como um papel cada vez mais agregador do museu de VNF, apoiando diversas áreas.</p>	<p>“15 de dezembro 2001”</p> <p>“a dinâmica de podermos trabalhar em rede só enriquece cada museu. A partilha de ideia e experiências é fundamental para o nosso trabalho”</p> <p>“A rede tem um papel fundamental no nosso funcionamento”</p> <p>“a rede no futuro terá um papel cada vez mais agregador do museu de Vila Nova de Famalicão, apoiam o seu funcionalmente nas variadas áreas de intervenção.”</p>
<p><b>Instalações e estrutura dos museus</b></p>	<p>O MBM está instalado num edifício mais emblemático de VNF, apresentando a arquitetura do edifício como um ponto de atração. O museu tem atingido boas quotas de visitantes. Durante a pandemia, o museu realizou diversas atividades online, como criou uma MBM box, que é enviada para escolas com atividades sobre o museu. O museu é composto por 5 elementos.</p>	<p>“está instalado num dos edifícios mais emblemáticos de Vila Nova de Famalicão, o Palacete Barão de Trovisqueira, só por isso tem uma importância ímpar”</p> <p>“Criamos uma plataforma com os QR code”</p> <p>“MBM box, que é uma box que tem atividades para as escolas para serem enviadas por correio e tem uma explicação e com um livro sobre o Bernardino Machado e depois tem material para fazerem a atividade e aprendem sobre o Bernardino”</p> <p>“O museu neste momento é constituído por 5 elementos”</p>
<p><b>Gestão das informações das coleções</b></p>	<p>O MBM utiliza as regras de funcionamento relativamente às coleções segundo as constantes na Lei-Quadro dos Museus Portugueses, 2004, apoiando-se em suportes digitais e físicos na gestão de informação. Já aplicado</p>	<p>“As constantes na Lei-quadro dos Museus Portugueses, 2004”</p> <p>“Suporte informático digital e escrito.”</p>

	<p>previamente à pandemia, o <i>InPatrimonium</i> é o software utilizado pelo museu. No museu é utilizado diversos QR code presentes nas exposições. Apesar de considerarem que o MBM está tecnologicamente atrasado, o museu tenta aproveitar o que possui para atrair público. Na preservação utilizam preservação digital.</p>	<p>“Antes era feito com Excel, mas agora é utilizado o Programa In patrimônio, mas já era utilizado durante a pandemia.”</p> <p>“QR Code.”</p> <p>“Preservação Digital.”</p>
<p><b>Divulgação e acessibilidade das coleções</b></p>	<p>O MBM apresenta exposições permanentes e exposições temporárias. A divulgação do museu e das coleções são realizadas através das redes sociais e do site do município, cabendo ao município promover e divulgar os museus pela comunidade (público-geral).</p> <p>O arquivo é bastante fechado, mas neste momento, estão cerca de 7 000 documentos inventariados e digitalizados para serem disponibilizados no Famalicão ID</p>	<p>“O nosso arquivo é um arquivo bastante fechado porque o coordenador científico exige isso. (...) temos cerca 7 000 documentos inventariados e digitalizados para serem disponibilizados no Famalicão ID”</p> <p>“Pelas redes sociais e o site do Município de VNF.”</p> <p>“Público em geral.”</p> <p>“O Município promove e divulga os museus pela comunidade, quer dentro do território, quer fora do território.”</p> <p>“Exposição permanente que é do Bernardino Machado. Por ano temos 3 ou 4 exposições temporárias que tem uma relação ao Bernardino Machado”</p>

Quadro 12 - Museu Bernardino Machado

## Apêndice IV

Museu	Missão
Museu da Guerra Colonial	Promover a compreensão da história e do impacto da guerra colonial nas suas dimensões pessoal, nacional e internacional, com ênfase na experiência humana.
Museu Ferroviário	Selecionar, recuperar, preservar, investigar, interpretar, promover e divulgar o património ferroviário português.
Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave	Formar cidadãos mais conscientes dos impactos da produção têxtil e dos seus consumos individuais.
Museu da Cerâmica Artística da Fundação Castro Alves	Promover e divulgar a cerâmica artística representativa da identidade da Escola de Cerâmica, enquanto espaço de inspiração e criatividade humana, aberto à partilha e à promoção do conhecimento para a valorização artística.
Casa-Museu Soledade Malvar	Criar oportunidades de encontro, diálogo e partilha de experiências, baseadas na relação de amor que Maria da Soledade Ramos Malvar Osório tinha com a comunidade local, a cidade de Vila Nova de Famalicão e os seus habitantes.
Centro Português do Surrealismo	Construir conhecimento sobre a Arte Surrealista portuguesa, integrando múltiplas vozes e olhares, para estimular o pensamento crítico e a criatividade.
Museu Bernardino Machado	Convocar a história e a memória como agentes do conhecimento, fomentar o diálogo e a ação comunicacional, promover a liberdade de pensar, a sociabilidade, o homem como “projeto” (e não mero “objeto”), o personalismo e a cidadania.
Museu de Arte Sacra	Criar espaços de encontro e reflexão que promovam a consciência antropológica do mundo e do sentido da vida, através das dimensões espirituais da Arte Sacra.

Casa-Camilo	Valorizar e promover o património de Camilo Castelo Branco, a literacia e o conhecimento.
Museu do Automóvel	Promover o conhecimento sobre a evolução histórica do automóvel e o seu impacto nas sociedades.